

Em certos casos, construções igualmente do início do século XX, apresentavam maiores preocupações na elaboração das fachadas, como no projeto de 1910, (**Figura 61**-proc.186/1910)³⁷⁰ na rua do Parque, exemplificando, através das 4 residências construídas por Rudolf Ahrons³⁷¹, a singeleza destas habitações em grupo, provavelmente destinadas para aluguel. Externamente, demonstram um cuidado no tratamento dos elementos arquitetônicos e no uso de adornos, principalmente na hierarquia concedida às unidades das extremidades. No interior, repete-se a configuração formada pela sucessão de 3 cômodos, sendo o do meio uma alcova, subdivididos por painéis leves, e tendo como anexo a cozinha.

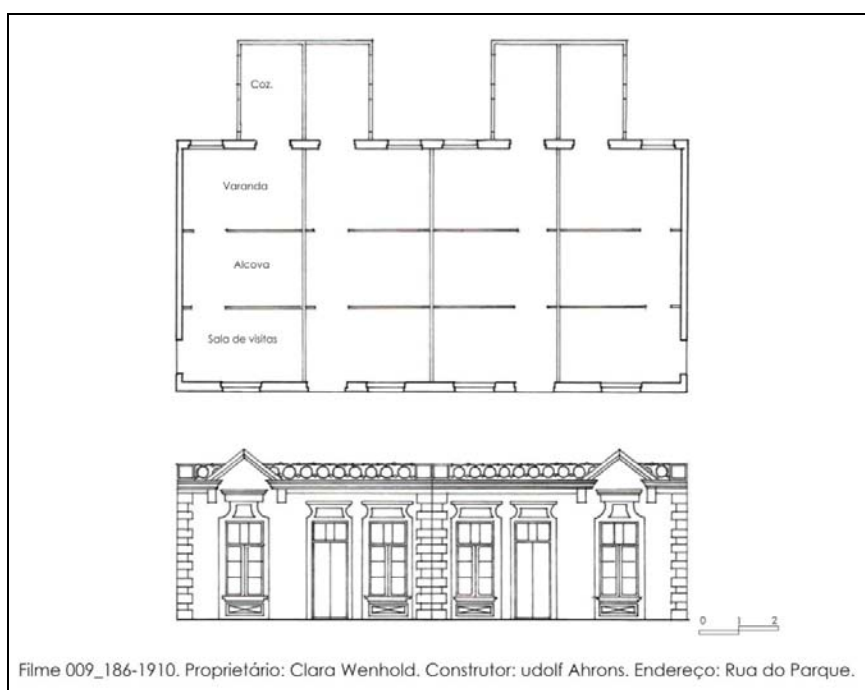


Figura 61 - Proc. 186/1910.

Mais tarde, no início dos anos 30, três casas alinhadas à rua Conde de Porto Alegre, (**Figura 62**-proc. 13483/1929)³⁷² de Leônidas Tellini³⁷³, atestam a continuidade

³⁷⁰ Filme 009, proc. 186/1910, propriet. Clara Wenhold, resp.téc.Rudolf Ahrons, Rua do Parque.

³⁷¹ Rudolf Ahrons nasceu em Porto Alegre em 1869. Estudou em Berlim, onde fez a Universidade Técnica. Voltando ao Brasil, lecionou na Escola de Engenharia. São de 1902, os seus primeiros projetos encaminhados para aprovação. Em sua empresa construtora, teve a colaboração no Departamento de Arquitetura, Hermann Otto Menchen de 1903-1907 e Theo Wiederspahn de 1908-1915. Foi responsável por algumas das obras mais expressivas da época, entre elas: as Faculdades de Direito e Medicina, os prédios dos Correios e Telégrafos, da Delegacia Fiscal, a Cervejaria Bopp, várias sedes bancárias, edifícios comerciais e palacetes. WEIMER, Günter. **Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul. 1892/1945**. Santa Maria: editora UFSM, 2004, p. 18, 19, 20.

³⁷² Filme 040, proc. 13483/1929, proprietário Lino Mazzali, resp. téc. Leônidas Tellini, Rua Conde de Porto Alegre, 245.

deste partido, mas revelando condições superiores. Neste caso, são sobrados que se organizam em torno de um programa um pouco mais generoso, constituído de sala, varanda, onde se localiza a escada e cozinha, no pavimento térreo e no superior, dois dormitórios e banheiro. Percebe-se a intenção em elevá-las em relação ao logradouro, o que contempla as questões de maior privacidade em relação à comunicação entre a rua e a sala situada na frente, bem como as melhorias resultantes desta elevação, considerando-se as precárias condições da zona em tempos de cheias. O porão, também parece ser recurso importante contra os problemas de umidade provenientes de tal situação. Evidencia-se, através deste caso, uma diferença no padrão destas residências, se comparadas a outros conjuntos das proximidades.

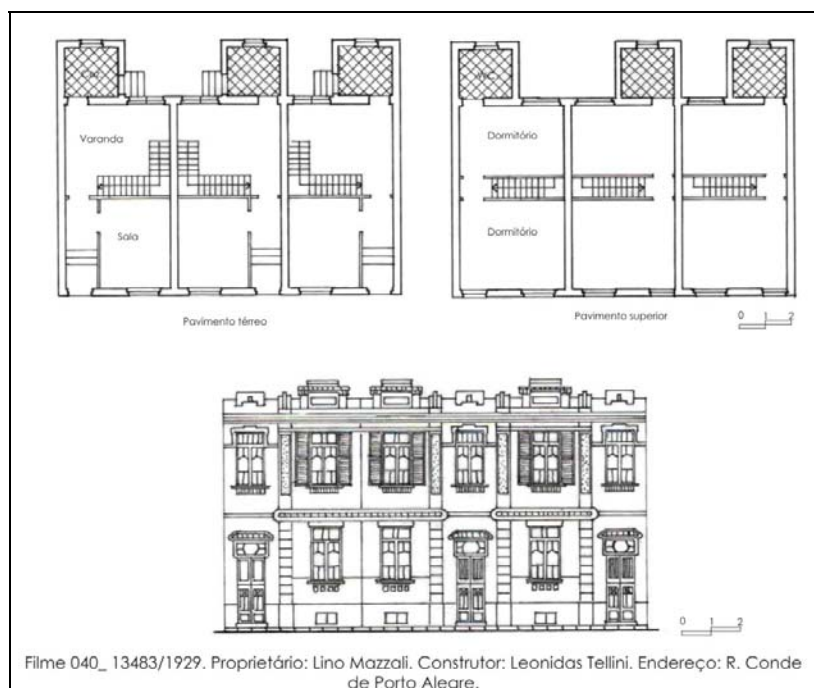


Figura 62 - Filme 040_13483/1929.

³⁷³ **Leônidas Tellini** aparentemente teve sua atuação restrita à área da construção civil. Provavelmente teria sido sócio da firma Irmãos Tellini. No período de 1928 a 1952, sob sua responsabilidade, foram identificados: a residência de João Pianca, o Cinema Ipiranga e o castelinho da esquina da Vasco Alves com Fernando Machado. WEIMER, 2004, op. cit. p. 178.



Figura 63 - Foto atual(agosto de 2010) do conjunto de casas da Conde de Porto Alegre.
Fonte: Fotografia da autora.

No desenvolvimento do bairro industrial, a necessidade de habitação operária pode ser evidenciada através do projeto aprovado em 1912, de um loteamento da iniciativa privada, na antiga chácara do Cel. Ernesto Carneiro da Fontoura, a poucas quadras da Voluntários da Pátria, e nas proximidades da Fiação e Tecidos Porto-alegrense (FIATECI). Com ele, era proposta a venda de terrenos, que aliavam as vantagens de localização junto às diversas fábricas, serviços de linhas de bondes elétricos e proximidade com a Estação da Estrada de Ferro, constituindo-se, na época, em um bom emprego de capital:

A aquisição dos terrenos que se oferecem à venda representa na atualidade um dos melhores empregos de capital, pois que eles se acham situados no bairro mais próspero da cidade, centro industrial atualmente e que tende a transformar-se em seu centro comercial. Nestas condições é claro que os capitais hoje empregados em tais terrenos se multiplicam rapidamente.³⁷⁴

No mesmo ano, também foi encaminhado ao município, o projeto de um grupo de 10 pequenas casas de porta e janela na rua Gaspar Martins. A solução da planta baixa também era a dos cômodos enfileirados, sala, dois dormitórios(alcovas)

³⁷⁴ Conforme processo 971/1912. O anúncio dos terrenos era acompanhado de planta de localização do empreendimento e planta do loteamento. Fica evidente no projeto a intenção de aproveitamento máximo de cada quadra, no intuito de gerar um número maior de lotes. Assim, seu excessivo fracionamento originou um grande número de lotes, muito longos, mas de pouca testada.

e varanda, tendo os serviços como anexo, mas já possuindo w.c. (**Figura64**-processo 312/1912)³⁷⁵.

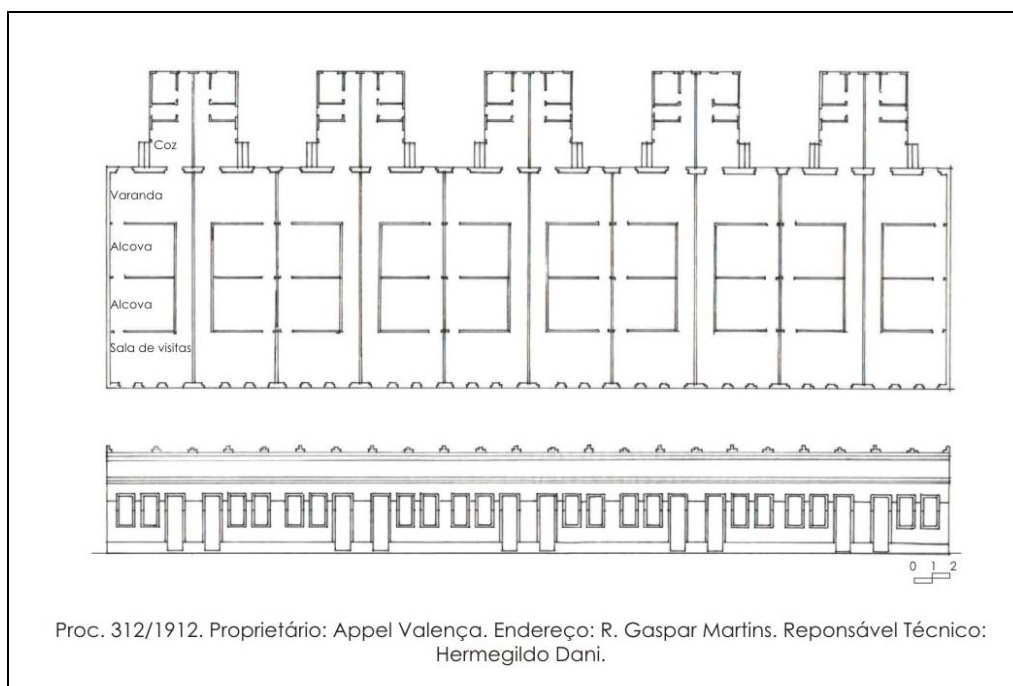


Figura 64 - Proc. 312/1912.

Portanto, evidencia-se, no início do século passado, por parte de especuladores, uma tendência a investimentos em casas de renda, acompanhando o processo de crescimento econômico e de desenvolvimento industrial da cidade. Franco salienta o fato de que, a partir do exercício de 1903/1904, até 1911/1912, em sintonia com o desenvolvimento da cidade, houve uma grande ascensão do número de licenciamentos de construções de Porto Alegre, sendo que, de 1903 a 1912, licenciaram-se 6 060 prédios.³⁷⁶ Essas tendências podem ser melhor observadas através do número de projetos encaminhados para aprovação na Prefeitura de Porto Alegre, conforme demonstra o gráfico.

³⁷⁵ Filme 10,proc. 312/1912,propriet.Appel Valença, resp.téc. Hemenergildo Dani,Rua Gaspar Martins.

³⁷⁶ FRANCO, 2000,op.cit.,p.72

O autor observa que, o ritmo de crescimento de construções deste período, equivaleria "a uma cidade nova, se considerarmos o que fora a cidade do fim do século precedente". Ibid,p.72.

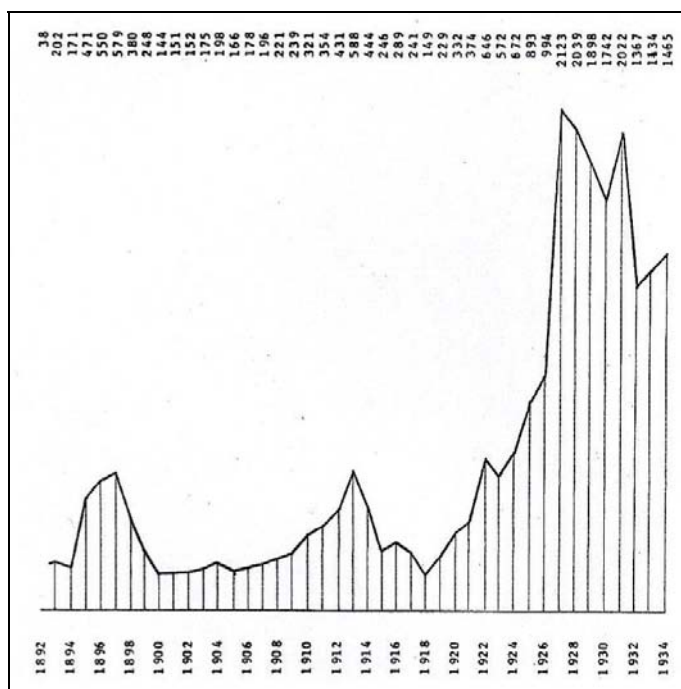


Figura 65 - Gráfico do número de projetos encaminhados para aprovação na prefeitura de Porto Alegre.
 Fonte: WEIMER, 2009, op.cit.,p.44.

Nesta época, a grande demanda por moradias acessíveis para a população operária tornava viável a construção destes grupos de diversas casas sequenciais, recorrentes nas proximidades das fábricas. A fim de melhor aproveitar os terrenos, as unidades eram estreitas e longas, o que gerava problemas de iluminação e ventilação dos compartimentos centrais.

Em outros casos, pode-se perceber, através dos processos analisados, que nem todos perseguiram a ideia de módulos passíveis de repetição, ou unidades padronizadas, justapostas e com plantas baixas idênticas, comumente utilizadas nas habitações operárias. Nestas experiências, efetivavam-se variações no agenciamento dos espaços internos, por conta das dificuldades em atender às questões de iluminação e ventilação dos compartimentos, diferenciações em terrenos de esquina, ou mesmo, alterações nos programas de necessidades, como evidenciados no projeto de Augusto Sartori³⁷⁷ (Figura66-proc.1080/1925) e também nos

³⁷⁷ **Augusto Sartori** foi um construtor que nasceu na colônia italiana, muito ativo nas décadas de 1910 e 1920. Suas obras mais importantes foram o cinema Colombo, na avenida Cristóvão Colombo, o edifício La Porta (esquina da rua Uruguai com Andradas) e a Sociedade Humanitária Padre Caciue (Demétrio Ribeiro). WEIMER, 2004, op.cit.p.154,155.

processos 5603/1929 de Oscar Marjewski e 16092/39 de Helmuth Petry³⁷⁸, para os Aposentados e Pensionistas da Via Férrea.³⁷⁹



Figura 66 - Filme 022_1080-1925.

³⁷⁸ **Helmuth Petry** tinha uma empresa com seu pai, Francisco Petry, também construtor, com grande atuação entre 1936 e 1949. Nesta época construiu edifícios importantes como o Glória (rua Barros Cassal), o São Paulo (esquina Barros Cassal com Independência) e o da esquina do aruá José do Patrocínio com a República, todos projetados por Franz Filsinger. Antes da Segunda Guerra Mundial, fez diversas construções para a Caixa de Aposentadorias e Pensões dos Empregados da Viação Férrea. No entanto, sua firma foi a falência no início dos anos 50. WEIMER, 2004, op.cit. p. 137.

³⁷⁹ Filme 022, proc. 1080/1925, propriet. não consta, resp. téc. Augusto Sartori, Rua Álvaro Chaves. Filme 037, proc. 5603/1929, propriet. Leonello Ellerig, resp. téc. Oscar Marjewski, rua Gaspar Martins. Filme 82, proc. 16092/39, propriet. Aposentados e Pensionistas da Via Férrea, resp. téc. Helmuth Petry, rua São Carlos.



Figura 67 - Foto atual (agosto de 2010) da edificação da Voluntários da Pátria esquina com Álvaro Chaves.

Fonte: Fotografia da autora.

Estas e outras concepções no uso da moradia em fita revelam múltiplos aspectos da diversidade dos projetos. Mesmo nos que buscavam a elaboração de plantas idênticas, percebe-se diferenças referentes às questões de representação e tratamento das fachadas dos conjuntos, destacando-se os que procuravam manter algum sentido de unidade, dos que basicamente agrupavam as diversas casas. No tocante às edificações analisadas, enquadra-se no primeiro caso, o conjunto de uso misto, projetado em dois pavimentos, por José Lutzemberger³⁸⁰, na Moura Azevedo

³⁸⁰ José Lutzemberger, responsável técnico desta edificação, foi um profissional de importantes obras da cidade. Corona diz que era um artista de “real valor”. Seus projetos detalhadíssimos mostravam-se originais, com molduras e ornatos colocados adequadamente. CORONA, Fernando. “50 anos de formas plásticas e seus autores”. In: BECKER, Klaus (org.). **Enciclopédia rio-grandense**. Canoas: Regional, 1957, v.3, p.240,241. Segundo Weimer, nasceu na Baviera, onde fez curso acadêmico de Arquitetura. Emigrou para o Brasil em 1920. Foi dele a sede do cinema Apollo, o clube Caixerai, na rua da Praia esq. Dr. Flores (já demolido) e a Igreja São José (1923), onde também elaborou as pinturas dos murais, vitrais e obras de esculturas. Projetou também, diversos palacetes e fábricas. Em 1927, participou da construção do

(Figura68-proc.1263/1925)³⁸¹. Neste caso percebe-se a preocupação com a questão da unidade na composição, já que, externamente, dificilmente se identificam os seis módulos habitacionais propostos. A edificação apresenta-se simétrica, com distinção hierárquica central, no local dos acessos às lojas e na elevação da platibanda. A sacada, que se estende ao longo da edificação, constitui-se em elemento peculiar neste caso, já que funciona como circulação principal para os acessos às diferentes unidades do segundo pavimento. A composição mostra filiação clássica, revelando condições superiores quanto ao tratamento mais elaborado da fachada, se comparada aos exemplares anteriores. No agenciamento dos espaços residenciais do pavimento superior, a planta segue uma seqüência originada pela sala localizada a frente e acessada diretamente pela sacada, seguida dos dois dormitórios ventilados por área interna, varanda e serviços, constituídos de cozinha, área e banheiro.

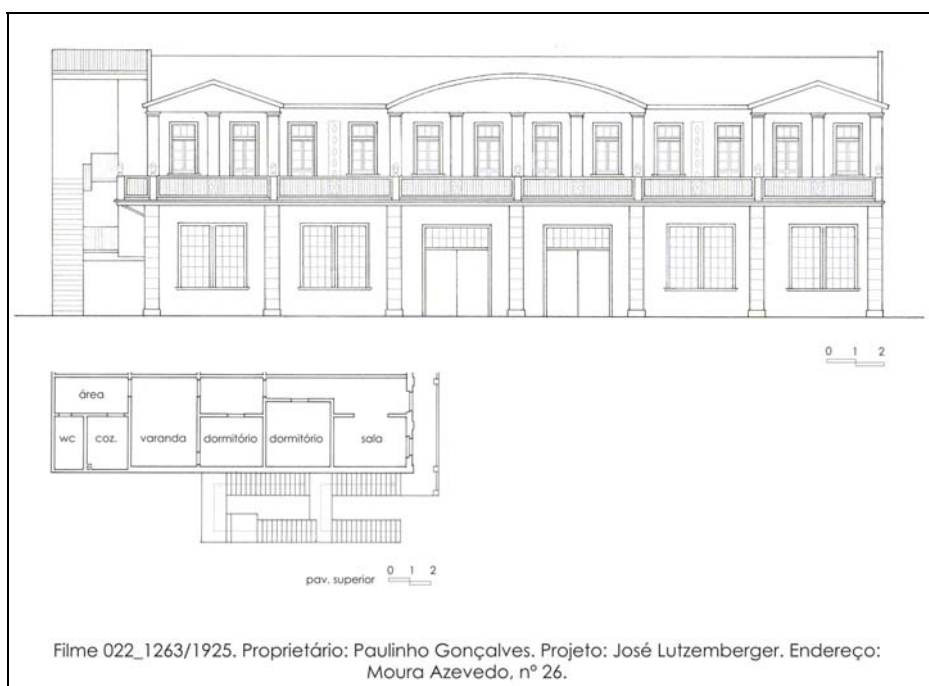


Figura 68 - Filme 022_1263/1925.



Figura 69 - Foto atual(janeiro de 2009) da edificação da Moura Azevedo, visivelmente alterada.
Fonte: Fotografia da autora.

No projeto dos sobrados em fita construídos na rua Paraíba, de propriedade da Caixa de Aposentados e Pensionistas dos Empregados da Viação Férrea do RS, (Figura70-proc.5660/1933)³⁸², não mais se verificam as intenções de tratamento de fachada única, mas sim, unidades que formam um ritmo dado pela sucessão de portas e janelas, que remetem ao padrão utilizado para moradias urbanas tradicionais. Nelas há uma disposição, em ambos os lados da rua, em agrupamentos de 10 e 13 unidades, compostas de 2 e 3 dormitórios. Quanto ao programa residencial, apresenta-se mais funcional, já que a casa se desenvolve em dois pavimentos. No primeiro, há uma área frontal que dá acesso ao hall de distribuição e que contém a escada, seguindo-se a sala, gabinete, serviços e no segundo pavimento, os dormitórios. A vinculação com jardins frontais regula as relações de vizinhança e favorece as atividades de lazer.

³⁸² Filme 054, proc.5660/1933, propriet. Caixa de Aposentados e Pensionistas dos Empregados da Viação Férrea do RS, resp. téc. Barcelo & Cia., rua Paraíba.

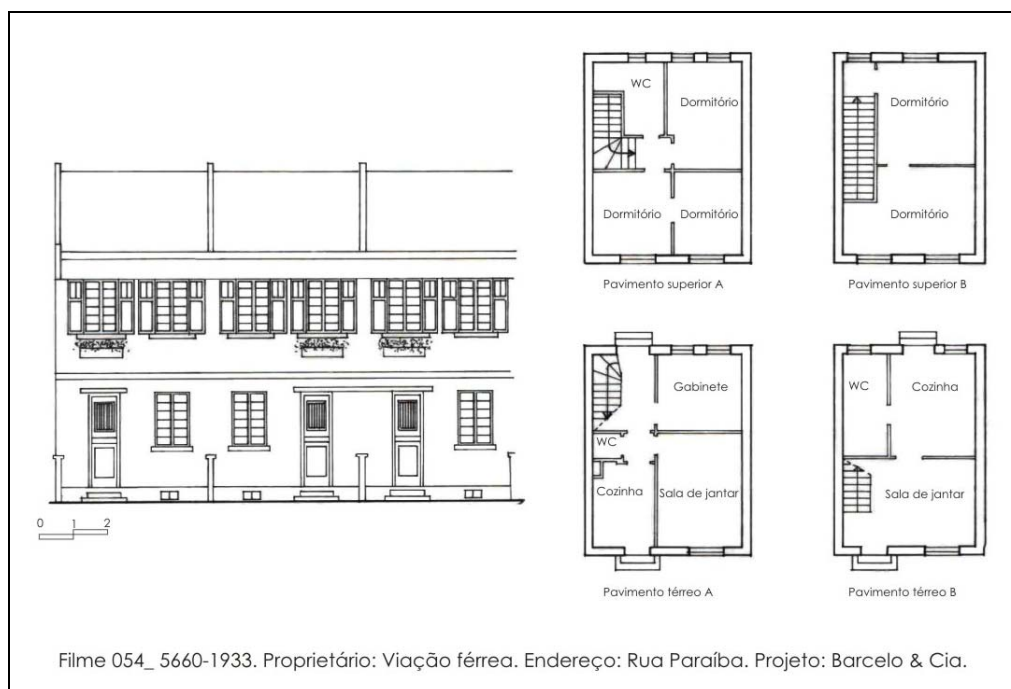


Figura 70 - Proc. 5660/1933.



Figura 71 - Foto atual(janeiro de 2009) do conjunto da rua Paraíba.
Fonte: Fotografia da autora.

Como já mencionado anteriormente, a partir de 1933, o governo federal criou os Institutos de Aposentadorias que, reunindo profissionais por categorias, visavam a concessão de benefícios, como o da casa própria.³⁸³ Para as classes populares urbanas, esta idéia era vista como referência de bem estar e fixidez espacial da

³⁸³ Neste sentido ver: BAKOS,1986,op. cit,p.224.

LIRA, José Tavares Correia de. "Modernidade e Economia do Morar no Recife". In: SAMPAIO, Maria Ruth A. de(org.). **A Promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna**. São Carlos: Rima, 2002, p. 58.
DEGANI, J., 2003, op.cit.

família, o que determinou medidas administrativas no sentido de atender este anseio de autonomia, ao mesmo tempo em que melhorava as condições de habitações inadequadas. Relaciona-se a este fato, a proposta de moradias para os empregados da rede ferroviária, da rua Paraíba.

Nas diferentes concepções de uso da habitação, revelam-se aspectos diversos dos projetos do bairro industrial de Porto Alegre. Em algumas edificações de ocupações mistas eram priorizados os espaços destinados às atividades comerciais, sendo que a solução para o setor residencial imediato era configurada sem grandes pretensões à privacidade. Nestes casos, ainda não era usual a separação entre moradia e trabalho, já que os comerciantes ou negociantes residiam e trabalhavam no mesmo prédio. Alguns projetos, como as 4 unidades mencionadas anteriormente, de uso misto, da esquina da Álvaro Chaves com Voluntários da Pátria (proc.1080/1925)³⁸⁴, evidenciam uma sobreposição de circulações, acarretando a falta de independência entre o uso comercial e residencial. Neste caso, apesar da preocupação com frisos e adornos que valorizam a edificação, confere-se pouca importância aos aspectos funcionais.

Esse fato também pode ser verificado, nas 4 unidades de uso misto da rua Moura Azevedo (**Figura72**-proc.6708/1928)³⁸⁵, provavelmente destinadas a aluguel, idealizado pelo arquiteto alemão Adolf Siegert para Carlos Barth, também proprietário de um palacete na rua Santo Inácio esquina Luciana de Abreu e de uma loja da rua Uruguai, também projetados por Siegert.³⁸⁶ Alinhados à rua e sem afastamentos laterais, os sobrados se relacionam diretamente com o logradouro através das lojas. Percebe-se a evidente falta de especialização no tocante às preocupações em separar os acessos residencial e comercial, já que ambos se fazem através da própria loja e, a ligação entre os dois pavimentos, por meio de uma escada localizada na varanda. Há uma singeleza no trato das questões residenciais

³⁸⁴ Filme 022,proc.1080/1925,propriet. não consta,resp.técnico Augusto Sartori, rua Álvaro Chaves esq. Voluntários da Pátria.

³⁸⁵ Filme 034,proc.6708/1928, propriet. Carlos Barth Jr.,resp. téc. Adolf Siegert, Rua Moura Azevedo.

³⁸⁶ **Adolf Siegert** era arquiteto natural da cidade de Colônia e emigrou em 1923 para Porto Alegre. Teve uma vida profissional muito ativa, entre 1925 e 1939, sendo que projetou diversos palacetes para a burguesia teuto da cidade, como os Simsh, Gerdau, Livonius, Dillenburg, Moeller e Wallig. Fundou uma empresa construtora no 4º. Distrito, na rua Ernesto Alves (Adolf Siegert & Cia.). Entre as suas obras relevantes, resta a residência de Carlos Barth, na rua Santo Inácio esquina Luciana de Abreu. Faleceu em 1961. WEIMER,2004,op.cit.p. 166.

e do programa, composto de varanda, cozinha e banheiro no pavimento inferior e dois dormitórios no superior. Diferentemente de outros exemplares, que aliavam trabalho e moradia, foi suprimida a tradicional circulação longitudinal localizada a partir do passeio e que, de alguma forma, proporcionava mais privacidade à residência localizada exclusivamente no pavimento superior, situação de partido arquitetônico da maioria dos sobrados urbanos tradicionais e, especialmente, da Voluntários da Pátria, no seu trecho mais central.³⁸⁷

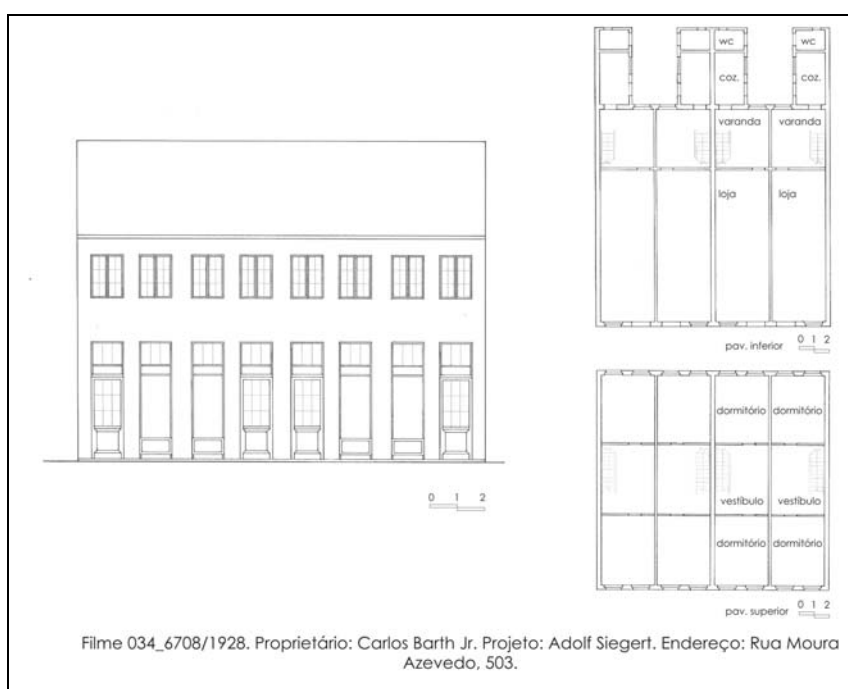


Figura 72 - Filme 034_6708/1928.

Como em alguns exemplares da área, a proposta de união entre habitação e trabalho no mesmo prédio, nas 4 unidades da Moura Azevedo, não prevê a separação entre os seus usuários, proprietários ou inquilinos. Há uma evidente prioridade concedida ao trabalho, que acaba deixando pouco espaço à vida familiar. Por outro lado, apesar de organizarem-se em terrenos de testadas menores e através de justaposição, verifica-se uma tendência em eliminar as alcovas, com a adoção de pequenas áreas de iluminação, propiciadas através de avanços técnicos e construtivos em relação à utilização de calhas e condutores para o escoamento das águas pluviais.

³⁸⁷ Neste sentido ver: MATTAR, 2001, op. cit.

Apesar do uso misto ser corriqueiro no 4º. Distrito, é possível, através da leitura dos projetos, perceber-se a tendência à utilização de uma única atividade, principalmente nos sobrados em fita. Quanto à destinação dos recintos, a sala constitui-se no compartimento de maior prestígio e em elemento de transição entre a rua e mundo familiar, já que, invariavelmente, é localizada na frente. Organizadora do setor social, aparece nas edificações mais singelas como restrita a um único ambiente, como em outro conjunto projetado também pelo arquiteto Adolf Siegert (**Figura73**-proc.19270/1932).³⁸⁸

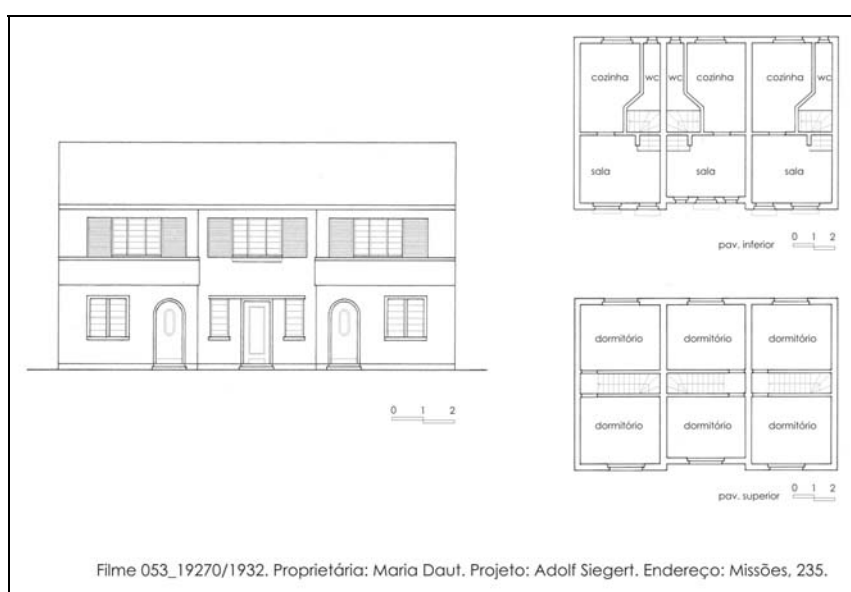


Figura 73 - Filme 053_19270/1932.

Sem grandes alterações funcionais, fica evidente que, nas casas construídas em terrenos mais estreitos, vinculadas à planta alongada e à distribuição sequencial dos recintos, a sala permanece isolada da varanda, local destinado às refeições da família e, invariavelmente, contíguo à cozinha. Elemento central da vida domiciliar, a varanda também servia às diversas funções da dona de casa. Por sua evidente importância, em alguns projetos analisados, aparece como compartimento que substitui a sala, como nos já comentados sobrados da Moura Azevedo (proc.6708/1928) e os de Leonidas Tellini, na Conde de Porto Alegre(proc.13483/1929).

³⁸⁸ Filme 053,proc.19270/1932, proprietária Maria Daut,resp.téc. Adolf Siegert,rua Missões.

Um fator que demonstra alteração no que toca às questões de usos e novas vivências na arquitetura residencial, pode ser constatado nos casos em que a sala de jantar se aproximou do estar, ou seja, na forma de compartimentos justapostos e integrados, principalmente nas moradias de dois pavimentos (proc. 5603/1929). Neste sentido, parece pertinente a afirmação de Guerrand de que, no decorrer do século XX, a sala de jantar perdeu seu caráter de intimidade, antes destinado essencialmente ao encontro dos membros familiares.³⁸⁹

Outras transformações são as relativas à imagem plástica dos exemplares: das fachadas que incorporavam elementos clássicos, expressivos ornamentos ou preocupação em destacar a esquina, para aquelas que tenderam a novos padrões formais, de simplificação e alterações dos elementos arquitetônicos. Alguns projetos exemplificam estas inovações, como as três moradias da rua Missões, anteriormente referidas (proc. 19270/1932), onde a horizontalidade das janelas, o desenho das portas e a eliminação da platibanda adornada que esconde o telhado, sinalizam avanços no trato das questões de linguagem e nos padrões estéticos, evidenciando-se, já nos primeiros anos da década de 1930, um direcionamento à outra modernidade, que seria a tônica adotada em Porto Alegre, nos anos que se seguiram.

Comparando-se estes conjuntos de casas em fita com os localizados nas proximidades da área estudada e que, atualmente, inserem-se no bairro Floresta, percebe-se que os últimos revelam condições um pouco superiores às citadas, através de programas desenvolvidos em dois pavimentos, da utilização de áreas mais generosas, da configuração da planta, que abandona o esquema dos cômodos seqüenciais, das preocupações com a valorização dos elementos compositivos das fachadas e de hierarquia conferida às esquinas. São os casos dos projetos: proc. 7454/1927,³⁹⁰ na Comendador Azevedo esquina com Florida, proc. 5603/1929,³⁹¹ na esquina da Gaspar Martins com São Carlos, proc. 10425/1929³⁹² da São

³⁸⁹ GUERRAND, 1995, op. cit., p. 333.

³⁹⁰ Filme 029, proc. 7454/1927, propriet. Franco Andrighetto, resp. téc. Franco Andrighetto, rua Comendador Azevedo esq. Florida.

³⁹¹ Filme 037, proc. 5603/1929, propriet. Leonello Ellerig, resp. téc. Oscar Marjewski, rua Gaspar Martins esq. São Carlos.

³⁹² Filme 039, proc. 10425/1929, propriet. Oscar Bastian Pinto, resp. téc. Deckerhoff & Widmann, rua São Carlos, esq. Hoffman.

Carlos esquina com Hoffman e do projeto localizado na esquina da São Carlos com Almirante Barroso (**Figura74**-proc.16092 /1939)³⁹³. Cabe destacar, neste último conjunto de 7 residências para Aposentados e Pensionistas da Via Férrea, as inovações formais com a introdução de elementos Déco, principalmente na diferenciação conferida ao exemplar da esquina. Somente nele é eliminado o telhado de telhas francesas, substituído por platibanda com detalhe escalonado que, juntamente com a volumetria de linhas curvas, demonstram a grande popularização do Déco. Neste conjunto há pequenas diferenças entre as residências, através da adição de sacadas e, também, a introdução da garagem como novo requisito do programa das casas em fita.

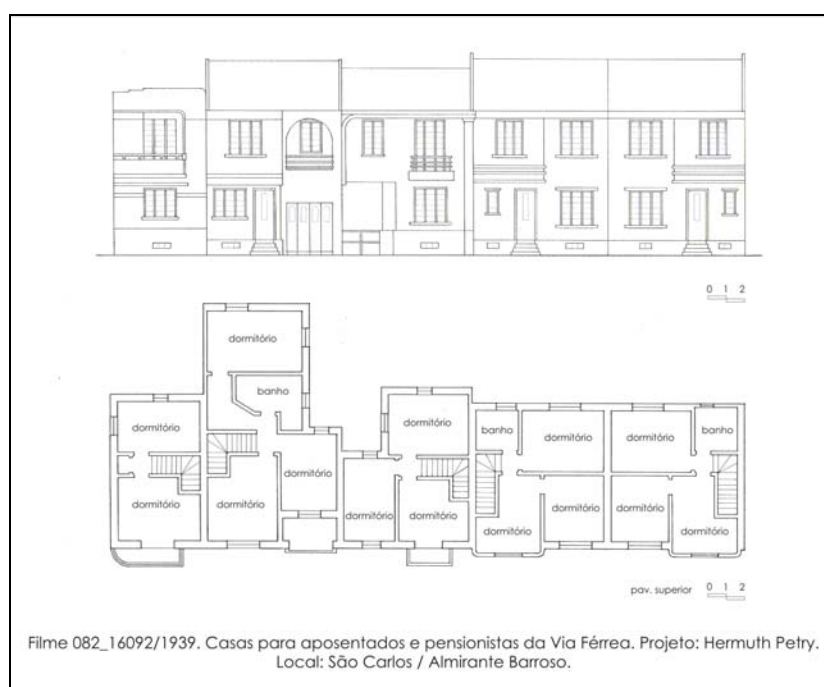


Figura 74 - Filme 082_16092/1939.

A partir do exame desses processos, verificou-se relativa diversidade de projetos em fita, apesar de serem reduzidas as variações no tocante à organização dos espaços domésticos. Como visto, esta tipologia foi utilizada tanto para os conjuntos de casas operárias, quanto para os estratos médios. Suas transformações, ficam por conta da tendência à adoção sistemática do uso exclusivamente residencial, com distribuição dos setores em dois pavimentos e

³⁹³Filme 082, proc.16092/1939,propriet. Aposentados e Pensionistas da Via Férrea, resp.téc. Helmut Petry, rua São Carlos,esq. Almirante Barroso.

inovações na concepção externa das construções, cuja aparência se tornou mais despojada a partir dos anos de 1930. Apesar disto, não há evidências de incorporação de exigências de refinamento, multiplicação e especialização do número de cômodos, já que se restringiam à adições de dormitórios ou gabinete, mantendo, portanto, a singeleza no tratamento das questões do programa e seu agenciamento.

5.3 CASAS TÉRREAS

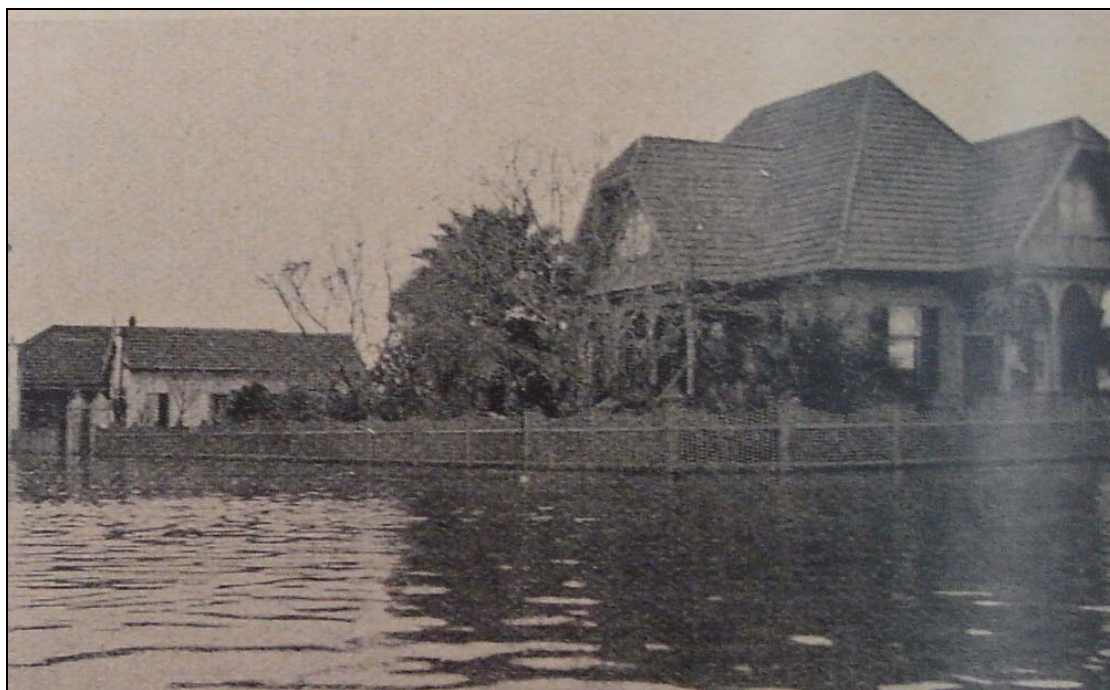


Figura 75 - Casa térrea da rua Moura Azevedo por ocasião da enchente de 1937.
Fonte: PORTO ALEGRE: BIOGRAFIA D'UMA CIDADE, 1940, op.cit., p.340.

A visita simbólica a uma casa do 4º. Distrito relatada por Mondin, permite compreender melhor as moradias de uma parte das famílias do bairro, nas primeiras décadas do século passado. Pretendendo fazer uma abordagem acerca do padrão de vida daquela população, avalia que eram “famílias de vida estável, cujo chefe sustentava a mesa farta, embora tudo o mais fosse mantido com restrições, folgando

com forçadas economias”.³⁹⁴ Ao visitar uma “residência de categoria” relembra que as moradias individuais, ou de alvenarias, situavam-se nas avenidas, sendo frequentes as construídas de madeira, conhecidas como chalés e bangalôs e que, de uma maneira geral, na frente haviam recuos ajardinados. Mas segundo o autor, o padrão da casa podia ser avaliado pela cozinha:

O fogão a lenha, que evoluiu do de tijolos, com uma chapa de ferro longa e duas ou três bocas, para o de ferro “Wallig”, de sortidas cores e floreado. Segundo as posses, o “frigorífico” de botar gelo por cima, ornamentado com um pingüim sempre lascado. A um canto, a trempe de panelas, alinhando-se verticalmente e estreitando-se até o último suporte. O toque de bom gosto e de asseio estava nos panos de cozinha, colocados calculadamente para proteger as paredes e enfeitar o ambiente.³⁹⁵

5.3.1 Casas Térreas Isoladas

Em Porto Alegre, como em geral ocorreu em outras cidades brasileiras, implantaram-se novas formas de morar favorecidas pelo advento das melhorias urbanas, da modernização dos transportes e das transformações econômicas, sociais e técnicas da sociedade. Nas grandes cidades, os modelos tradicionais de casas justapostas e no alinhamento foram gradativamente sendo substituídos por outras alternativas de implantação no terreno, cujas primeiras manifestações foram expressas através de afastamentos ajardinados em um dos lados, mantendo-se alinhadas à via. Goulart explica que, durante a segunda metade do século XIX, as primeiras transformações referiam-se às soluções de implantação, cujos esquemas previam afastamentos das edificações dos limites laterais, sendo que, frequentemente, ainda mantinham-se no alinhamento da rua. O mais comum era o recuo em apenas um dos lados, reduzindo-se ao mínimo o da outra extremidade, quando existia.³⁹⁶

De uma maneira genérica, a casa de um único pavimento constituiu a forma de habitação mais comum para o caso das residências menores. Weimer enfatiza

³⁹⁴ MONDIN, 1987op. cit.,p. 43.

³⁹⁵ Ibid,p.43,44.

³⁹⁶ REIS FILHO,1973,op. cit.,p.44.

que as casas térreas sempre foram associadas à pobreza, sendo que a nobreza portuguesa costumava habitar em casas de mais de um andar, os sobrados, que assim constituíam a grande aspiração de qualquer cidadão português. Em alguns casos, essa disposição pelo sobrado fez surgir os “pseudo-sobrados”, que, na verdade, eram casas térreas, mas com o sótão habitado³⁹⁷.

No final do século XIX, os moradores de casas térreas de Porto Alegre eram, na maioria, operários, muitos deles imigrantes alemães e italianos. Para Bittencourt, a “casa porto-alegrense” térrea é considerada um modelo, já que se repete ao longo do tempo, mantendo relações com a organização social, econômica e cultural da comunidade. Como visto anteriormente, também foi construída em grupos de duas, três e até 25, nesse caso, casas de aluguel destinadas à suprir a grande demanda oriunda do crescimento da população.³⁹⁸

No tocante às residências térreas do 4º. Distrito, pode-se perceber que às transformações urbanas da cidade e às melhorias no bairro operário correspondiam, também, modificações no tocante às habitações. Em um contexto de coexistências de diversas tipologias, por vezes rompia-se a continuidade das sucessivas fachadas, paralelas ao alinhamento da rua, com a presença de edificações descoladas dos limites do terreno, que adotavam recuos frontais e afastamentos laterais.

Exemplo de projeto que apresenta características da tipologia singela das construções térreas, de fachadas despojadas, encostadas nas duas divisas laterais e no alinhamento da via, é a casa construída por Júlio Weise³⁹⁹, para Francisco Feijó, na então avenida Eduardo⁴⁰⁰ (**Figura 76**-proc. 386/1893). A casa de Feijó fazia parte das poucas edificações existentes nesta avenida, ainda sem calçamento, no final do século XIX. Segundo Franco, a avenida Eduardo foi aberta em aproximadamente 1890 e, portanto, é anterior a implantação do já mencionado

³⁹⁷ WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 206.

³⁹⁸ BITTENCOURT, 1996, op. cit., p. 409, 412.

³⁹⁹ **Julius Weise** era arquiteto, de origem germânica, sendo que desenvolveu inúmeros projetos na última década do século XIX. Deixou de exercer o ofício em 1908. Entre uma série diversificada de suas obras, destacam-se: a cervejaria Ritter e a Berta, uma das primeiras fábricas da cidade, o restaurante do Prado da Independência, o ginásio do Turnerbund (mais tarde Sogipa), a escola da Sociedade Italiana e um grande número de casas e palacetes (dez dos quais na avenida Independência, como a casa Torelly). WEIMER, 2004, op. cit. p. 187, 188.

⁴⁰⁰ Filme 01 383/1893, Propriet.: Francisco Feijó, Resp. Téc.: Júlio Weise, Av. Eduardo.

loteamento da Cia. Territorial, de 1895. O levantamento de 1892 mostrava que na via existiam somente 10 prédios térreos.⁴⁰¹ Seu programa é muito compacto e mantém a sequência tradicional de sala na frente, seguida do único dormitório(alcova), varanda e cozinha, não constando das unidades de serviços, já que, nessa época, não haviam redes públicas de água e esgoto, utilizando-se o sistema das fossas móveis, tendo o local destinado à latrina, situado nos fundos do terreno. Este exemplar ilustra o tipo de residência térrea mais antiga, onde o projeto orienta-se diretamente para a rua através das duas janelas e da porta, no alinhamento do passeio e pela ausência de porões ou desníveis em relação à via.

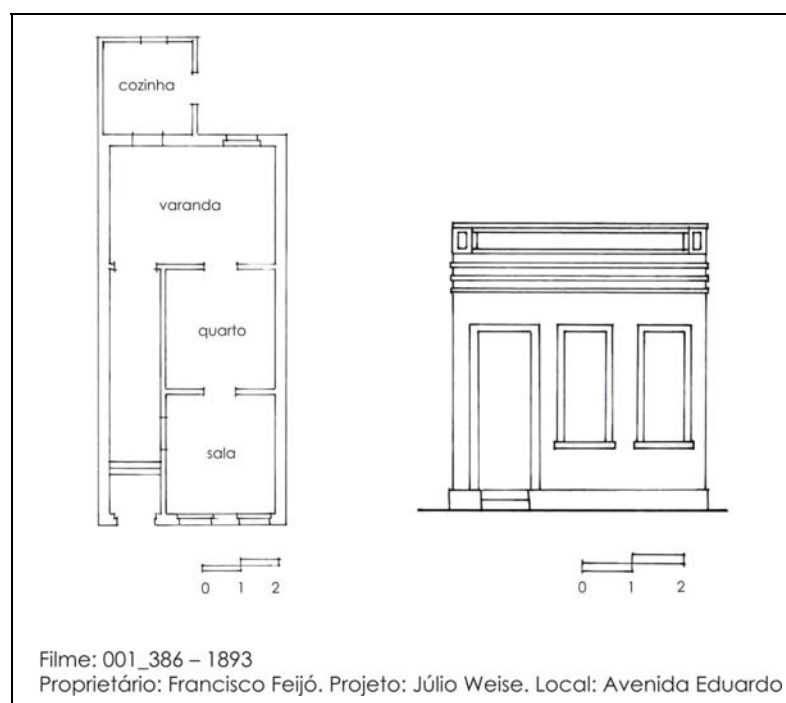


Figura 76 - Filme 001_386 - 1983.

As considerações de Lemos de que a casa popular urbana dos tempos coloniais possuía uma configuração interna que praticamente foi a mesma em todo o Brasil, a dos cômodos enfileirados sala na frente, dormitórios no centro e nos fundos, dando acesso ao quintal, as dependências de serviço⁴⁰², é perfeitamente adequada à casa de Feijó e de outros projetos do final do século XIX e primeiras décadas do século XX.

⁴⁰¹ FRANCO, 1992, op. cit., p. 336. Franco lembra que o grande proprietário de terrenos na zona, foi Eduardo de Azevedo e Souza, um dos fundadores da Cia. Territorial Porto-Alegrense, e inspirador do nome da avenida Eduardo, até 1945, quando foi substituída por Franklin Roosevelt. Ibid, p. 336.

⁴⁰² LEMOS, 1996, op. cit., p. 32.

No mesmo ano desta edificação, 1893, o Código de Postura Municipais sobre Construções de Porto Alegre passou a regulamentar a aprovação de projetos, tanto para obras novas como para reformas. O “plano de obras” deveria constar de plantas baixas, cortes e elevações. Alguns artigos, contemplavam questões relativas à higiene, aeração, áreas mínimas e pés direitos. Outros, como o art.3-18, proibiam, aos edifícios que ficavam nos alinhamentos, “as rótulas e portas de abrir para fora, assim como as ombreiras, vergas, peitoris, sacadas e balcões de madeira”. As redes de esgoto só viriam em 1912 ⁴⁰³, mas o mesmo código estabeleceu que em qualquer projeto de casa deveria ser indicado o compartimento reservado à “latrina”. Para o caso das edificações de madeira, não seriam admitidas, conforme art.3-23, “nos alinhamentos das ruas e nem contiguas a outros prédios”. No entanto, na chamada “zona de esgoto”⁴⁰⁴ era obrigatório o cercamento dos terrenos baldios e proibidas as edificações de madeira, no intuito de valorizar esta área da cidade. Assim, estas e outras exigências não atingiam as construções de diversos arrabaldes da capital. Posteriormente o Regulamento Geral de Construções de 1913, aprofundou e ratificou as prescrições do anterior.⁴⁰⁵

Alguns exemplares, como a casa localizada na avenida São Pedro,⁴⁰⁶ (Figura 77- proc.892/1913) consta de um programa um pouco maior, 3 dormitórios, 2 salas, varanda, cozinha e aproveitamento da inclinação do telhado para construção de sótão, apesar de ainda não possuir as dependências de serviços. Mostra uma característica comum nas residências deste e de outros arrabaldes, a existência de afastamento somente em uma das laterais, mantendo-se alinhada à rua. Um aspecto digno de nota é o agenciamento dos espaços, apresentando 2 salas, bem como dois acessos frontais, um através de corredor que chega até a varanda, e o outro diretamente da rua a uma das salas, evidenciando-se uma possível função de escritório. Percebe-se a adoção do esquema que utiliza a

⁴⁰³ Conforme Franco, em 1912 foi inaugurado o serviço de esgoto domiciliar da cidade, em somente uma primeira etapa. Franco, 1992, op.cit., p.155.

⁴⁰⁴ O perímetro da “zona de esgoto” era definido pelas ruas Ramiro Barcelos até a foz do Riacho, rua Venâncio Aires e Campo da Redenção. Neste sentido ver: BITTENCOURT, 1996, op.cit. p.449.

⁴⁰⁵ Brasil. Lei no.2. Ato no. 22 de 13 de março de 1893. Código de Posturas Municipais Sobre Construções. **Leis, Decretos, Atos e Resoluções**. Porto Alegre, “A Federação”, 1893, Art.1, Art.3-1, 3-6, 3-18, 3-22, 3-23 Art.10.

Brasil. Ato no. 96 de 11 de junho de 1913. Regulamento Geral das Construções. **Leis Decretos, Atos e Resoluções**. Porto Alegre, “A Federação”, 1914.

⁴⁰⁶ FILME 12 892/1913, Propr. Alex Schwalm, Resp. Téc. Alex Knoll, End.: av.São Pedro.

varanda como centro distribuidor dos ambientes de maior intimidade da casa e, apesar do número maior de cômodos, ausentam-se os compartimentos destinados a serviços. Externamente apresenta adornos e frisos nas vergas das janelas e tratamento na parte superior do oitão.

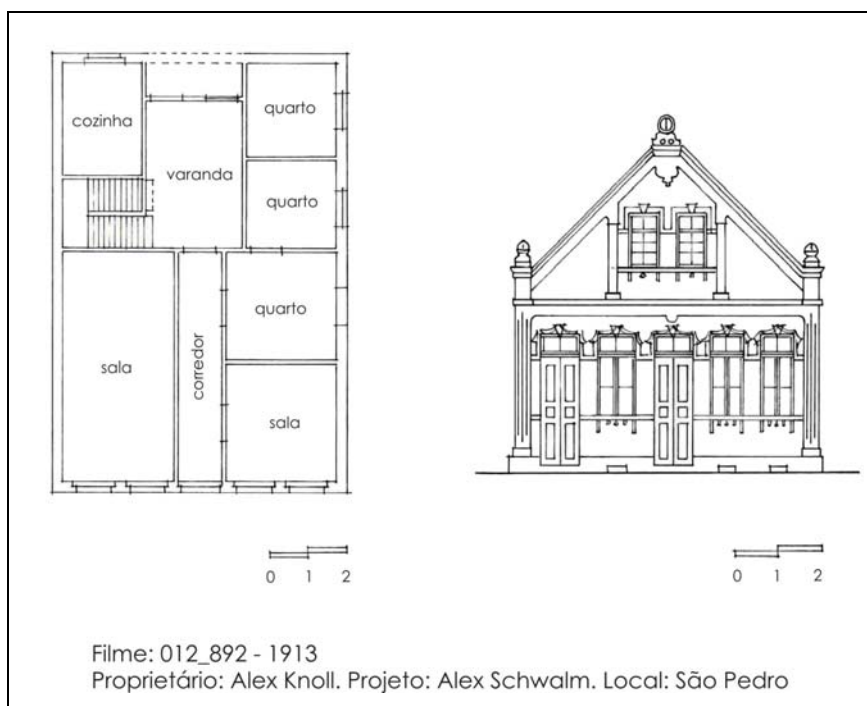


Figura 77 - Filme 012_892 - 1913.

Residências térreas, encostadas em uma das laterais, mas alinhadas ao lote, são muito frequentes nos projetos analisados. Para Lemos, o corredor lateral descoberto constitui um rompimento com a tradição, à medida em que passou a atender às questões de aeração e iluminação dos cômodos intermediários das habitações, bem como a uma evolução tecnológica, com a adoção de calhas, condutores e outros elementos que permitiram aos telhados sua independência em relação às coberturas vizinhas e, portanto, o rompimento com a antiga solução de continuidade.⁴⁰⁷ Nas grandes cidades brasileiras, a existência desta tipologia torna-se recorrente a partir do início do século XX. Chama a atenção a presença de uma pequena grade embaixo de cada janela, destinada à ventilação dos porões, já que os assoalhos ficavam afastados do chão. Outra característica comum é o corredor lateral descoberto e guarnecido de um portão de ferro forjado, situado no

⁴⁰⁷ LEMOS, Carlos. **Alvenaria Burguesa**. São Paulo: Nobel, 1989, p.96.

alinhamento da rua. Na sua maioria, eram casas de aluguel e destinadas aos “remediados” da sociedade.⁴⁰⁸

Assim são as casas projetadas por Arthur Fencelau⁴⁰⁹(Figura78-proc. 726/1915), na Moura Azevedo e Jose Hruby⁴¹⁰(Figura79-proc. 735/1915), na 7 de Abril⁴¹¹, correspondendo a partidos que mantêm afinidades no que tange à simplicidade do programa, destinado à residência de um único dormitório, afastamento em somente uma das divisas e configuração interna dos ambientes obedecendo à sequência sala na frente, seguida do dormitório, varanda, cozinha e ainda sem as dependências de serviços. Nestes casos, os compartimentos voltam-se para uma das laterais descobertas, sendo onde, o usual portão junto ao alinhamento, funciona como elemento de transição entre o público e o privado. Apesar das fachadas adornadas, características do início do século XX, a singeleza se evidencia através dos reduzidos cômodos e da ausência de sofisticação no trato das questões relativas à privacidade interna, ou seja, na restrita independência de usos dos ambientes, resultante da ausência de circulações. Contudo, verifica-se que o pequeno porão proporciona isolamento junto à via, bem como proteção contra os frequentes alagamentos do bairro. Nestes casos, mantinha-se a hierarquia da fachada principal, voltada para o logradouro, apesar da entrada ser pela lateral.⁴¹²

⁴⁰⁸ LEMOS,1996,op.cit., p.55.

⁴⁰⁹ **Arthur Fenselau** em 1918, estava estabelecido na rua do Parque. Foi um grande empreendedor de construções residenciais, sendo que teve grande atuação no período anterior a Primeira Guerra Mundial, até os anos 30. WEIMER,2004,op.cit.p.59,60.

⁴¹⁰ **José Hruby** de origem Tcheca, nasceu na Boêmia em 1875 e em 1905 recebeu o título de Baumeister(“mestre de obras” na sua tradução literal, mas que não corresponde ao sentido original). Em 1913, construiu a Companhia Fabril Porto Alegreense, na Voluntários da Pátria e também outras fábricas, como :a fábrica Gerdau e a de sabonetes de Victor Fischel,ambas na Voluntários da Pátria, bem como a Cia. Souza Cruz na esquina da Marques do Pombal com Dr. Timóteo. Para a igreja católica projetou o colégio Bom Conselho(1914), a igreja da Sagrada Família(1915), da Nossa Senhora da Piedade(1916), da Nossa Senhora da Glória(1916) e de São Pedro(1917). Até o final da sua vida, dedicou-se à construção da Catedral. WEIMER,2004,op.cit. p. 89,90.

⁴¹¹ Filme 14,proc.726/1915, propriet. Max Gissa,Resp. téc. Arthur Fencelau, rua Moura Azevedo e filme 14,proc. 735/1915, propr.: Francisco de Paula Libonati, Resp. Téc.: Jose Hruby, rua 7 de Abril.

⁴¹² Semelhante configuração foi encontrada nos seguintes projetos: filme 14, proc. 354/1916 ,proprietário DE Pasqual Leandore , rep. téc. Vicente Athanazio, na rua Hoffmann e Filme 24 , proc. 1410/1926,propr.: Walter Kaufmann, resp. téc.: Adolf Stern, rua 7 de Abril.

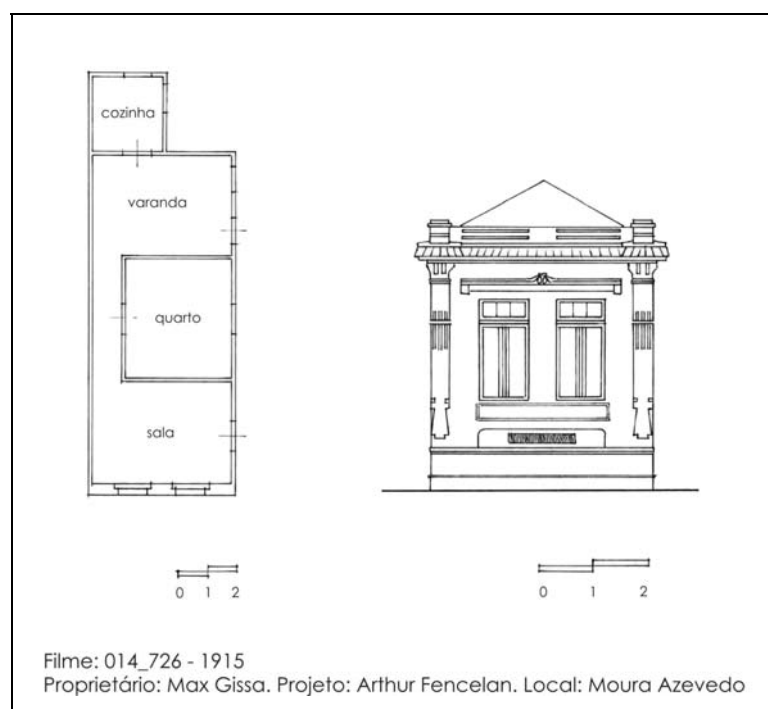


Figura 78 - Filme 014_726 - 1915.

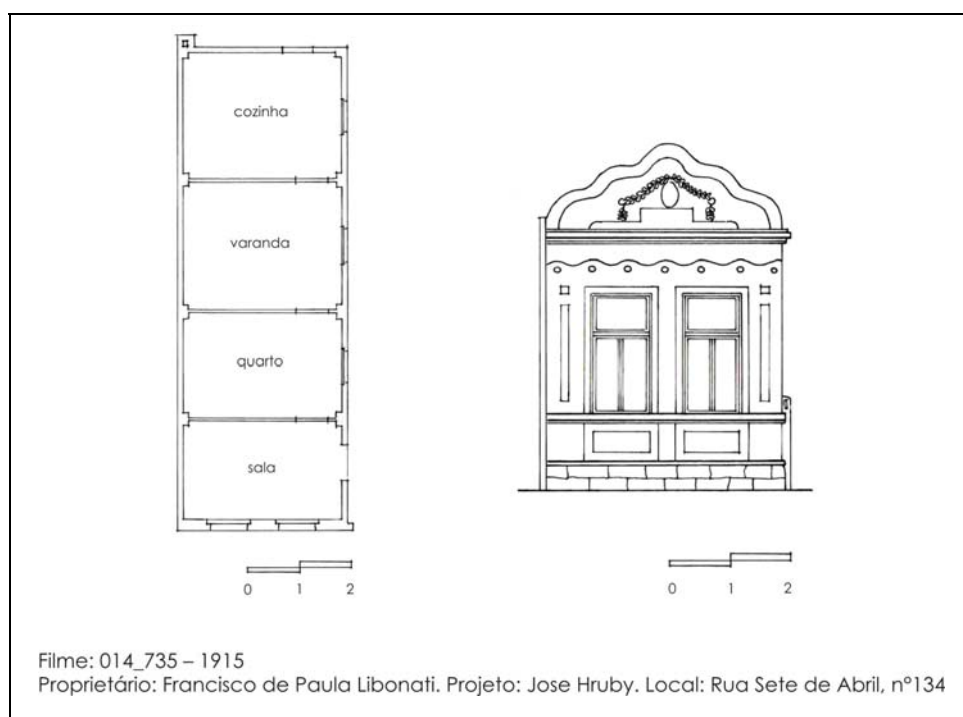


Figura 79 - Filme 014_735 - 1915.

Chama a atenção que, em diversos projetos pesquisados, foram usuais as soluções onde somente a frente é de alvenaria, como a casa da Moura Azevedo. No entanto, percebe-se um cuidado com a aplicação de adornos, a fim de também valorizar as fachadas das residências de pequenos programas. De um modo geral,

esta era uma prática usual desta época, onde as alvenarias serviam de suporte a uma série de elementos decorativos de diversos estilos, sem, contudo, haver variações consideráveis nas plantas baixas.⁴¹³

Alguns exemplos ilustram as etapas desta evolução, como a casa de Luiz Ellis⁴¹⁴ (Figura 80-proc. 524/ 1919), que, construída em terreno de testada um pouco maior, utiliza a mesma organização sequencial, com variação no que tange aos afastamentos em ambas as laterais, apesar de continuar no alinhamento da via.

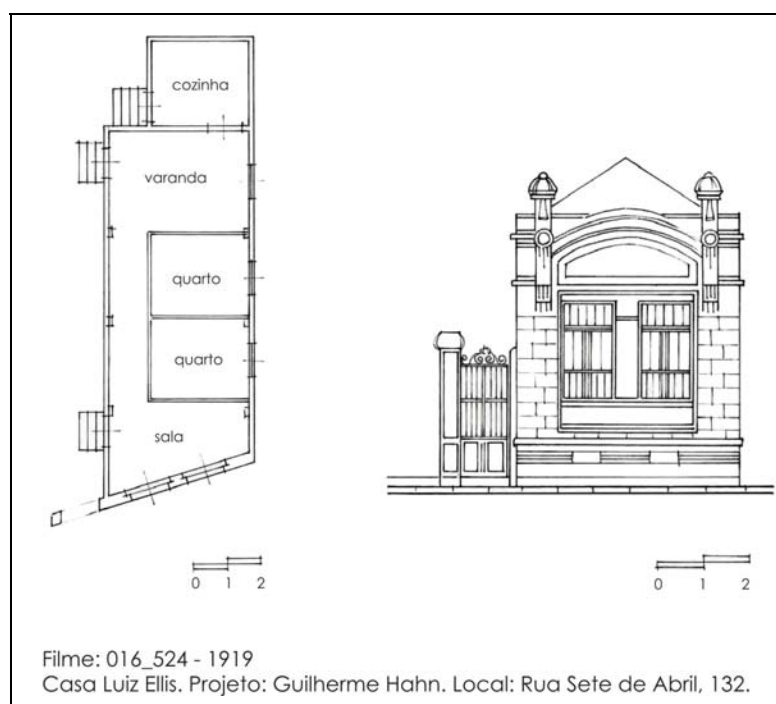


Figura 80 - Filme 016_524 - 1919.

Lemos destaca que, antes da Primeira Guerra Mundial, as casas das classes médias e populares se caracterizavam por possuir somente uma fachada, a voltada para a rua, sendo que as residências com afastamentos nas laterais, que permitiam sua visualização em seus quatro lados, eram privilégio das classes mais abastadas. No início do século XX, esta tendência também se tornou usual nas casas remediadas e modestas.⁴¹⁵

⁴¹³ Ver: LEMOS, 1996, op. cit., p.55.

⁴¹⁴ Filme 16, proc. 524/1919, Propr.: Luiz Ellis, Resp. Téc. Guilherme Hahn, Rua 7 de Abril.

⁴¹⁵ LEMOS, 1996, op. cit., p.64.

As “casas médias” constituem-se em espécie de gradação entre os palacetes e as casas populares. Os jardins laterais e fronteiros e o arranjo de algumas funções foram referenciais das residências mais abastadas, apesar de não abandonarem a antiga circulação e a idéia de centralidade da sala de jantar, o que evidencia sua persistente função de ambiente aglutinador da vida familiar. No entanto, a sala de visitas foi o seu “ponto de honra”, ou seja, “procurou compensar a distância que manteve do palacete”.⁴¹⁶

Deste modo é a casa projetada por Jose Hruby, na avenida Germânia(atual Cairú) (**Figura81**-proc.359/1917)⁴¹⁷, que, assim como outros exemplares da área, é construída em terreno maior, com programa mais complexo e recuos em ambos lados, evidenciando-se uma mudança de padrão em relação às habitações produzidas para aluguel. Apesar de ainda manter-se alinhada à rua, relaciona-se mais com os jardins. Percebe-se detalhes mais elaborados na fachada e a presença de um porão mais alto, que proporciona maior privacidade aos ambientes que abrem para o alinhamento da rua, sendo que a entrada principal se faz pela sala de visitas através da porta lateral. Entretanto, o agenciamento dos espaços internos não demonstra preocupações em propiciar independência entre os setores. O programa se completa com varanda,cozinha e depósito. Surge, como variação, o escritório, que provavelmente destinava-se à atendimento externo às atividades da moradia, já que há um acesso diretamente pela lateral. Contudo, ainda nesta residência construída em 1917, percebe-se a ausência do compartimento destinado ao banheiro, sendo que os espaços reservados para serviços, como era comum nesta época, configuram-se como verdadeiros puxados agregados ao corpo das casas.

⁴¹⁶ HOMEM, Maria Cecília. **O Palacete Paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira:1867-1918**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 129.

⁴¹⁷ Filme 015,proc.359/1917), Propr.: Frederico Reinher, Resp.Téc.: Jose Hruby, End.: Germânia (Cairú), 19.

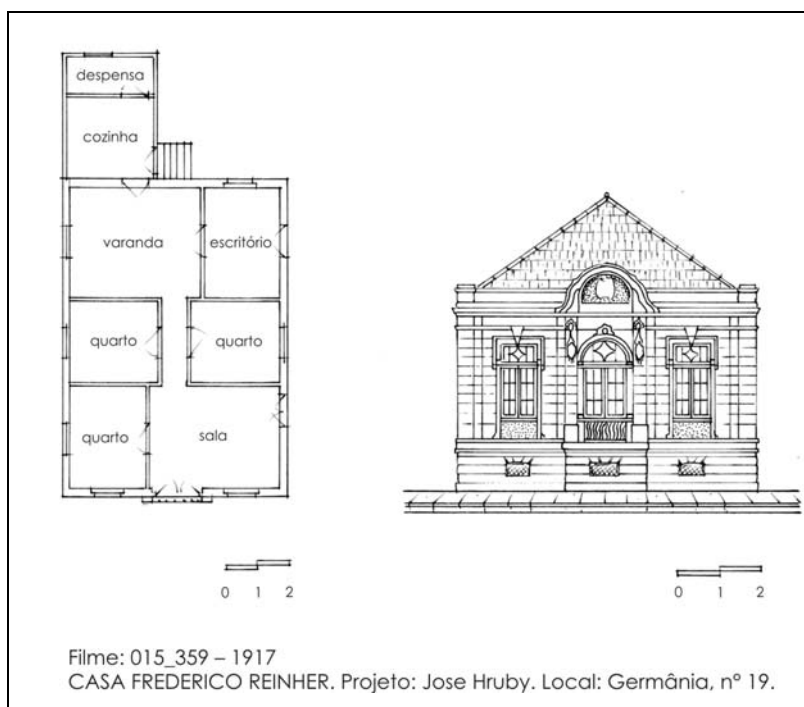


Figura 81 - Filme 015_359 - 1917.

Apesar da singeleza no trato da configuração dos espaços e do programa, o exemplar projetado por Hruby apresenta algumas afinidades com certas residências construídas para a elite da cidade, principalmente as concentradas no eixo da avenida Independência, no final do século XIX e início do século XX. Entre as novidades de então, estavam as alterações no esquema de implantação no terreno com o afastamento em um dos lados, a transferência da entrada principal para esta fachada e a adoção do modelo de porão alto que protegia a intimidade em relação à rua.⁴¹⁸ Nestor Goulart lembra que, no Brasil, hábitos diferenciados dos imigrantes e a inspiração do ecletismo fizeram parte do processo de alterações dos antigos modos de construir e morar. As consequências do declínio da escravidão e o progresso tecnológico também foram elementos de um processo generalizado que se manifestou no país.⁴¹⁹

A solução adotada na moradia construída na Moura Azevedo (Figura82-proc. 5551/1929),⁴²⁰ de 1929, demonstra a busca de maior relação com a área externa

⁴¹⁸ Neste sentido ver: GÉA, Lúcia S. **O espaço da casa: arquitetura residencial da elite Porto-alegrense (1893-1918)**. Porto Alegre, 1995. Dissertação de Mestrado em História, PUCRS.

⁴¹⁹ REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1973, p.44.

⁴²⁰ Filme 37, proc. 5551/1929, propr.: Sofia Abut Simão, resp. téc.: Jorge Carandauris, Rua Moura Azevedo, j. no. 380

lateral. A edificação é construída no alinhamento da rua, com afastamentos em ambos os lados, no entanto, a entrada é feita pelo lado, através de um portão, valorizado por pórtico e por uma circulação coberta. Apesar da maior largura do terreno, o programa é compacto, constituído de sala, 2 dormitórios e varanda, que abrem suas portas para o corredor lateral externo, uma espécie de alpendre, bem como cozinha e wc. Analogamente, casas maiores costumavam apresentar área livre lateral, que se organizava como jardim e por onde era feita a entrada, através de escada. Nesta lateral, corria um alpendre externo que desempenhava, até certo ponto, a função de corredor de acesso, para o qual eventualmente abriam as portas de salas, quartos ou cozinhas, transportando os corredores e escadas para o exterior e forçando sua integração com os jardins.⁴²¹



Figura 82 - Proc. 555/1929.

⁴²¹ REIS FILHO, 1973, op. cit., p. 172.

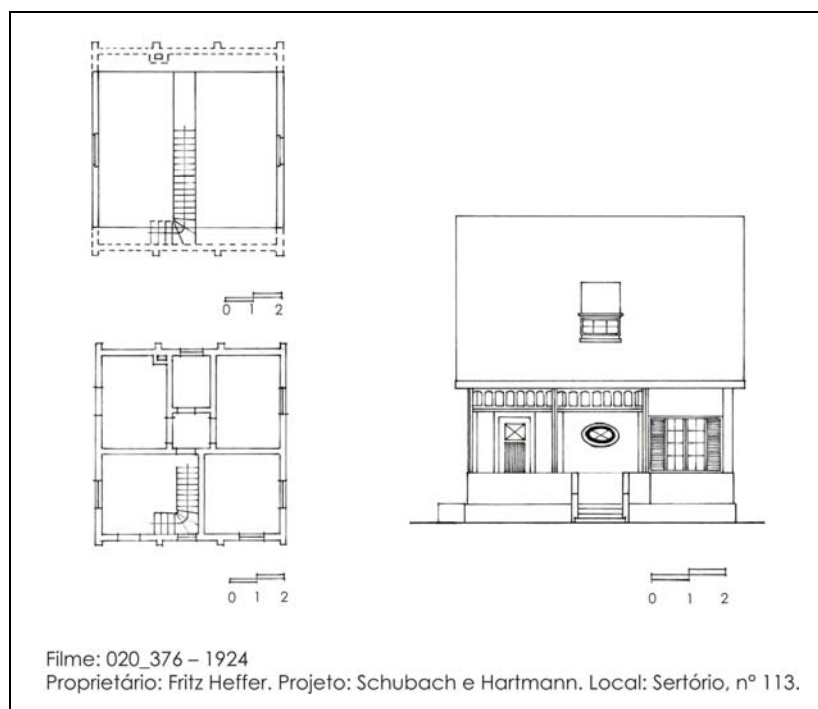


Figura 83 - Filme 020_376 - 1924.

Alguns processos identificam edificações que foram construídas em terrenos maiores, situados nas proximidades de zonas de chácaras. Lemos chama a atenção para o fato de que, com o tempo, a palavra chácara passou a designar o lote de terreno maior que os demais, localizado fora do centro.⁴²² Este é o caso da casa construída por Schubach & Hartmann⁴²³ (**Figura83**-proc. 376/1924)⁴²⁴, na avenida Sertório, onde o estreito corredor lateral é substituído por recuos maiores, possibilitando a eventual passagem de viaturas de tração animal⁴²⁵. Percebe-se que o acesso principal se faz através de varanda frontal. O recurso do telhado, de duas águas e de forte inclinação, garante os espaços destinados aos dois dormitórios no sótão e um coerente tratamento mais simplificado da fachada, onde os adornos e frisos são dispensados.

⁴²² LEMOS,1989,op.cit.,p.93.

⁴²³ Karl Hartmann de origem germânica, formou-se engenheiro em 1907 em Berlim, onde de 1913 até 1920, teve grande atuação no desenvolvimento de importantes projetos.Em 1921, já em Porto Alegre, construiu para A.J.Renner, até 1928. Entre 1924 e 25 foi sócio da firma Schubach &Hartmann, construindo diversas fábricas. Atuante nos campos da arquitetura e engenharia, sua maior contribuição para a arquitetura está na área fabril. No entanto, seu grande mérito deve-se a atuação pioneira na área do cálculo de estruturas de concreto armado, ao lado de Alfred Haessler. WEIMER,2004,op.cit.p.83, 84.

⁴²⁴Filme 20, proc.376/1924, propr.:Fritz Heffer, resp. téc: Schubach e Hartmann, Sertório,113.

⁴²⁵ Ver: LEMOS,1989,op.cit.,p.96.

Nas proximidades da avenida Sertório, como já mencionado anteriormente, permaneceram muitos resquícios de características rurais até as primeiras décadas do século XX. Assim sendo, também através da análise dos projetos, percebe-se algumas evidências de construções de caráter campestres. O projeto de uma residência térrea e de tratamento de casa isolada, construída por Otto Hayek,⁴²⁶ na mesma avenida (**Figura84**-proc. 0231/1925)⁴²⁷, mostra o aparecimento de terraços, que se moldam a uma solução simples quanto ao tratamento da fachada, do telhado de duas águas e da configuração dos espaços internos, através de planta que, assim como a do projeto anterior, foge do sistema de disposição linear, que caracteriza a maioria das residências até aqui analisadas. Neste caso, uma varanda, que também incorpora a função de sala, é o elemento central e principal da moradia, em cujas extremidades se localizam, de um lado, os dois dormitórios, e do outro, a cozinha e o banheiro.

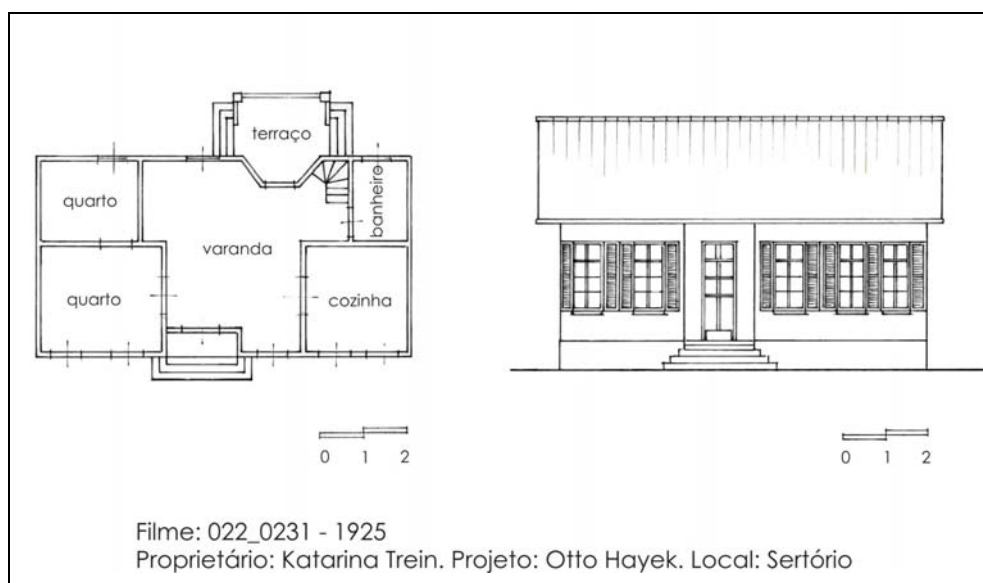


Figura 84 - Filme 022_0231 - 1925.

Da mesma forma, a edificação construída por Alex Knoll⁴²⁸ e situada na João Inácio (**Figura85**-proc. 5778/1927)⁴²⁹ e portanto nas imediações da Sertório, apresenta semelhanças quanto ao tratamento da fachada e a presença do alpendre frontal,

⁴²⁶ **Otto Hayek** era arquiteto sócio e professor da Gewerbeschule em 1914. Realizou diversos prédios de qualidade arquitetônica entre 1918 e 1923. WEIMER,2004,op.cit. p.85 .

⁴²⁷ Filme 22 ,proc. 0231/1925, de Katarina Trein, Resp. Téc.:Otto Hayek,rua Sertório.

⁴²⁸ **Alex Knoll** foi um pequeno construtor que atuou na cidade entre 1921 e 1929.

WEIMER,2004,op.cit.p.97.

⁴²⁹ Filme 29,proc. 5778/1927, propr. não identificado, constr. Alex Knoll, rua João Inácio.

exemplificando uma constância de habitações com programas mais compactos na área de Navegantes. Neste caso, a construção encosta nas divisas laterais, mas mantém-se recuada da rua. O acesso é feito através do terraço, situado na frente, e deste à varanda, elemento agenciador dos espaços da residência. Os demais recintos são um dormitório, com gabinete integrado e a cozinha. Observa-se que, no limiar dos anos 30, o banheiro ainda não comparece no corpo da casa, em algumas edificações. Novamente o telhado de duas águas, bastante inclinado, permite aproveitamento do sótão para um outro recinto. A fachada possui tratamento bem singelo, com saia formada através da base de pedra, pequeno arco no acesso ao alpendre e adorno na parte superior. Cabe aqui lembrar, que, com o tempo, as chácaras da periferia das cidades sofreram transformações, onde terrenos reduzidos e a própria arquitetura assumiram características urbanas.⁴³⁰

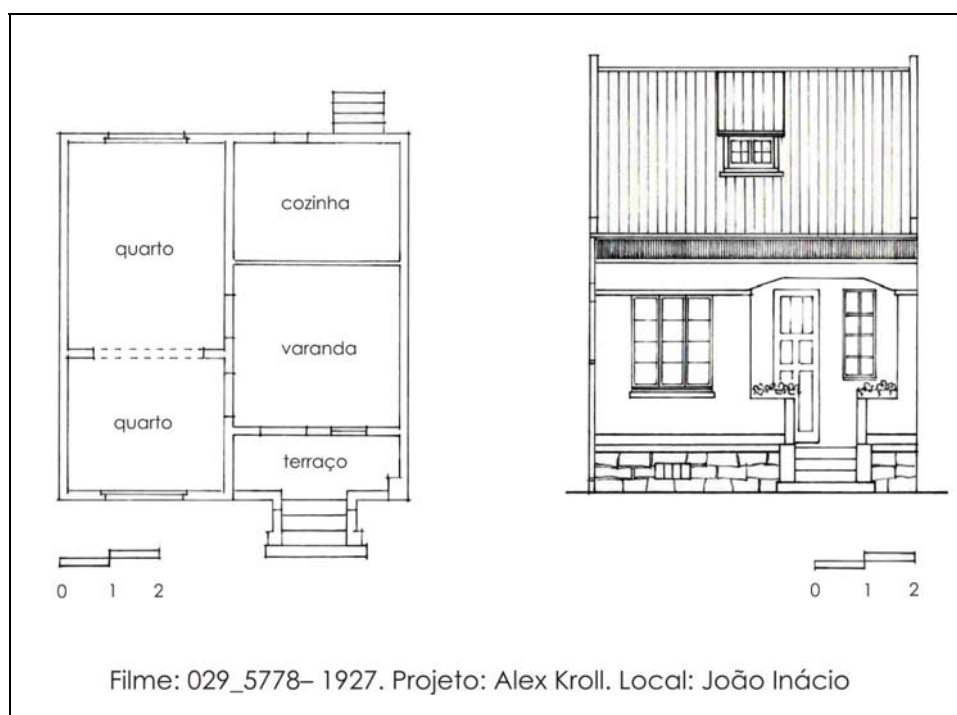


Figura 85 - Filme 029_5778 - 1927.

utra tipologia evocativa de construções de caráter mais rural, foram os chalés⁴³¹, isolados em centro de terreno, como de costume, ou com variações. Pode-se presumir que, aliado ao conhecimento das técnicas construtivas dos

⁴³⁰ Ver: REIS FILHO, 1973, op.cit, p.48

⁴³¹ Chalé, do francês chalet casa campestre da região dos Alpes, feita de madeira, com telhado de forte caimento e beirais avançados.

imigrantes alemães e italianos, os chalés, e outras construções de madeira, também tornaram-se viáveis, por conta do aproveitamento das madeiras disponíveis e comercializadas através das serrarias das proximidades.

Em 1906, chamou a atenção do viajante Buccelli, em seu passeio pela rua Voluntários da Pátria, a presença de depósitos de madeira e de materiais de construção, comercializados e “transportados em chatas enormes, puxadas por pequenos vapores”. No final do seu percurso, no arraial de Navegantes, Buccelli encontrou serrarias, fábricas de cadeiras e pequenas oficinas.⁴³² Uma das mais importantes serrarias da época era a BIRNFELD de Hubner & Müller (Luiz Henrique Pedro Hubner & Felipe e Raymundo Muller), que ocupava uma quadra inteira, entre a Voluntários, av. Pátria, Ernesto Fontoura e Missões. Outra firma do mesmo gênero era a de FORTUNATO TRAVI e Cia. (1912), também instalada na Voluntários.⁴³³

É importante salientar que, de um modo geral, a madeira foi o material eleito para a construção das moradias dos primeiros imigrantes alemães no estado, já que a origem desses povos vem de uma cultura florestal e de clima frio.⁴³⁴ Assim como a utilização deste material, alguns procedimentos arquitetônicos também foram seguidos pelos imigrantes italianos, como a separação da cozinha, do corpo da casa e outras formas de assentamento, relativas à pequena propriedade de cunho familiar, utilizadas no seu país de origem.⁴³⁵ A organização das “casas” das famílias italianas era semelhante às alemãs, dispendo os dormitórios em torno de uma sala central. O sótão, área livre e ventilada, era comumente utilizado para depósito, secagem de cereais e, não raro, abrigava dormitórios que se destinavam aos filhos homens. No porão era instalada a cantina, também servindo para a guarda de alimentos (queijo, toucinho, salame, etc.). Porões pequenos, ou mesmo a sua ausência, eram típicos das residências de centros urbanos. Na maioria dos casos

⁴³² BUCCELLI, 1906, op. cit. p. 87, 88.

⁴³³ BLANCATO, Vicente. **As forças econômicas do estado do RGS no 1º. Centenário da independência do Brasil: 1822-1922.** Porto Alegre: Oficinas gráficas da livraria do Globo-Barcellos, Bertaso e cia., 1922, p. 234. O autor salienta que nesta época, o estado era rico em madeiras, com diversas serrarias localizadas na região serrana, onde havia grandes extensões de pinheirais, de cujo exploração originava-se a matéria prima exportada para a Europa e América Latina. Ibid, p. 234.

⁴³⁴ WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira.** São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 160

⁴³⁵ Ibid, p. 171.

houve a manutenção de técnicas construtivas dos ancestrais, como o bom manejo com a carpintaria, peculiar dos alemães.⁴³⁶

Mais especificamente sobre o tipo de construção denominado chalé, a sua origem vem do Romantismo do século XIX, tendo posteriormente se popularizado e adquirido grande valor simbólico. Seu significado evoca, de um lado a noção de “uma idealizada vida campestre” e, de outro, a modernidade técnica advinda das facilidades oferecidas pela possibilidade de industrialização de seus elementos construtivos.⁴³⁷ Em sua forma autêntica, o chalé ficou conhecido por ser uma construção simples e rústica, feita de madeira, originária da região rural da Suíça francesa, com destaque para a ornamentação externa, mãos francesas sustentando os beirais e balcão no primeiro andar. Esta construção pitoresca acabou sendo transformada pelos construtores europeus. Com o desenvolvimento do ecletismo foram incorporados outros elementos e adicionadas ornamentações ao telhado de duas águas e de empena frontal, tais como os rendilhados lambrequins e os pináculos, que acabaram vinculando-se à versão erudita. Os chalés, repletos de simbolismo, se popularizaram e se espalharam pelos subúrbios de muitas cidades modernas, associados a diversos estilos historicistas e catalogados pelas academias.⁴³⁸

O chalé construído totalmente ou parcialmente de madeira, de planta retangular e de duas águas, ornamentados com testeiras rendilhadas, ou não, foi um tipo edifício muito utilizado nas moradias operárias dos subúrbios, o que talvez tenha contribuído para o seu desprestígio social⁴³⁹. Entre os projetos pesquisados foram encontrados diversos chalés humildes, alguns constituídos de um ou dois cômodos, comunicáveis entre si, destinados à moradia operária. Normalmente, a troca para a modalidade de edificação em alvenaria de tijolos constituía-se em demarcação econômica de melhoria de status das famílias.

⁴³⁶ Ibid, p.177

⁴³⁷ CAMPOS, Eudes. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142008000100003&script=sci_arttext> Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material – Chalés paulistanos .Acesso em: jun.2009, p.1

⁴³⁸ Ibid, p. 3,5.

⁴³⁹ Ver: Ibid, p.26.

Assim como os cortiços, as pequenas edificações de madeira foram combatidas na região central da cidade, através de normativas municipais, no intuito de coibir sua proliferação, já que consideradas uma modalidade não apropriada aos novos padrões preconizados na época. Como já mencionado anteriormente, em 1893 e posteriormente em 1913, a municipalidade ratificou a proibição de edificações de madeira na zona servida por rede de esgoto, bem como sua regulamentação através do art.29, que, entre outras prescrições, exigia que estas construções mantivessem um afastamento de pelo menos 1,50 m dos vizinhos e 4,00 m do alinhamento da rua.⁴⁴⁰

Nesta época e durante algum tempo, foram muito tímidas as restrições e exigências legais para as edificações da cidade. Estas medidas procuravam disciplinar e controlar a situação das construções desordenadas, fornecer alinhamentos para as novas, dimensionamento de compartimentos e aberturas, tratamento das questões das águas pluviais e condições relativas aos interiores.

No olhar dos saneadores da higiene e da moral, a vivência dos pobres era associada a componentes sociais ligados à marginalidade, e como tal, indesejáveis no centro. Nesta época, "vivências burguesas e redutos do povo viviam os seus últimos momentos de coabitação na área central".⁴⁴¹

Curiosamente, também nos arrabaldes, à medida em que certas ruas adquiriam um melhor padrão, havia a tentativa de retirar as moradias mais simples, em geral os chalés de madeira, que não eram bem vindos pelos vizinhos. Em 1931, o Diário de Notícias publicou um documento assinado por 60 pessoas, residentes na avenida São Pedro, dirigido ao prefeito municipal, acerca de melhorias nesta avenida. Entre diversas solicitações, uma refere-se às construções de chalés de madeira:

Os peticionários pedem a v.ex. para alvitrar-lhe que sejam proibidas as construções de novos chalets e meia-águas na rua São Pedro, pois não se justificariam taes edificações numa via publica tão importante como aquella,

⁴⁴⁰ Brasil. Ato no. 96 de 11 de junho de 1913. Regulamento Geral das Construções. **Leis Decretos, Atos e Resoluções**. Porto Alegre, "A Federação", 1914, Capítulo XI, art.29.

⁴⁴¹ PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS-PMPA, 1999, p.24.

que já conta com palacetes e regular numero de modernos bungalows e outros typos de casas de alvenaria.⁴⁴²

Entretanto, uma série de opções de casas simples de madeira, na verdade, eram alternativas livremente inspiradas em chalés. Assim, a casa idealizada por Theo Wiederspahn⁴⁴³ (**Figura86**-proc. 237/1913)⁴⁴⁴ exemplifica uma solução que utiliza elementos típicos regionais europeus, de caráter pitoresco, adaptado à sua condição de lote urbano. O telhado de duas águas é bem inclinado, acrescido de águas furtadas, sendo de madeira o frontão, peitoris e elementos de decoração. A edificação é encostada em uma divisa, sendo que a entrada é feita através do afastamento lateral, a uma área coberta denominada terraço. Neste caso, o arquiteto adotou o esquema de circulação externa, semelhante ao projeto da Moura Azevedo, analisado anteriormente(proc.5551/1929), já que para o terraço se abrem os três principais ambientes da casa: o salão, o quarto e a varanda. O reduzido programa se completa com a cozinha, não havendo as dependências de serviços. Provavelmente, o local da “latrina” seria no quintal, com a utilização do sistema das fossas móveis. A residência ainda possui um sótão contendo um dormitório, que, como já mencionado, era opção comumente usado pelos imigrantes.

⁴⁴² DIÁRIO DE NOTÍCIAS.Porto Alegre, 7 de Janeiro de 1931,p.8.

⁴⁴³ Neste exemplar, Wiederspahn adota uma solução diferente das usuais residências que projetou na cidade, onde frequentemente usava torreões e uma profusão de ornamentos característicos de uma linha historicista.

Profissional de expressivas obras na cidade e muitas na Voluntários da Pátria, onde além de diversas residências,projetou fábricas,armazéns e edificações comerciais. Nascido na Alemanha,chegou a Porto Alegre em 1908, onde passou a trabalhar com Rudolph Ahrons, onde projetou:cervejaria Bopp,o edifício do café Colombo,Correios e Telégrafos,Novo Banco da Província,Banco Alemão,Banco Francês-Italiano,Banco Pelotense,Previdência do Sul e importantes residências. Sobre o autor ver: CORONA,1957,op.cit.p.156. WEIMER,Günter.**A Arquitetura**.Porto Alegre:Ed. da Universidade,1992,p.96. Do mesmo autor ver também: **A arquitetura erudita da imigração alemã no RGS**. São Paulo:1989.Tese de Doutorado em Arquitetura,FAUUSP.

⁴⁴⁴ Filme 11,proc. 237/1913 ,propr.: Ronaldo Reppold,resp.téc.: Theo Wiederspahn,End.: Álvaro Chaves.



Figura 86 - Filme 011_237 - 1913.

Essa casa de madeira, situada em Navegantes, exemplifica a variada obra deste arquiteto, que projetou diversos palacetes e uma série de projetos importantes na cidade e no interior do estado. Weimer justifica este aspecto através do conceito atribuído ao ensino ministrado nas escolas alemãs, que formavam um tipo de “profissional completo”, isto é, construtores capazes de dominar todos os encargos de uma obra.⁴⁴⁵

Atualmente, restaram poucos exemplares destas construções, de madeira, ou mistas, que muitas vezes evocam construções rurais européias, típicas dos arrabaldes da cidade. Na área em estudo ainda permanece a pitoresca edificação da avenida Pátria, 245.⁴⁴⁶

⁴⁴⁵ WEIMER, 2009, op.cit., p.97.

O autor aponta um série de trabalhos de caráter técnicos, de Wiederspahn, como depósitos, trapiches, câmaras frigoríficas, caixas de água, entre outros.

⁴⁴⁶ Na pesquisa dos projetos microfilmados, foi localizado em 1941, uma solicitação de “reforma e construção de uma garagem”, nesta residência, de propriedade de Paulo Engels (proc. 3870/1941).



Figura 87 - Foto atual(janeiro de 2009) da residência na avenida Pátria, 245.
Fonte: Foto de Silvia Corrêa.

Ainda é importante mencionar os inúmeros chalés que, desde as primeiras décadas do século passado, foram utilizados como habitação operária, com tratamento de edificação isolada ou até geminados. Alguns possuíam programas muito reduzidos, com somente sala e quarto e solução muito singela, abolindo os caprichosos lambrequins. Outros eram um pouco maiores, com três dormitórios, sala e cozinha, como o de Germano Schimitz (**Figura88**-proc.1012/1913)⁴⁴⁷, que destinava-se a uma família maior.

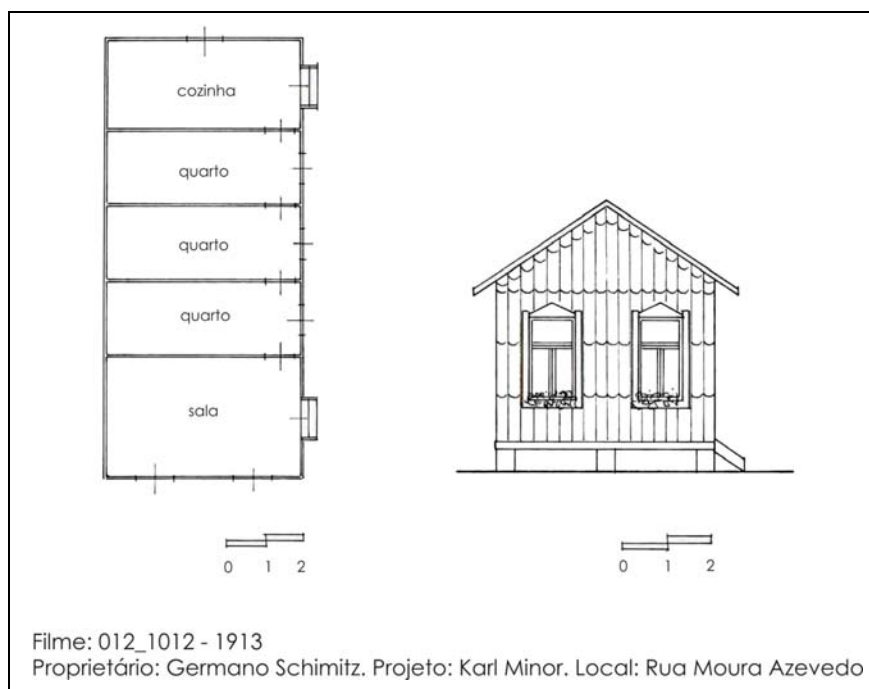


Figura 88 - Filme 012_1012 - 1913.

⁴⁴⁷ Filme 012,proc. 1012/1913,propriet. Germano Schimitz, resp.téc.Karl Minor,rua Moura Azevedo.

Outras alternativas de gosto pitoresco, foram os denominados bangalôs ou, em inglês, “bungalows”. A casa de moradia de Francisco Gschwenter,⁴⁴⁸ construída por ele mesmo, na avenida Germânia(Cairú) (**Figura89**-proc.9224/1930)⁴⁴⁹, assim foi denominada no projeto arquitetônico, agregando uma garagem e um galpão, a um programa de residência de três dormitórios, varanda, banheiro, depósito e cozinha. A edificação tem tratamento de casa isolada, com uma área coberta junto ao acesso principal, bem como outra, junto ao galpão e garagem, originada pelo próprio beiral. Na fachada, destaca-se a base de pedras e a janela ao estilo “bay window”. Curiosamente, no mesmo ano deste projeto, o jornal Diário de Notícias, na coluna “Para quem quer construir - idéias sobre construcções, architectura e arte decorativa interior”, escrita pelo arquiteto Monteiro Neto⁴⁵⁰, publicou um artigo sobre Bungalow, juntamente com a planta baixa e a fachada de um exemplar, muito semelhante à casa de Gschwenter. No texto, o arquiteto adverte para o fato de que determinadas residências da cidade não estavam sendo construídas em zonas adequadas segundo o seu tipo ou estilo, como, por exemplo, a inserção de um bungalow na “colleção de estylos clássicos e modernos das ruas Duque de Caxias ou Independência”. Entretanto adverte que, apesar do termo ter despertado muito entusiasmo no momento, tem sido erroneamente atribuído a qualquer casa de beiral saliente. Após defini-lo, Monteiro ensina que:

Bungalow é, pois, uma habitação de pé direito reduzido, onde uma varanda ao longo de uma das paredes lateraes dão ao conjunto a idéa de menor

⁴⁴⁸ **Francisco(Franz) Gschwenter** nasceu em 1893 na cidade de Ijuí, e obteve licença para edificações de até dois pavimentos. Por volta de 1930 construiu diversas residências em Navegantes, onde assinava com o nome de Francisco. WEIMER,2004,op.cit. p.80.

⁴⁴⁹ Filme 40,proc.9224/1930,proprietário e construtor Francisco Gschwenter, na avenida Germânia.

⁴⁵⁰ **João Antônio Monteiro Neto** é natural do Paraná, onde nasceu em 1893. Em 1929, depois de ter atuado em outras localidades do país, veio para Porto Alegre, para trabalhar na Diretoria de Saneamento da Prefeitura, na qualidade de desenhista. Posteriormente trabalhou como arquiteto-chefe na firma Barcelos & Cia e estabeleceu-se em escritório de arquitetura e construção no período de 1931-34. Trabalhou também na construtora Azevedo Moura & Gertum, como arquiteto, de 1936-40 e posteriormente na firma Spolidoro & Cia. A partir de 1948 teve escritório próprio, o Studio Monteiro Neto. Entre diversos projetos importantes, destacam-se o edifício Vera Cruz, na Borges de Medeiro com Andrade Neves, o Ponche Verde(Associação Rio-grandense de imprensa),o Terra Lopes na av.Independência,o São Pedro, na Salgado Filho, o Instituto Santa Luzia, o edifício Palmeiro da Fontoura (1934), na Otávio Rocha esquina Vig. José Inácio. Também projetou diversas residências, entre elas, a de Hélio Ribeiro(1951), de tendência eclética, na esquina da D.Pedro com Marquês do Pombal e as casas modernistas da rua Santa Terezinha no. 200 e 263 e da avenida Guaíba,740 de 1933, de extraordinária modernidade para a sua época. Teria realizado mais de mil projetos só no estado e por sua obra, foi um dos arquitetos mais importantes da cidade. WEIMER,2004,op.cit.p.121,122,123.

altura, tornando-o mais íntimo. Os seus beirões devem ser lançados com largueza e elegância e os materiais pesados aplicados em sua construção devem apresentar sempre um aspecto leve. A pintura deve ser sempre alegre, sendo que, nas aplicações de pedra(...). Deve-se preferir sempre o natural.⁴⁵¹

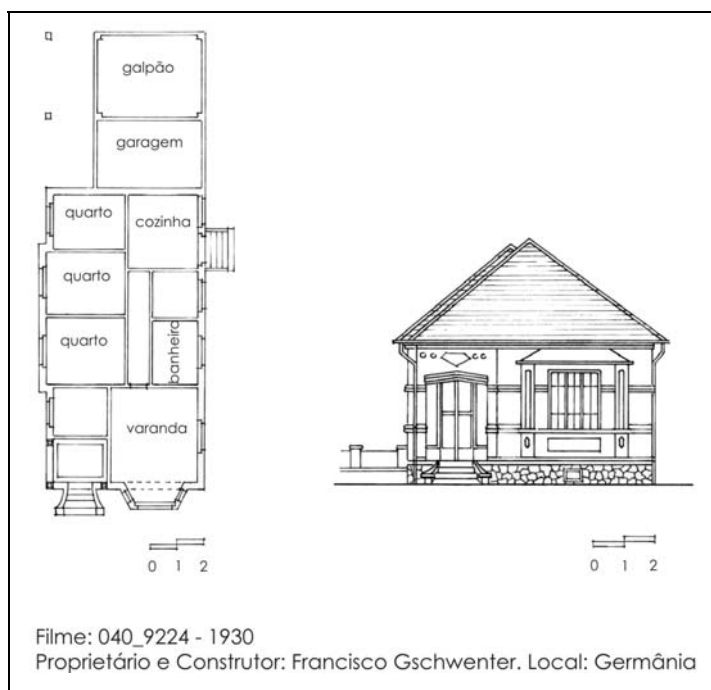


Figura 89 - Filme 040_9224 - 1930.

Realmente, percebe-se nos projetos pesquisados, que muitas edificações eram aleatoriamente denominadas de bungalow. Assim é o projeto de João Ferreira de Lima na São Pedro (proc.09924/1930)⁴⁵², onde foi atribuído o termo à duas moradias geminadas, construídas no alinhamento da rua e com plantas muito singelas, de cômodos enfileirados. Talvez a justificativa tenha sido o estilo do telhado, como bem advertiu Monteiro.

Sugestões para projetos de bungalow também eram difundidas através da revista *Egatea*, no final da década de 1920, descrita como sendo uma tipologia pitoresca, capaz de satisfazer as exigências de uma família modesta e muito apropriada para os arredores da cidade:

⁴⁵¹ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Porto Alegre, 14 de setembro de 1930, p. 13.

Monteiro define o termo "bungalow" como originado de um tipo de moradia dos habitantes de Bengala (no Índia Inglês), depois levado para os Estados Unidos e espalhado pelo mundo. O verdadeiro "bungalow" é de madeira e contornado por espaçosas varandas. *Ibid.*, p. 13.

⁴⁵² Filme 41, proc. 09924/1930, proprietário Henrique Yung, resp. técnico João Ferreira de Lima, na avenida São Pedro.

Construção modesta e dotada de todo o conforto e hygiene, deverá ser rodeada de jardins bem traçados e elegantemente dispostos e plantados para dar-lhe aspecto pittoresco e agradável.⁴⁵³

Uma outra tipologia comum no bairro efetivava-se nas edificações térreas de esquina, no sistema residência e comércio, geralmente ocupado por armazéns, onde grande parte da população se abastecia. Mondin lembra com saudades que, antes do advento dos supermercados, eram nos armazéns maiores (baratilhos) onde se encontrava de tudo e o atendimento era mais humanizado. Na ausência de bares, as vendas funcionavam como tais, estabelecimentos menores, via de regra, localizados em esquinas. No 4º. Distrito haviam diversas vendas, nas quais proprietário e freguês mantinham relações próximas, baseadas na confiança mútua, onde era permitido que as compras “a caderno” fossem pagas no final do mês. Entre tantos estabelecimentos do gênero, cita alguns: o armazém dos Veronese, a venda dos Bianchi e o “Ronda Monte”(de Pedro Sartor e Faustino Colombo),na avenida Brasil; rico nas especialidades italianas,era o do Manganelli, na avenida Eduardo;na Pernambuco, “O Vencedor” e o “Para Todos”; na rua São Pedro, o do Arnaldo Hoerlle; na Moura Azevedo, o do Albino Hack; na Santos Dumont,o “Itália”;o Kondorfer, na frente da Praça dos Navegantes;o Salgueiro, na rua do Parque e o João Finckler, na Cairú.⁴⁵⁴

⁴⁵³ HOOGENSTRAATEN,Chétien. Projecto de um Bungalow. **EGATEA**, Porto Alegre, vol.XII,n. 4,julho e Agosto, 1927,p.246,247,248,249.

O mesmo autor, projeta no ano seguinte, um outro bungalow, com as mesmas intenções: HOOGENSTRAATEN, Chétien. Esboço de um Bungalow. **EGATEA**, Porto Alegre, vol. XIII, n. 1, Janeiro e Fevereiro, 1928,p. 89,90.

⁴⁵⁴ MONDIN,1987,op. cit.,p.135. Segundo o autor, a maior parte dos produtos oferecidos nas vendas, eram a granel, como a manteiga,a banha e a schmier,introduzida pelos alemães, usualmente colocadas em enormes potes de cerâmica esmaltados; em um canto separado, havia o tonel de querosene, para os lampiões. Na falta de bares, era frequente os que se alimentavam de salame,queijo,pão e vinho, nos próprios balcões.

Sobre a presença do armazém na casa térrea de esquina, ver também: BITTENCOURT,1996,op.cit.,p.458.

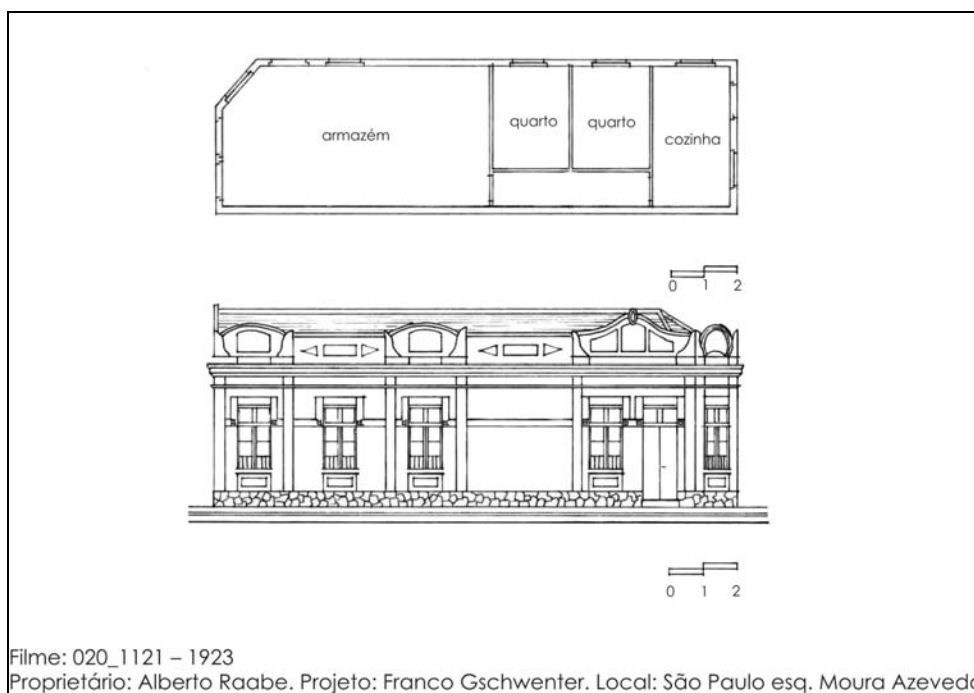


Figura 90 - Filme 020_1121 - 1923.

Invariavelmente, o armazém e seu acesso situavam-se em esquinas, geralmente chanfradas, acompanhando o desenho da rua. Muitas vezes, a singeleza dos interiores, programas e organização espacial, contrastava com as preocupações em adornar as platibandas e os vãos das fachadas. Este era o caso da edificação (**Figura90**-proc. 1121/1923), cuja edificação, ainda existente, foi mais um projeto de Franco Gschwenter⁴⁵⁵. A área destinada à residência é pequena, constituída de dois dormitórios e cozinha, e seu acesso se faz pelo próprio armazém, sendo que os compartimentos de serviço, inclusive o banheiro, estão ausentes. Semelhante era o projeto da Casa Düring, na esquina da av. Brasil com a então av. Eduardo(**Figura91**-proc.0062/1925), prevendo uma loja de fazendas juntamente com a residência. Neste caso, o programa é um pouco maior e os acessos da loja e da residência são independentes.⁴⁵⁶

⁴⁵⁵ Filme 20, proc. 1121/1923, propr. : Alberto Raabe, resp.téc.:Francisco Gschwenter , rua São Paulo esquina Moura Azevedo.

⁴⁵⁶CASA DÜRING: de Francisco Düring, filme 22,proc. 0062/1925, Resp.Téc.:José Carlos Gartz na Brasil esq. Pres.Roosevelt .

Segundo depoimento de Vilma Lamb, nascida em 6 de maio de 1925, moradora desde então do 4º. Distrito, a residência dos Düring curiosamente situava-se no lote da esquina, hoje pertencente à praça Pinheiro Machado, sendo habitada por esta família até 1935. A partir de então, seu padrasto, o médico Danton Jaques Seixas, residiu e instalou seu consultório nesta casa, permanecendo com a família até 1945, quando então a prefeitura mandou demoli-la, para liberar o terreno exclusivamente

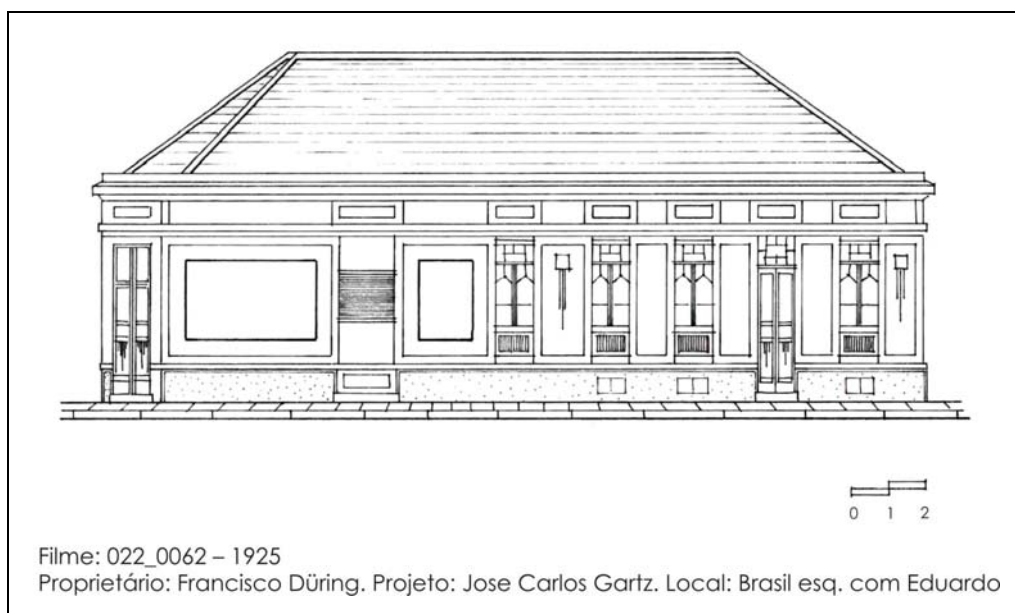


Figura 91 - Filme 022_0062 - 1925.

A tipologia que caracteriza diversas edificações térreas de esquina e de uso misto, também era utilizada para usos exclusivamente residenciais ou mesmo comerciais. Na Moura Azevedo, o prédio da esquina com a Conselheiro Travassos, mais um projeto de Gschwenter(**Figura92**-proc. 912/1924)⁴⁵⁷, se assemelha muito à tipologia dos armazéns de esquina, mantendo o alinhamento e as esquadrias junto à rua. Permanecem os adornos e frisos na platibanda e nas esquadrias, bem como a tradicional esquina chanfrada. Quanto ao programa, há um compartimento destinado ao gabinete, além de sala, dois quartos e a varanda. As dependências destinadas a serviços resumem-se à cozinha e despensa, não aparecendo o banheiro no corpo da casa.

para a praça.No mapa da cidade de 1939/41, ainda pode-se encontrar a residência inserida no espaço da praça.

⁴⁵⁷ Filme 21, proc. 912/1924, propr.: Gustavo Roloff, resp.téc.: Francisco Gschwenter, Rua Moura Azevedo esq. Conselheiro Travassos.

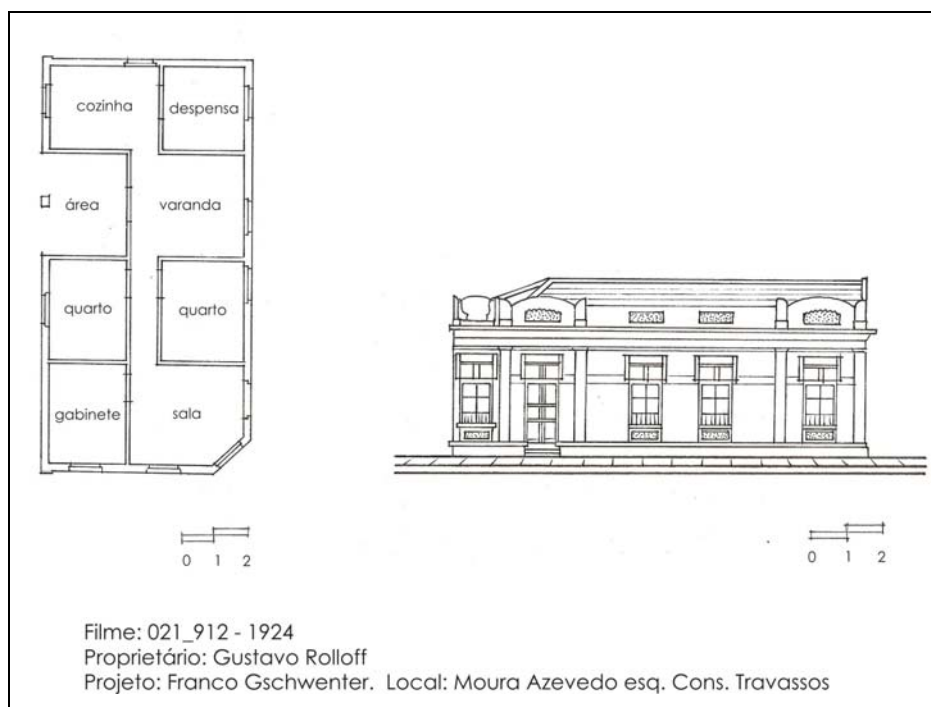


Figura 92 - Filme 021_912 - 1924.

Em diversos casos, a associação muito frequente de residência e comércio também se efetuava em edificações de meio de quadra. O compartimento, localizado na frente e, portanto, com abertura direta para a rua, era destinado à atividade comercial, enquanto uma compacta residência organizava-se sequencialmente. Exemplifica esta tipologia a funilaria da antiga rua Itália, construída pela firma Lima e Petrucci⁴⁵⁸ (**Figura93**-processo 5172/1929), onde na fachada é mantida a identidade residencial, apesar da existência de um portão maior, destinado a esta atividade. Contudo, as demais aberturas da funilaria mantêm a característica residencial, inclusive na hierarquia concedida ao eixo central da edificação, que recebe tratamento especial com adornos aplicados. A residência é constituída de 2 dormitórios, varanda e banheiro, sem a presença da cozinha.

⁴⁵⁸ Segundo Weimer, consta que Egídio Petrucci foi o construtor do Teatro Coliseu em 1928 e de um edifício na esquina da Andradas com General Portinho. Foi um dos sócios da firma Lima & Petrucci, que atuou de 1929-31 e que construiu algumas residências luxuosas. WEIMER, 2004, op.cit. p.136.

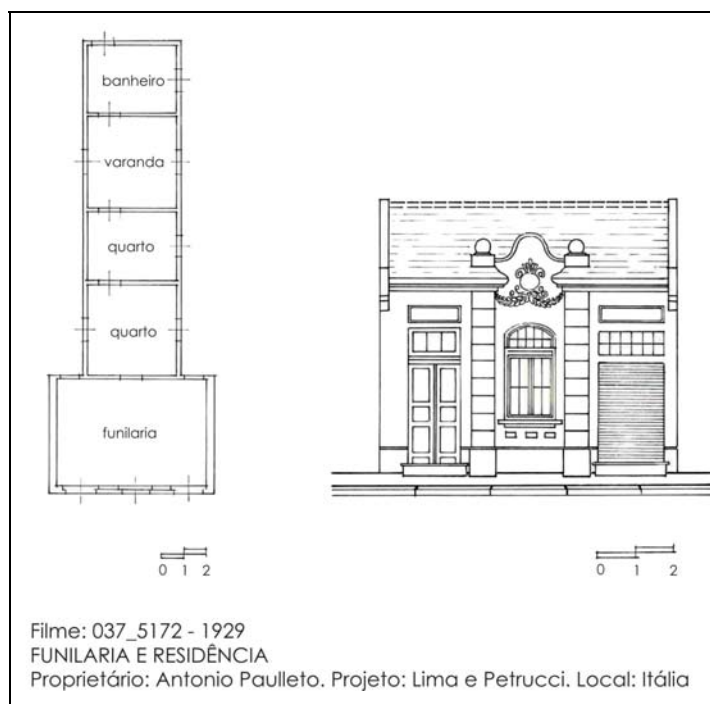


Figura 93 - Proc. 5172/1929.

No tocante ao desprestígio dos compartimentos de serviço na hierarquia das casas, evidenciados pelas próprias dimensões e localização, Mondin observa que, durante as primeiras décadas do século passado, eram nos pátios das moradias do 4.º Distrito que se localizavam os poços, abertos para servir aos usos que não necessitavam de água potável e, no fundo, o local destinado à “latrina”, ou a denominada “casinha”. Nesta época, também era usual, e até uma exigência dos costumes, a construção de fornos no quintais, rente às casas, já que não existiam padarias nas proximidades. Os fornos, para o autor, constituíram-se em “um símbolo vivo de uma época do 4.º Distrito bucólico, que o tempo sepultou”.⁴⁵⁹

Assim, principalmente nas casas encostadas nas divisas laterais, o pátio adquire significado de intimidade, constituindo-se em extensão da casa. Segundo Vogel, por ser acessado somente pela própria moradia e nele se expor “uma dimensão da vida cotidiana que é recorrentemente escondida”, sua relação é de interioridade.⁴⁶⁰ Nas lembranças de Mondin, as residências do 4.º Distrito possuíam grandes áreas de pátios, mesmo as moradias remediadas e pobres. Invariavelmente, tinham bananeiras, mamoneiros, ameixeiras e laranjeiras, bem

⁴⁵⁹ MONDIN, 1987, op. cit., p. 177, 178.

⁴⁶⁰ VOGEL, 1984, op. cit., p. 50.

como hortas. Neles ficavam as mulheres conversando, cuidando dos filhos, sentadas à sombra das árvores, tomando mate doce.⁴⁶¹ Já nas casas dos subúrbios de Buenos Aires, originadas do traçado xadrez e das quadras grandes que condicionaram o parcelamento dos lotes estreitos e longos, uma sucessão de pátios funcionava como elementos ordenadores dos diferentes espaços residenciais. Conseqüentemente, as casas necessitavam dos pátios para receberem luz solar, cuja sucessão produzia “uma seqüência de luz e sombra familiares.”⁴⁶² No poema *Patio*, Borges dá uma idéia do seu significado:

Patio, cielo encauzado
El patio es el declive
por el cual se derrama el cielo en la casa. ⁴⁶³

Voltando à reflexão acerca dos projetos da área em estudo, é possível constatar que, a partir de meados da década de 1930, as casas térreas do bairro repetem-se de forma semelhante à moradia de Germano Basler (**Figura 94**-proc.8913/1936)⁴⁶⁴. Os novos modos de ocupação do lote deram origem à edificações soltas, com uma pequena entrada coberta antes da porta principal, alpendres e, em muitos casos, a adoção do sistema de bay window na janela frontal. Quanto ao programa, não houve significativo aumento no número de dependências, atendo-se às necessidades básicas de uma moradia de classe média, de dois e três dormitórios, raramente com garagem e, em algumas, a presença do dormitório de empregada. O primeiro ambiente da moradia, muitas vezes recebe a denominação de gabinete, mas, por vezes, substitui a sala. Na configuração interna, permanece o sistema de distribuição a partir da varanda ou copa, ainda definida como a dependência central de convivência familiar suburbana, passando a chamar-se de sala de jantar, mas com a mesma função. Lemos comenta que foi através deste recinto que o rádio foi introduzido nas casas, entretendo os familiares com as “rádio-novelas” à volta da mesa.⁴⁶⁵ Quanto à linguagem, percebe-se a utilização de beirais aparentes, calhas, condutores e telhas francesas, com redução e simplificação dos

⁴⁶¹ MONDIN, 1987, op.cit., p. 178.

⁴⁶² GRAU, 1999, op.cit., p. 43, 44. Os pátios tinham usos diversos: o primeiro servia para ventilar e iluminar; em torno do segundo, se ordenavam os dormitórios; e o terceiro, destinava-se às dependências de serviço. *Ibid*, p. 44.

⁴⁶³ BORGES, 2005, op.cit., p. 23.

⁴⁶⁴ Filme 69, proc. 8913/1936, propr. Germano Basler, resp. téc. Ermínio da Silva Lima, av. Brasil.

⁴⁶⁵ LEMOS, 1996, op.cit., p. 66.

adornos da fachada, sendo, muitas vezes, utilizados elementos geométricos do Déco.

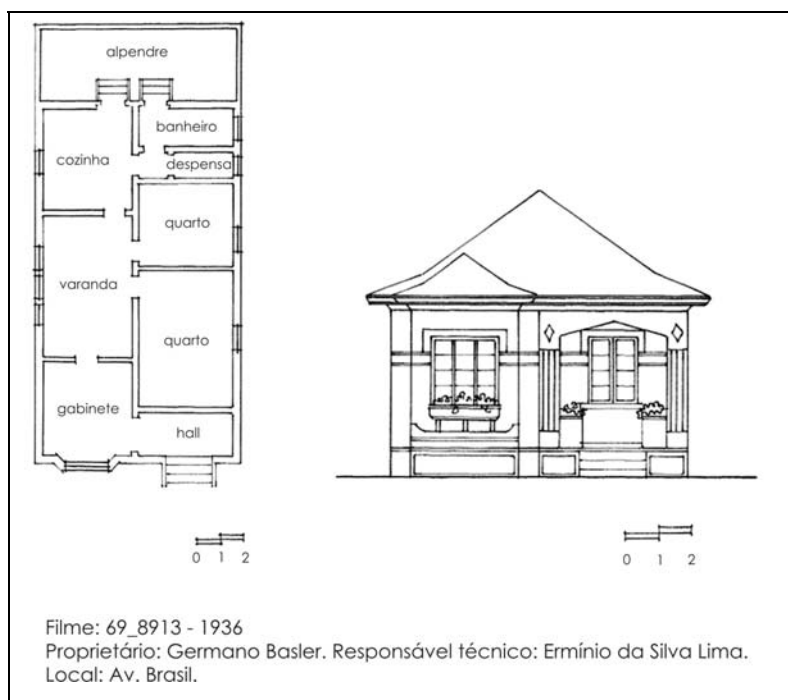


Figura 94 - Filme 69_8913 - 1936.

Assim, constata-se, através dos processos analisados, que o desejo de modernidade e adequação à arquitetura da época manifestou-se mais através da renovação das fachadas, do que das plantas. Entretanto, percebe-se aperfeiçoamentos construtivos e alterações, no que tange às melhorias nas condições dos espaços de serviços, apesar de tardiamente, se comparadas a outras áreas da cidade. Quanto aos dormitórios, as soluções de alcovas foram abandonadas no início do século XX, apesar da ocorrência de diversos exemplos onde há falta de independência e privacidade dos compartimentos do setor íntimo.

Na dianteira das transformações e aperfeiçoamentos construtivos das edificações, estavam os seus responsáveis técnicos: arquitetos, engenheiros e construtores,⁴⁶⁶ que, na sua maioria, eram alemães ou descendentes. No período

⁴⁶⁶ Segundo Weimer, durante muito tempo, havia uma confusão no reconhecimento das diversas instâncias profissionais. Oficialmente, todos eram qualificados de engenheiros. Para coibir os abusos no exercício das diversas profissões, criou-se em 1933, o sistema CREA-CONFEA. No entanto, a regulamentação das profissões e a decorrência de diversos fatores de ordem político e administrativo, tornaram a definição de arquiteto ainda mais difícil. Arquiteto de formação no exterior, mesmo nascido no país, era chamado de arquiteto-projetista, projetista-construtor ou simplesmente construtor.

apresentado, alguns que com mais frequência apareceram, foram: Adolf Siegert, Alex Schwalm, Alberto Fantinel, Arthur Fenselau, Augusto Sartori, Irmãos Camillis, Erich Fantinel, Francisco Gschwenter, Helmuth Petry, José Lutzemberger, Július Weise, José Hruby, Leônidas Tellini, Macchiavelo & Gamero, Oscar & Alex Kroll, Oscar Marjewski, Otto Hayek, Pedro Yung, Pufal (Adolpho, João Luiiz e Eduardo Pufal), Theo Wiederspahn, Schubach & Hartmann, Willy Stein.

5.3.2 Casas térreas geminadas

No caso da área em estudo, diversos projetos analisados apresentavam-se geminados, constituindo solução mais econômica quanto aos aspectos construtivos e de aproveitamento dos terrenos de testadas menores. Neste caso, na sua maioria, os acessos às respectivas residências eram efetuados pelas laterais. Bittencourt salienta que a intenção do modelo de casas geminadas tratadas como fachada única, era a de valorizar o projeto, imprimindo um aparência grandiosa às edificações estreitas.⁴⁶⁷

As casas térreas geminadas da avenida Brasil⁴⁶⁸, (**Figura 95**-proc. 620/1921), ainda existentes, são alinhadas com a rua e apresentam programa muito reduzido, constituído de três compartimentos: sala, quarto e varanda, dispostos sequencialmente, sendo separados do corpo da casa, a cozinha e as dependências de serviços. Pequenos porões elevam a edificação em relação ao nível da rua e portões laterais definem os acessos principais. Como em outros casos já mencionados, a simplicidade do programa contrasta com a composição da fachada, valorizada pela platibanda adornada e pelo enquadramento das duas janelas, através de detalhe em arco.

Posteriormente passaram a atuar sob a denominação de “construtores licenciados”. WEIMER, Günter. **Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul. 1892/1945**. Santa Maria: editora UFSM, 2004, p. 7, 8.

⁴⁶⁷ BITTENCOURT, 1996, op.cit., p. 511.

⁴⁶⁸ Filme 17, proc. 620/1921, propriet. Henrique Düring, resp.téc.: Arthur Fenselau, Avenida Brasil, 139. (foto)

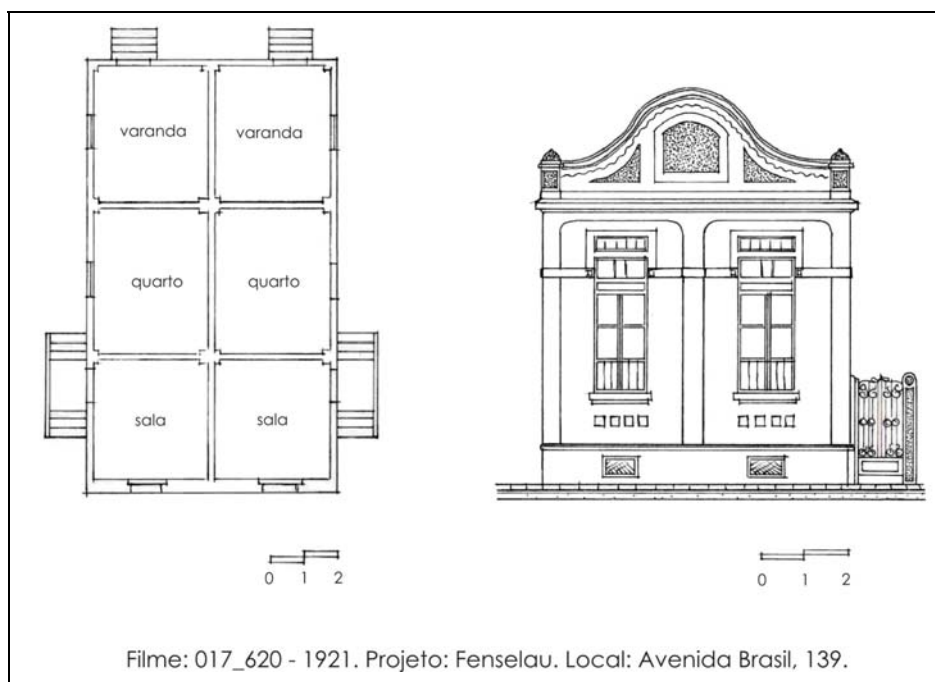


Figura 95 - Filme 017_620 - 1921.



Figura 96 - Foto atual (janeiro de 2009) da residência da avenida Brasil.
Fonte: Fotografia da autora.

Casas térreas geminadas eram a opção sugerida pela revista Egatea para projetos de construção econômica, no início dos anos 20, quando:

(...) devido à grande falta de moradias, à carestia do material e, em consequência disto, aos fabulosos aluguéis actuaes, é em grande vantagem

que as casas sejam construídas de modo que ocupem pouco lugar e apresentem as necessárias commodidades.⁴⁶⁹

O projeto sugerido neste caso, era de uma moradia geminada, com programa compacto, destinada à famílias pequenas e sem novidades no agenciamento dos espaços interiores. Na entrada, pequena área coberta conduz à uma saleta- escritório, ligada à sala de jantar e ao dormitório e, posteriormente, à cozinha. Nos fundos há um terraço e banheiro. Chama a atenção, no texto elaborado pelo autor, alguns aspectos que demonstram mudanças de atitudes em relação a projetos de moradias econômicas, como a proposição de áreas verdes, através da utilização de trepadeiras no terraço, formando um “agradável carramanchão para o verão” e também salientando que cada conjunto de duas casas possui afastamentos de todos os lados, “rodeados de jardins”. Outro aspecto que demonstra alterações é a possibilidade de flexibilidade proposta através da transformação do terraço em outro dormitório e as alternativas de construções de casas em grupos de dois, três e quatro. Concluindo, usa as expressões “parques” e “villinos” para designar o conjunto de moradias:

É de lastimar que nesta capital não haja empresas de construção com um fim phylantrópico e que se satisfaçam com pequenos lucros, deste modo os menos favorecidos da fortuna seriam beneficiados e a cidade tomaria um aspecto mais bello com estes parques com villinos.⁴⁷⁰

Outros exemplares da década de 1920 apresentam um número maior de cômodos, incluindo mais dormitórios, mas mantém semelhanças quanto ao agenciamento dos espaços, com cômodos enfileirados e tratamento de fachadas, como as construções de Arthur Fenselau (**Figura97**-proc.540/1924) e de Adolph Pufal⁴⁷¹ (proc. 916/1924;)⁴⁷². No entanto, acontecem algumas pequenas variações, como no caso da rua do Parque⁴⁷³ (**Figura98**-proc.2633/1925), onde os acessos são efetuados por corredor lateral descoberto, não havendo interligações internas através de circulação. O exemplar da rua do Parque de 1925 diferencia-se pelo fato de as

⁴⁶⁹ HOOGENSTRAATEN, Chétien. Projeto de construção Econômica. **EGATEA**, Porto Alegre, vol. 6, 1920-1921, p.328,329.

⁴⁷⁰ Ibid, p. 330.

⁴⁷¹ **Adolf Pufal** Intitulava-se desenhista e arquiteto e suas atividades profissionais datam do fim da década de 1920. Possivelmente era irmão do construtor Jacob Pufal. WEIMER, 2004, op.cit.p.139.

⁴⁷² Filme 21, proc. 540/1924, propr. Ernesto Massub, resp.téc.Arthur Fenselau, rua Itália.

Filme 21, proc. 916/1924, propr.; João Wesp, resp. téc.: Adolph Pufal, rua Conde de Porto Alegre.

⁴⁷³ Filme 23, proc. 2633/1925, propr. Arnaldo Lebutte, resp. téc.: Franco Martins, rua do Parque.

casas, apesar das plantas idênticas, não apresentarem o mesmo tratamento externo e aplicações de ornamentações. Neste caso, o projeto prevê banheiros junto às dependências de serviços.

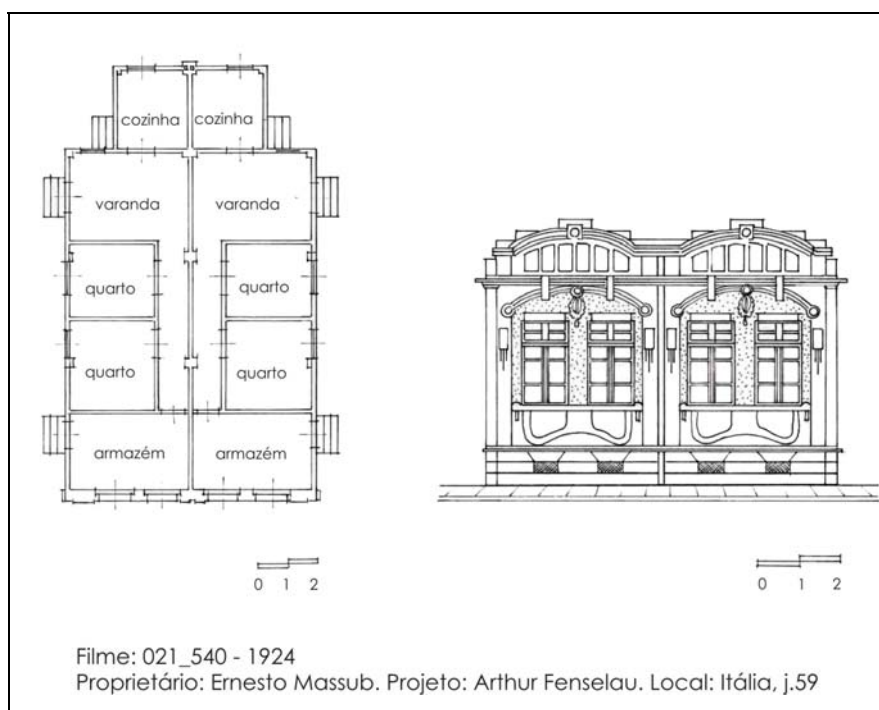


Figura 97 - Filme 021_540 - 1924.

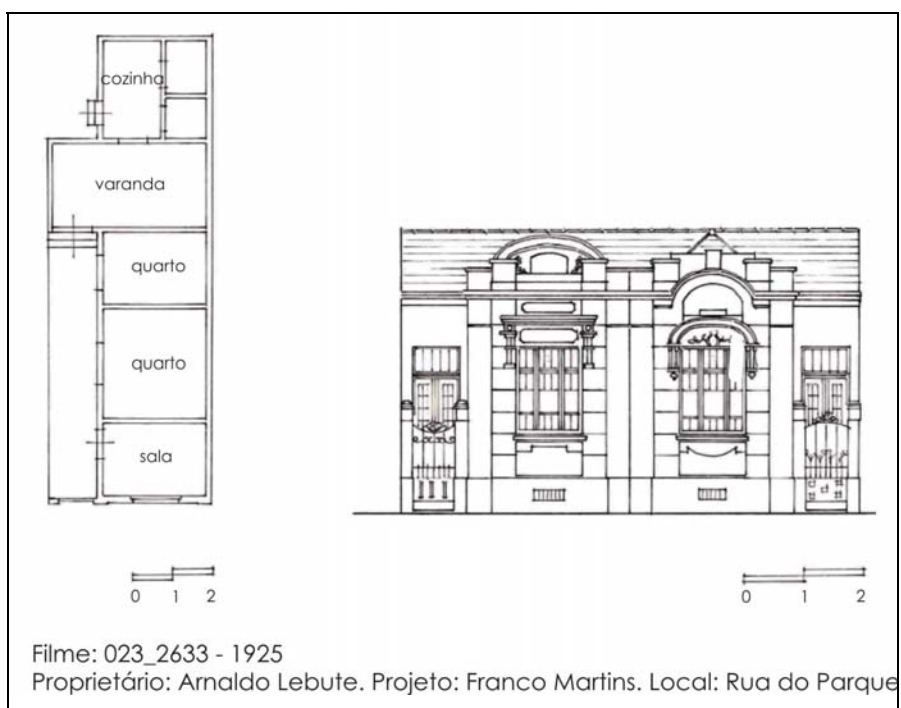


Figura 98 - Filme 023_2633 - 1925.

5.4 SOBRADOS E CASAS MAIORES



Figura 99 - Sobrado na avenida Presidente Roosevelt (agosto de 2010).
Fonte: Foto da autora.

Como vimos anteriormente, desde o final do século XIX, foram promovidos loteamentos de antigas chácaras e implantadas uma série de melhorias urbanas nas áreas de expansão da cidade. Em função do crescimento da demanda da população e do interesse em lucrar com aluguéis, investimentos foram canalizados para construções de moradias, não muito distantes do local de trabalho, destinadas aos operários das fábricas, no distrito industrial da capital. Entretanto, uma diversificação econômica e social traduzia-se especialmente em outros tipos de habitações, que se misturavam naquele contexto, também constituído por uma classe média urbana, cujos espaços domésticos revelavam alterações nos programas de necessidades e maior conforto, possibilitados pelos avanços técnicos e construtivos da época.

Lemos observa que, no caso de São Paulo, as pequenas e minúsculas moradias construídas para os trabalhadores, na verdade, não atendiam às expectativas do estrangeiro imigrado, bastando uma “ligeira abastança” para o

surgimento de programas mais complexos e agenciamentos caracterizadores de uma nova sociedade.”⁴⁷⁴

Assim, também na área em estudo, diversas moradias demonstram mudanças nos padrões e maneiras de morar, como alguns exemplares da tipologia dos sobrados, vistos pela população como construções de certo prestígio social, apesar de nem sempre serem inacessíveis aos pobres e remediados.⁴⁷⁵

No tocante às questões de prestígio e de relações sociais expressas através de estruturas habitacionais, Elias, em seus estudos sobre a sociedade da corte francesa do antigo regime, demonstra como as diversas categorias sociais da época, tinham seu reconhecimento através de determinados tipos de organização espacial. Na estrutura hierárquica de uma comunidade centrada sobre o rei e a corte, esforços e atenções eram dados às questões de prestígio social, reveladas através de modos e atitudes, mas também, da moradia, que destinada a diferentes grupos sociais, continha princípios de caráter que exprimiam e discriminavam categorias. No aspecto das habitações das camadas mais inferiores, o sentido de representação e prestígio não era condição necessária, já que a eles não cabiam deveres de classe:

As suas habitações não têm o caráter público dos hotéis e dos palácios, as suas famílias nada têm de representativo. Trata-se de “casas particulares”, tão insignificantes como seus ocupantes.⁴⁷⁶

O autor considera reveladores os princípios que presidiam a construção de casas para as diversas categorias, nas quais os critérios preconizados para as camadas inferiores eram: simetria, solidez, comodidade e, principalmente, economia, fator patente no seu aspecto exterior e que não tinha qualquer relevância na arquitetura destinada às camadas da corte.⁴⁷⁷

Nos projetos pesquisados, como veremos adiante, algumas habitações de maior prestígio, como casarões isolados, foram mais frequentes na década de 1910-20, e os sobrados, a partir da década de 1920. Assim, chama a atenção a fachada

⁴⁷⁴ LEMOS, 1989, op. cit., p. 68.

⁴⁷⁵ Neste sentido ver: LEMOS, 1996, op. cit., p. 32.

⁴⁷⁶ ELIAS, Norbert. **A sociedade de Corte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1987. p. 33.

⁴⁷⁷ Ibid, p. 33, 34.

ornamentada da edificação de 1913, situada na rua Gaspar Martins (**Figura100**-proc. 1054/1913)⁴⁷⁸ e, portanto, pertencente ao atual bairro Floresta, que, apesar de conter duas moradias na mesma edificação, revela uma condição superior. A valorização plástica propiciada pelos elementos decorativos é semelhante a outros sobrados de arquitetura historicista existentes na cidade, com sacadas emoldurando os vãos centrais, dispostos no alinhamento da rua, e onde beirais foram substituídos por platibandas ricamente adornadas. Os novos recursos disponíveis, calhas, condutores e arremates em geral, possibilitaram o ocultamento do telhado, demonstrando alterações em direção à modernidade da época. Da mesma época, a casa de Fortunato Travi⁴⁷⁹ (**Figura101**), proprietário de uma grande serraria da Voluntários da Pátria, caracteriza um típico sobrado urbano, de propriedade de comerciantes, então situado na rua Álvaro Chaves, nas proximidades da serraria.

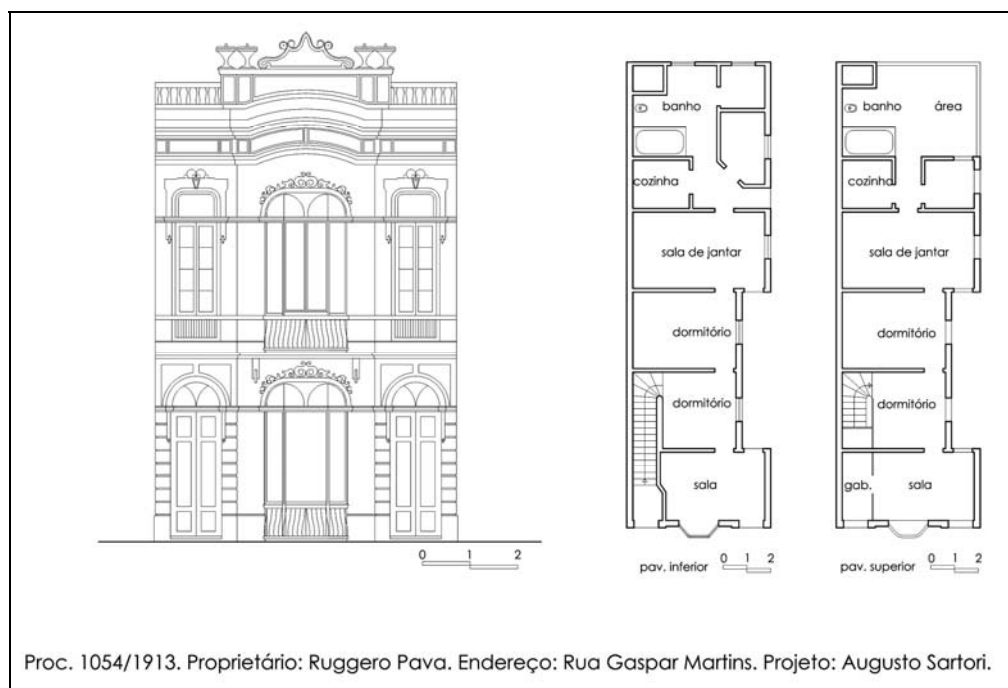


Figura 100 - Proc. 1054/1913.

⁴⁷⁸Filme12 proc.1054/1913, propr.:Ruggero Pava, resp.téc.: Augusto Sartori, Rua:Gaspar Martins.

⁴⁷⁹Filme 015 ,proc. 456/1917, Casa Fortunato Travi, resp. téc. Luiz Valiera, rua Álvaro Chaves. Este processo corresponde a um aumento na edificação.



Figura 101 - Foto atual (agosto de 2010) da Casa Fortunati Travi, situada na rua Álvaro Chaves.
Fonte: Fotografia da autora.

Neste sentido, são oportunas as reflexões de Lemos, ao dizer que o ecletismo adotado como modelo acabou nivelando todas as cidades a uma mesma fisionomia urbana, uma vez que, as questões relativas ao uso do imóvel é que revelavam as peculiaridades da população, escondidas atrás da cortina eclética.⁴⁸⁰ No caso desse sobrado, o lote, estreito e longo, mantém a conformação dos compartimentos vinculados à planta alongada, seguindo a sequência de sala na frente, dormitórios no meio, sala de jantar, cozinha, banheiro, já com indicativo de banheira, dormitório de empregada e área de serviços. Para o mesmo autor, o “quarto da criada” inserido no corpo da casa, ao lado da cozinha, foi uma novidade que surgiu na classe média, no final do século XIX, inexistente nas antigas moradas de alcovas centrais.⁴⁸¹ Quanto a sua implantação no lote, a edificação tem aberturas diretamente para a rua, já que a ela alinha-se. Há afastamento em somente uma das laterais, onde, como em diversos casos, o alpendre funciona como um corredor externo, para o qual se abrem as portas da sala de visitas, dormitórios e sala de

⁴⁸⁰ LEMOS, 1989, op.cit., p.86.

⁴⁸¹ Ibid, p.68.

jantar.⁴⁸² Provavelmente destinado a aluguel, este sobrado diferencia-se de outras edificações do bairro, quanto ao tratamento dos elementos plásticos, ao programa e ao bom nível técnico e construtivo dos diversos elementos.

Como já explicitado anteriormente, o uso misto era frequente na área estudada, principalmente nos exemplares de esquina, em ruas e avenidas mais importantes. Unindo domicílio e trabalho na mesma edificação, o sobrado da esquina da avenida Eduardo com a Moura Azevedo (**Figura102**-proc. 723/1915)⁴⁸³ destina o pavimento inferior ao comércio e o superior à moradia. Junto ao alinhamento das duas ruas, como era de costume, diversas portas se abrem diretamente para o passeio e para a esquina chanfrada. No pavimento superior, a residência tem acesso efetuado através de uma escada lateral até a circulação situada na parte de serviço. Com tratamento simplificado dos elementos plásticos, assemelha-se a um grande casarão de esquina, que procura adequar-se às funções lá exercidas.

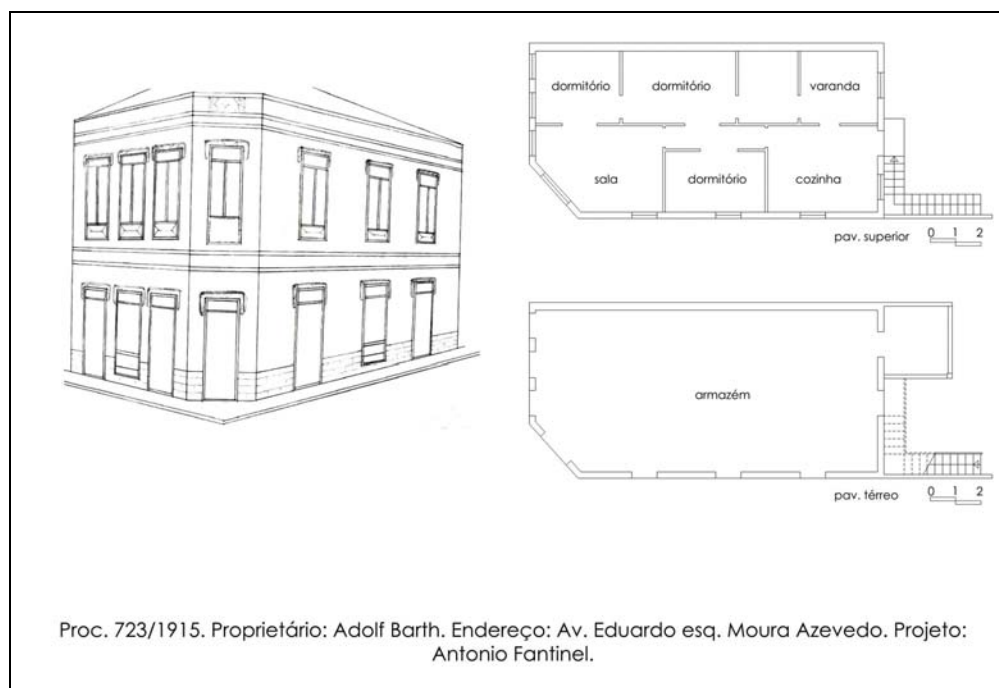


Figura 102 - Proc. 723/1915.

⁴⁸² Neste sentido ver: REIS FILHO, 1973,op.cit.,p.46.

⁴⁸³ Filme 14 proc. 723/1915, Propr.Adolfo Barth,Resp.téc.: Antônio Fantinel, Av. Eduardo,esq.Moura Azevedo.

No caso dos sobrados de esquina ocupados por armazéns, percebe-se uma persistente semelhança com os exemplares térreos já analisados, no que toca à definição espacial e à solução das fachadas. Exemplifica esta tipologia o armazém da esquina construído pelos Irmãos Camillis⁴⁸⁴, na então rua Itália com Cândio Gomes (**Figura 103**-proc. 6719/1929),⁴⁸⁵ neste caso, agregando uma residência, que se desenvolve nos dois pavimentos.

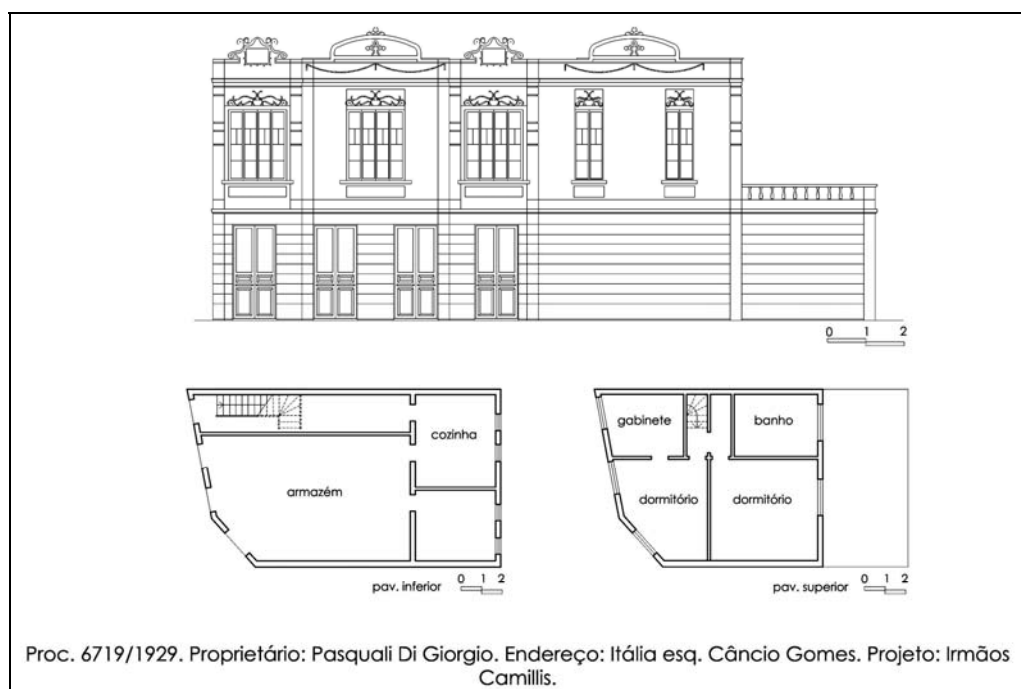


Figura 103 - Proc. 6719/1929.

Com algumas variações programáticas, Willy Stein⁴⁸⁶ construiu a edificação (ainda existente) da esquina da Conde de Porto Alegre com a Quintino Bandeira

⁴⁸⁴ **Irmãos Camillis**, era a firma de Eduardo e Oscar de Camillis, naturais de São Paulo. Suas atribuições profissionais lhe permitiam construir prédios de alvenaria de dois pavimentos, com lajes de concreto de até seis metros de vão. Foram pequenos construtores, cuja firma teve uma vida efêmera no início da década de 1930. WEIMER, 2004, op.cit. p.39,40.

⁴⁸⁵ Filme 37 proc 6719/1929, propr. Pasquali Di Giorgio, resp.téc. irmãos Camillis, Itália(Santos Dumond esq,Cândio Gomes.

Curiosamente em 1931, foi encontrado nos microfilmes outro projeto, na mesma esquina filme 47,proc.14 352/1931, mas tendo como responsável Artur Fenselau, evidenciando-se alterações nas fachadas, que passam a liberar os beirais das platibandas bem como uma diminuição dos elementos decorativos existentes no projeto anterior.

⁴⁸⁶ **Willy Stein ou Wilhelm Stein**, nasceu em 1900 em Bickenbach no Hesse. Obteve seu diploma em 1921, trabalhando posteriormente na própria Alemanha e na Romênia.Veio para Porto Alegre, por ocasião da construção do Viaduto Otávio Rocha(1928), em função dos muitos acidentes ocorridos nesta obra, onde provavelmente tenha assumido a direção dos trabalhos. Logo foi contratado para construir obras importantes, como a Cervejaria Continental, seis armazéns para o Arsenal de Gerra de Taquari, duas casas na rua Padre Chagas,Cervejaria Leonardelli, em Caxias e a fábrica Peterlongo ,

(proc. 12 491/1931),⁴⁸⁷ que agrega ao salão destinado a negócios, duas moradias e uma garagem, construída em volume isolado. Nestas tipologias de uso misto, percebe-se a pouca importância conferida à sala de visitas, muitas vezes restrita à tradicional varanda ou a um gabinete. Pode-se deduzir que nestes casos, provavelmente, a vida social no ambiente da habitação era muito reduzida. Evidencia-se que os beirais banidos e substituídos pelas platibandas, nas primeiras décadas do século XX, voltam a aparecer próximo a década de 1930.



Figura 104 - Foto atual (agosto de 2010) do sobrado da Conde de Porto Alegre esquina Quintino Bandeira.
Fonte: Fotografia da autora.

Também foram identificados uma série de sobrados de uso misto em meio de quadra, principalmente nas avenidas de comércio mais frequente, como a antiga avenida Eduardo, que se tornou o centro comercial da área. Neste caso, é possível fazer uma leitura de trechos desta via baseando-se no conceito de “rua comercial”, delineado por Cabral. Esta morfologia é configurada através de “lojas alinhadas ao longo de uma calçada pública que lhe serve de acesso”, onde a continuidade

em Garibaldi. Apesar de pleitear a titulação de engenheiro-arquiteto diplomado, o CREA só lhe concedeu a licença de construtor. WEIMER, 2004, op.cit. p.171,172.

⁴⁸⁷ Filme 47 processo 12491/1931, propr. não identificado, resp.téc. Willy Stein, rua Conde de Porto Alegre esq. Quintino Bandeira.

espacial propicia o benéfico fluxo de pedestres, o que não impossibilita a utilização de residências nos pavimentos superiores.⁴⁸⁸

Uma edificação que exemplifica as características referidas é a de Emílio Gumbitzki, (**Figura105**-proc.674/1921)⁴⁸⁹, por ser um sobrado junto ao alinhamento da antiga avenida Eduardo, em um terreno estreito e longo, encostado nas divisas. Neste caso, além da destinação da área comercial junto ao passeio, existe uma pequena moradia de um dormitório na parte dos fundos. Como era usual nos sobrados urbanos tradicionais, uma escada de lance único permite o acesso à residência do pavimento superior, onde são dispostos os cômodos sequenciais. O gabinete, compartimento que começa a aparecer no bairro com mais frequência na década de 1920, é localizado ao lado da sala da frente, sendo que, em alguns casos, a substitui, provavelmente sendo nele exercidas as funções sociais da casa.

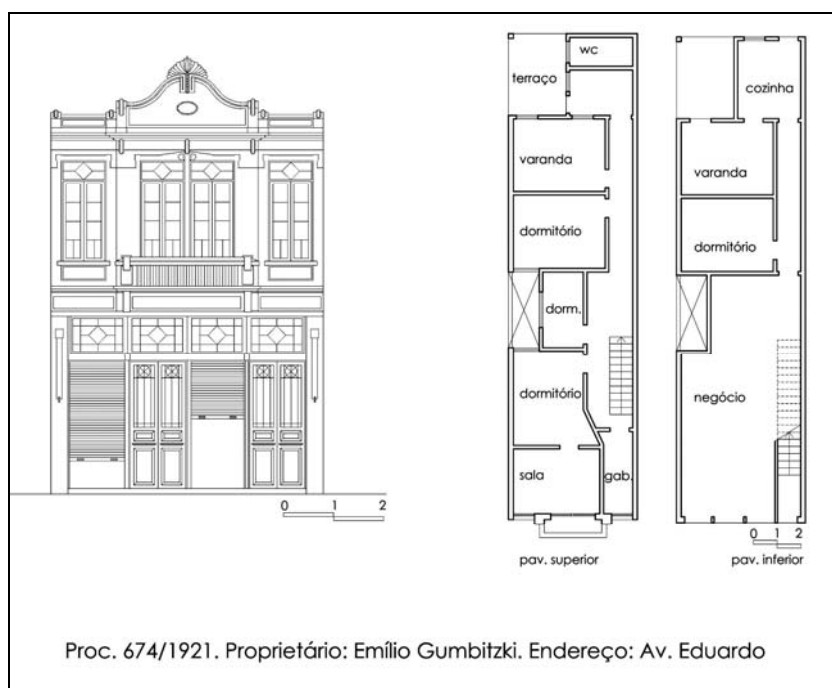


Figura 105 - Proc. 674/1921.

⁴⁸⁸ CABRAL, Claudia P. **Tipologias Comerciais em Porto Alegre: da rua comercial ao shopping center**. Porto Alegre, 1996. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, UFRGS, p.49,50.

⁴⁸⁹ Filme 17 proc.674/1921, propr. Emílio Gumbitzki, Resp.téc.: Alex Knoll, Avenida Eduardo.

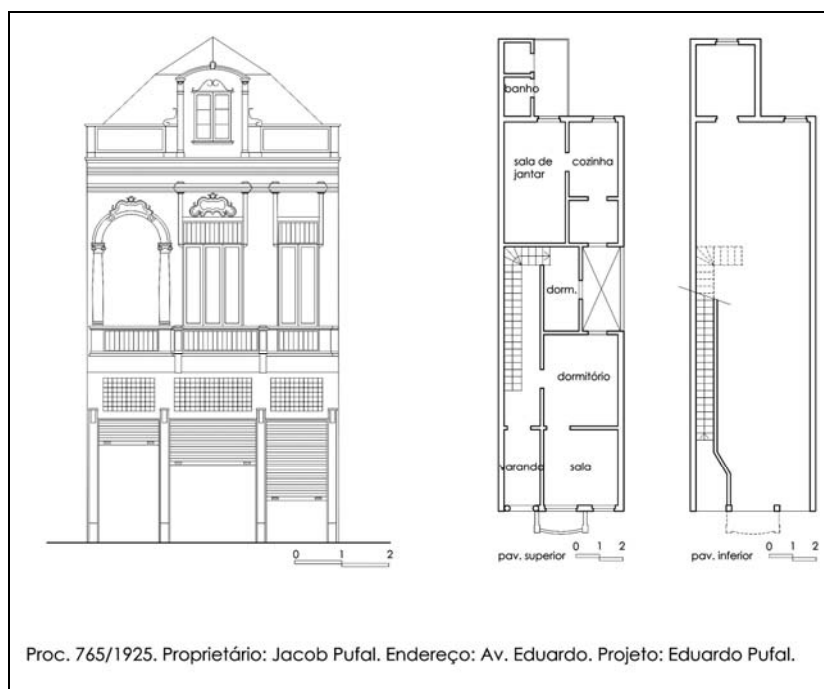


Figura 106 - Proc. 765/1925.

O projeto de Eduardo Pufal⁴⁹⁰ (**Figura106**-proc. 0765/1925)⁴⁹¹ evidencia a importância comercial da avenida Eduardo, por apresentar condições superiores e preocupações de ordem plástica quanto ao uso de ornamentação e elementos historicistas na fachada. O pavimento térreo é destinado somente ao comércio e o programa da residência é muito semelhante à casa Gumbitzki, tendo como diferencial a denominada “sala recepção”, que possui sacada frontal, tendo também um terraço justaposto e adornado por uma arco. Nos dois casos aparece a sotéia, uma espécie de terraço descoberto, muito utilizado nesta tipologia e que servia como área de distribuição e de iluminação para os compartimentos de serviços, como banheiros, que não ficavam ligados diretamente ao interior da casa.

Este hábito que, entre nós, revela o desprestígio dos espaços destinados aos serviços, era tratado de forma diferente em certos países europeus. Curiosamente, Sennet conta que, na era vitoriana, os vasos sanitários, introduzidos um século antes, não tinham somente função utilitária, mas sim, eram considerados

⁴⁹⁰ **Eduardo Pufal** nasceu em 1899 em Porto Alegre e era filho do construtor Jacob Pufal e irmão de João Luiz. Intitulava-se projetista-construtor. Projetou para o irmão sete prédios, entre os quais o cinema Orfeu (1922), quando ambos trabalhavam com o pai. Seu registro no CREA foi cassado em 1948, quando então, todas as obras da empresa passaram ser responsáveis pelo irmão, que era construtor, enquanto Eduardo elaborava os projetos. WEIMER,2004,op.cit. p.139,140.

⁴⁹¹ Filme 022,proc. 0765/1925, propr. Jacob Pufal, resp.téc. Eduardo Pufal, avenida Eduardo.

como peças de mobiliário. Só no século XIX é que este hábito passou a ser feito em cômodos separados, onde estavam também instaladas a banheira e a pia.⁴⁹²

Por outro lado, novos modos de viver, baseados na influência do imigrante, estiveram presentes na área. Lemos reconhece a grande atuação dos estrangeiros na arquitetura domiciliar, através da introdução de novas técnicas construtivas e alterações de programas de necessidades. Também foram importantes os ensinamentos relativos aos modos de cocção, preparo de alimentos, novos cardápios e a introdução de beneficiamentos de gêneros alimentícios fora de casa, facilitando o trabalho doméstico.⁴⁹³

No caso do 4º. Distrito, Mondin descreve que não raro reuniam-se, em uma só quadra, diversas etnias e que, através de peculiaridades próprias de cada edificação, era possível saber a respectiva procedência do morador. Segundo o autor, as residências dos alemães eram construídas mais ao fundo, com jardins frontais que a separavam de um contato imediato com a rua e protegidas com muros altos, cacos de vidro e cães. Os italianos também gostavam de jardins, mas preferiam cultivar hortas nos seus quintais.⁴⁹⁴

Assim, diferentemente das casas estreitas e longas, alinhadas à rua e de beirais escondidos atrás de platibandas adornadas, há soluções vizinhas, construídas em terrenos maiores, com telhados de fortes inclinações e que fogem das tradicionais duas águas, mesmo localizadas em avenidas, como a São Pedro. Uma casa de tendência mais pitoresca, projetada nesta rua, em centro de terreno, pela já mencionada firma Schubach & Hartmann (**Figura107**-proc 308/1926)⁴⁹⁵, exemplifica uma solução com influências do imigrante, onde foi aproveitada a acentuada inclinação do telhado para inserção de um pavimento destinado aos dormitórios(camarinha ou água furtada). A entrada situa-se na lateral e uma base de pedra compõe o tratamento superficial da fachada.

⁴⁹² SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: Record, 1997, p.276.

⁴⁹³ LEMOS, 1989, op.cit., p.87.

⁴⁹⁴ MONDIN, 1987, op.cit., p.59.

⁴⁹⁵ Filme 24, proc, 308/1926, propriet. Valentin Hosceiser F., resp. téc. Schubach & Hartmann, avenida São Pedro.

Ao aproximar-se dos anos trinta, a crise externa, que tanto abateu o mercado internacional, não teve tanta repercussão no mercado imobiliário de Porto Alegre, que manteve uma relativa estabilidade até 1931, como mostra o gráfico relativo à sua evolução.⁴⁹⁶ Como já mencionado, nesta época, torna-se mais frequente o uso de beirais aparentes e telhados de quatro águas, com a utilização de calhas e condutores, constituindo uma tipologia muito recorrente na área. Lemos enfatiza que nestas edificações com afastamentos em seus quatro lados, os telhados podiam participar mais efetivamente da composição, uma vez que as coberturas eram mais movimentadas e os beirais recortados.⁴⁹⁷

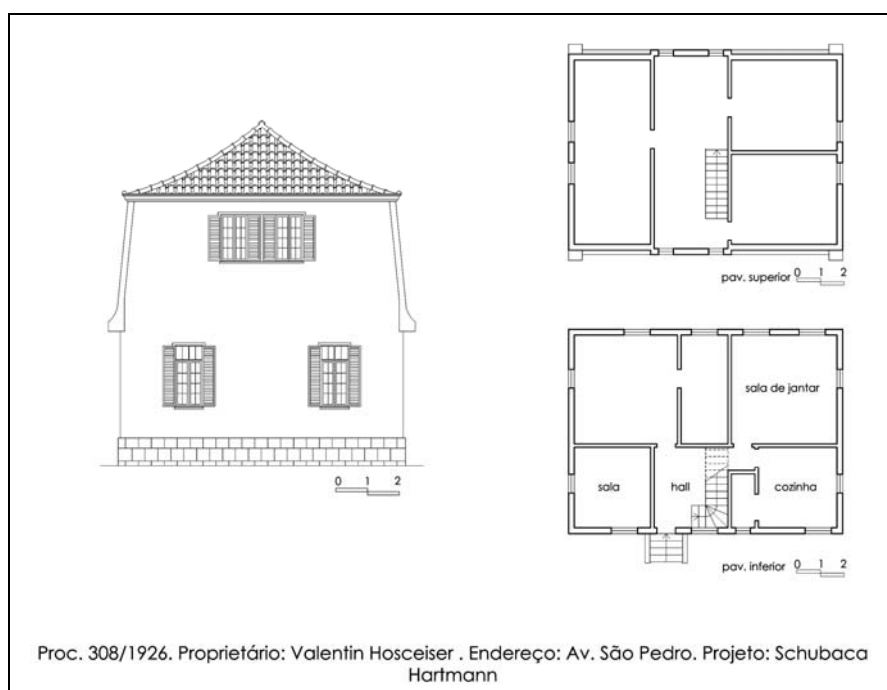


Figura 107 - Proc. 308/1926.

⁴⁹⁶ WEIMER, 2009, op.cit., p.105.

⁴⁹⁷ LEMOS, 1989, op.cit., p.99.

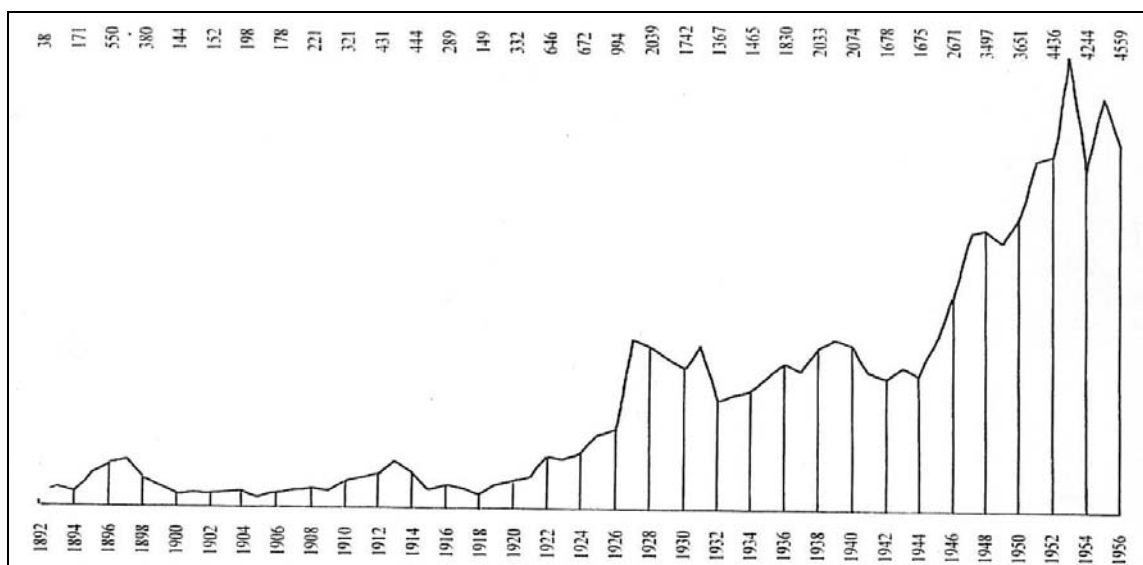


Figura 108 - Evolução do mercado imobiliário de Porto Alegre entre 1892 e 1956.

Fonte: WEIMER, 2009, op.cit.,p. 105.

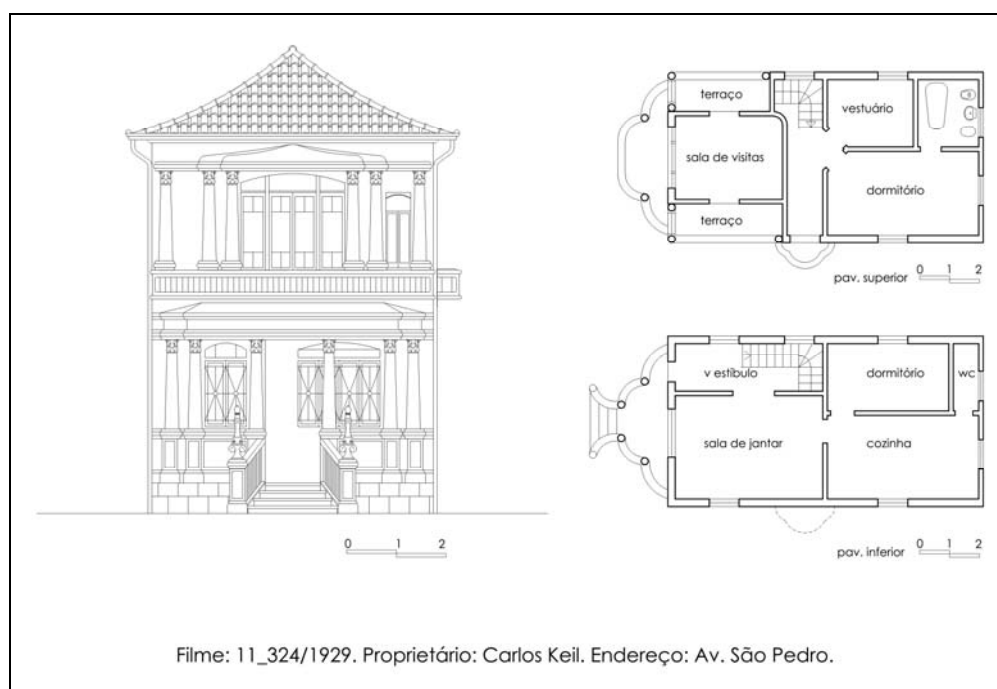


Figura 109 - Filme 11_324/1929.

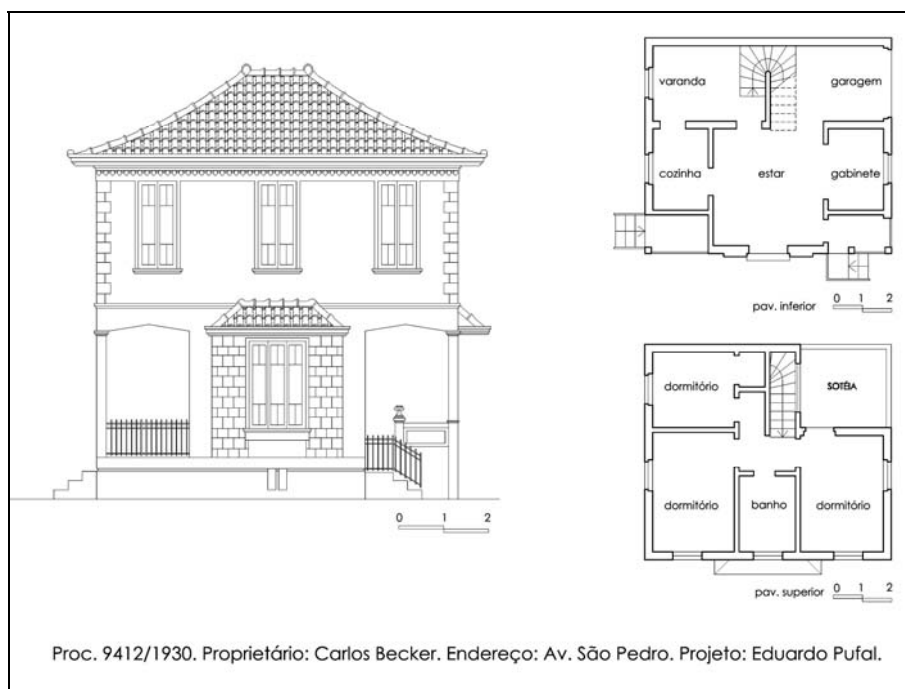


Figura 110 - Proc. 9412/1930.

Exemplares com estes traços evidenciam-se nos sobrados de Carlos Keil (**Figura109**-proc. 11324/1929) e de Carlos Becker (**Figura110**-proc. 09412/1930), ambos na avenida São Pedro, bem como no de Gustavo Poisl (proc.10315/1929), na avenida São Paulo.⁴⁹⁸ São casas com programas maiores, se comparadas à média das edificações analisadas, afastadas da via e das divisas e, por esta razão, construídas com porões de altura reduzida⁴⁹⁹ e destinando áreas livres maiores para jardins. A casa de Keil recebe a denominação de bungalow, talvez por seu grande afastamento da via, o que identifica uma intenção de habitação mais voltada para as áreas externas e de ares pitorescos. Esta denominação contrasta com as colunas e demais elementos plásticos da fachada, que em nada lembram um bungalow.⁵⁰⁰

Já o sobrado de Becker adiciona alguns elementos novos no programa, como a garagem e o gabinete. Uma sotéia no pavimento superior, neste caso com

⁴⁹⁸ Filme 039,proc 11324/1929,propr. Carlos Keil,resp. téc. não identificado,avenida São Pedro,849; filme 41 proc.09412/1930,propr.Carlos Becker.resp.téc.Eduardo Pufal,av.São Pedro; filme 039 proc.10315/1929,propr.Gustavo Poisl,resp.téc.Henrique Cogo,av.São Paulo.

⁴⁹⁹ Ver REIS FILHO, 1970,op. cit., p. 176.

⁵⁰⁰ Em função das transformações ocorridas nesta avenida nas décadas seguintes, esta edificação foi muito alterada. A introdução do uso comercial através de um acréscimo na construção até o alinhamento da rua e a utilização de linguagem do Art Déco, descaracterizaram o antigo imóvel. Assim, foi eliminado o grande afastamento frontal outrora existente, bem como sua tendência pitoresca. A edificação, ainda permanece no local.

uma função de terraço interligado ao dormitório, identifica a intenção de prolongar este dormitório para o exterior, assim como as tradicionais “bay windows” do pavimento inferior. Seu tratamento arquitetônico externo é variado, mesclando pedras, gradis de ferro, colunas, floreiras e outros elementos decorativos que caracterizaram residências de arrabaldes.

Os dois exemplares ilustrados, mostram evidentes alterações nos modos de morar e avanços no que se refere às técnicas e às novas possibilidades construtivas. Na aparência, considerando as limitações de terreno e de outros recursos, tais elementos refletem diferentes tendências e sugestões plásticas de casas mais pretensivas e voltadas para outros extratos sociais. Em outros bairros da cidade, novas formas de habitar, mais distantes do local de trabalho, acarretaram modificações nas exigências domésticas e nas questões relativas aos serviços, como transporte e abastecimento:

Essa casa, só de morar, essa residência mais confortável, se não de luxo, atenta ao mundo moderno de então, reflete outra divisão de trabalho, outra variedade de serviços e de hierarquias entre eles. Reflete na sua origem, razão e possibilidade de ser uma nova divisão de trabalho, mais sofisticada, variada e cuja hierarquia impõe a representação para seus donos e familiares. Mora-se e recebe-se em casa; sai-se para o trabalho e para a vida social.⁵⁰¹

Desde o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, a introdução de modos de vida mais sofisticados, possibilitados pelas condições financeiras da população abastada, já vinham renovando os padrões de construções da cidade, com alterações na implantação das edificações no terreno, no agenciamento dos espaços e na incorporação de novas linguagens formais⁵⁰². Residências maiores, soltas e resguardadas em torno de jardins, comuns em bairros como o Moinhos de Vento, ofereceram melhores condições de arejamento e iluminação. Com terrenos maiores, aumentou-se o número de portas e janelas e a casa passou a integrar-se mais com o espaço externo, inclusive através de terraços. Os programas habitacionais tornaram-se mais exigentes e os projetos passaram a ser elaborados de forma a priorizar as questões de privacidade, ficando mais claro o agenciamento em torno da definição dos três setores: o social, composto dos recintos que

⁵⁰¹ MARX, 1999, op.cit., p. 126.

⁵⁰² Neste sentido ver: GEA, 1995, op.cit.

mantinham relações mais formais relativas à esfera pública; o íntimo, que mantinha a privacidade familiar e o de serviço, destinado ao funcionamento da casa. Sob este aspecto, Lemos destaca que a classe média baixa e o proletariado ficaram mais atrelados aos esquemas de circulação da casa colonial, enquanto a classe média ascendente e os ricos, atrelados ao da circulação francesa, baseado no isolamento de cada setor da habitação.⁵⁰³

Casarões maiores também foram implantados em outras partes da cidade, como no caso da Voluntários da Pátria, no seu eixo Conceição em direção a Navegantes, onde os lotes eram maiores. Exemplos destas tipologias, nesta via, foram evidenciados com mais frequência, entre os anos de 1910 e 1920, como a casa de H.Ritter & Filhos, concebida por Theo Wiederspahn (**Figura 111**-proc.099/1913); a residência do Dr. Victor Fischel (**Figura 112**-proc.416/1916), projetada por Germano Bartel⁵⁰⁴; a casa da Sra. Dillemburg (proc.597/1919), de Theo Wiederspahn, entre outras.⁵⁰⁵

⁵⁰³ LEMOS, 1996, op. cit., p. 52, 53.

⁵⁰⁴ **Germano Bartel** nasceu em Berlim em 1872. Registrou-se no CREA como arquiteto-construtor, sendo que sua licença se restringia à construção de prédios de dois pavimentos. Entre 1912-16, portanto, na mesma época da casa do Dr. Fischel, na Voluntários da Pátria, responsabilizou-se por 10 grandes residências nas adjacências da avenida Independência. WEIMER, 2004, op. cit. p. 30.

⁵⁰⁵ Proc.099/1913, propriet. H. Ritter & Filhos, resp. téc. Theo Wiederspahn, rua Voluntários da Pátria, 599; proc.416/1916, propriet. Dr. Victor Fischel, resp. técn. Germano Bartel, Voluntários da Pátria esq. Comendador Azevedo; proc.597/1919, propr. Sra. Dillemburg, res. téc. Theo Wiederspahn, Voluntários da Pátria. Sobre estes projetos, ver; MATTAR, 2001, op. cit.

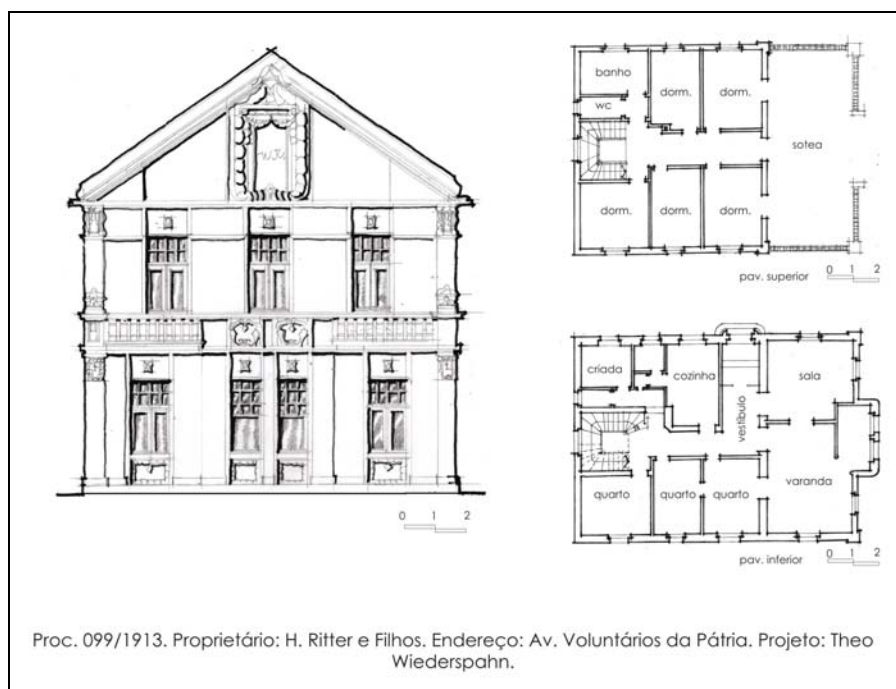


Figura 111 - Proc. 099/1913.

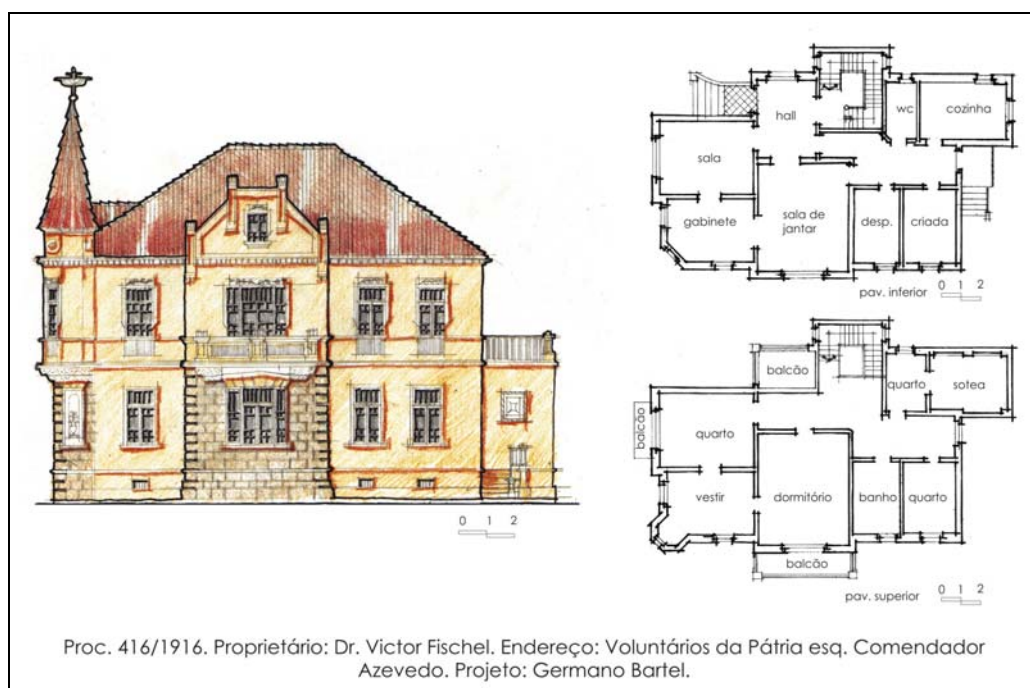


Figura 112 - Proc. 416/1916.

Em uma época em que era usual morar próximo ao local de trabalho e não havia tanta segregação de usos na cidade, alguns industriais e empresários construíram casarões para moradia familiar, junto ao seu negócio. Este é o caso da residência acima mencionada, situada na Voluntários esquina com Comendador Azevedo, pertencente químico Dr. Fischel, que possuía um estabelecimento fabril

bem ao lado da sua moradia.⁵⁰⁶ Outro industrial que em 1918 construiu residência para toda a família junto à sua fábrica, foi A.J. Renner(proc.501/1918)⁵⁰⁷, com projeto de Mariano Sieg.⁵⁰⁸



Figura 113 - Fachada do prédio da fábrica de bebidas Fischel, localizada na Voluntários quase esquina com Comendador Azevedo. O prédio da esquina, em primeiro plano, era a residência da família Fischel.

Fonte: BLANCATO, op.cit., p. 214.

⁵⁰⁶ O Dr. Fischel fabricava sabonetes, perfumes e diversos produtos da marca Flora. No mesmo estabelecimento fabricava bebidas, Alsina, águas minerais e gasosas e champgne, a Monopol, com uvas importadas da França. WRIGHT, 1913, op.cit., p.819.

⁵⁰⁷ Proc.501/1918, propriet. A.J. Renner, resp.téc. Mariano Sieg, Rua Frederico Mentz.

⁵⁰⁸ O arquiteto **Mariano Sieg** lecionou na faculdade de Gewerbeschule, e trabalhou com Theo Wiederspahn. Com ele projetou uma série de obras importantes, como a filial do Banco Pelotense em Estrela. Em 1918, estabeleceu-se por conta própria.



Figura 114 - Foto atual (agosto de 2010) da residência de A. J. Renner.
Fonte: Fotografia da autora.

Assim, é possível verificar que nesses exemplares, muito diferentes das habitações da classe trabalhadora, não havia mais a superposição de funções. Ao analisar o palacete paulistano da elite cafeeira, Homem também diferencia a casa operária da casa de luxo, já que, nesta última, passou-se a definir um cômodo para cada atividade específica. Desta forma originaram-se diversos compartimentos: sala de música, de estar, da senhora, de jogos, fumoir, gabinete, jardim de inverno, hall, etc⁵⁰⁹

Sob este mesmo enfoque, Áries reforça as alterações que envolveram a história da casa, destacando inovações e elementos importantes: compartimentos especializados conforme suas funções, cômodos de dimensões menores, multiplicação de pequenos recintos e a adoção de espaços de circulação e

⁵⁰⁹ HOMEM, 1996, op. cit., p.125.

comunicação (corredores, hall de entrada, etc.) como forma de dar independência aos ambientes.⁵¹⁰



Figura 115 - Residência na rua Comendador Azevedo, ao lado de fábrica (agosto de 2010).
Fonte: Foto da autora.

Deste modo, a maior importância conferida às questões circulatórias, o uso do vestíbulo como elemento de distribuição dos diversos setores e a separação dos acessos social e de serviço, foram tendências que acarretaram mudanças nos padrões projetuais das habitações. Neste tipo de moradia, a sala possuía tratamento diferenciado, principalmente no tocante a exibição criteriosa do mobiliário e dos elementos decorativos. Guerrand, referindo-se às residências burguesas do século XIX na França, destaca que o chamado salão era um ambiente desabitado, “um lugar quase que morto, com seus móveis recobertos por capas protetoras”, ou seja,

⁵¹⁰ARIÈS, Philippe. “Por uma história da vida privada”. In: ARIÈS Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997, v.3, p.13.

a sua importância principal atentava para as questões de representação simbólica e de status como forma de marca social.⁵¹¹

Por outro lado, Mondin, ao descrever uma típica residência do 4º. Distrito, nos dá uma noção de como se agenciavam seus interiores. As salas, na sua maioria, possuíam sofás e cadeiras de palhinha. Nas paredes, invariavelmente ficavam os retratos ou estampas do Coração de Jesus, no caso das famílias católicas. Nos quartos, existia sempre um móvel denominado toailete, com a bacia e o jarro. Sua descrição identifica uma organização baseada nas casas coloniais, onde na sequência dos aposentos vinha a varanda, ou o comedouro, funcionando também como sala de estar mais utilizada. O mobiliário era composto de mesa de tamanho variado e cristaleira. Havia também a cadeira de balanço e, nas paredes, uma estampa da Última Ceia.⁵¹²

No tocante à assimilação de novas linguagens, durante a primeira metade do século passado, as áreas de expansão de muitas cidades brasileiras constituíram-se em ambientes propícios às novas experiências, que resultaram em uma paisagem caracterizada pela mistura de diversas tendências arquitetônicas. Callegaro,⁵¹³ analisando as diversas tipologias a partir da arquitetura da Exposição Farroupilha em Porto Alegre, identifica as seguintes vertentes arquitetônicas: arquiteturas modernizantes ou modernistas, arquitetura californiana, neocoloniais e hispânicas, arquitetura colonial ou germânica e arquitetura eclética.

Conde salienta que é comum, nas manifestações arquitetônicas e urbanísticas brasileiras da época, a sua desconformidade em relação às normas e postulados de composição, pois:

(...)embora construídos em épocas variadas e sob condições diversas, se encontram aí misturados elementos neoclássicos, modernos e neocoloniais, e incorporadas influências da tradição vernacular, do Art Déco e dos estilos românticos europeus.⁵¹⁴

⁵¹¹ GUERRAND, 1995, op.cit., p.334.

⁵¹² MONDIN, 1987, op.cit., p.43.

⁵¹³ CALLEGARO, op. cit., 2002.

⁵¹⁴ CONDE, 1987, op. cit., p.68.

Na trajetória arquitetônica do período de transição ao “Modernismo”, Conde e Almada destacam que não houve rupturas, mas mudanças lentas e imperceptíveis, em que o Art Déco é interpretado como uma das primeiras expressões do Modernismo. Também sugerem uma auto-definição para o Art Déco baseada no título da exposição fundadora com as seguintes características:

- Arte, associada às diversas expressões artísticas da época;
- Decorativo, pressupondo a aceitação da idéia de decoração;
- Internacional, que, assim como o Movimento Moderno, contrapõe-se, de certa forma, às expressões artísticas autenticamente nacionais;
- Industrial, representativo da emergente sociedade capitalista e industrial;
- Moderno e Cosmopolita, associado às imagens dos novos elementos da época (arranha-céus, automóveis, cinema, rádio, etc.)⁵¹⁵

Outros autores como Unes, baseados nos diversos exemplares que empregaram características marcantes do Art Déco espalhados em todo o país, arriscam dizer que ele representa “o movimento arquitetônico de maior impacto popular no Brasil”, testemunhando a vontade de modernização de uma sociedade.⁵¹⁶ Oliveira e Dias também destacam seu grande alcance na arquitetura popular, através da assimilação dos seus elementos por “pessoas mais simples”, transformando-os em símbolos que permitem sua inserção na estética vigente.⁵¹⁷

Ramos, ao analisar a Buenos Aires Déco, diz que essa “corrente estética” foi adotada, em grande parte, pelos setores populares e pela classe média em expansão:

Essa arquitetura baseada no saber popular, produto de uma economia centrada no subconsumo, construída por etapas (pelos próprios habitantes ou por leigos), com referências ao histórico e ao novo, com adoções e recriações, híbrida e livremente imaginativa, algo cinza e austera, meio

⁵¹⁵ CONDE & ALMADA, 1996, op. cit., p. 10.

⁵¹⁶ UNES, 2001, op. cit., p. 131.

⁵¹⁷ OLIVEIRA, Luciana de Lima; DIAS, Paulo Renato Ramos. “A presença do Art Déco na Arquitetura do Subúrbio Carioca.” In: **Art Déco na América Latina- Iº Seminário Internacional**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Urbanismo/Centro de Arquitetura e Urbanismo; PUCRJ, 1997, p. 186.

pampeana, meio européia, construiu uma modernidade peculiar, que ainda hoje se constitui uma presença importante.⁵¹⁸

Assim, a leitura dos diversos projetos microfilmados da área em estudo permite constatar que, ao longo da década de 1930, manifestam-se alterações relativas à linguagem plástica e a introdução de novos elementos arquitetônicos, entre eles os do Déco. No caso dos sobrados, três projetos selecionados identificam avanços neste sentido. A residência da Álvaro Chaves, (**Figura 116**-proc. 18715/1936)⁵¹⁹ exemplifica o caso de um sobrado típico do bairro, encostado a uma das divisas, com programa compacto e distribuição através da sala de jantar (antiga varanda) e portanto sem alterações consideráveis nas soluções funcionais. Entretanto, apesar das janelas ainda manterem-se estreitas e altas, e dos beirais aparentes, o exemplar demonstra uma simplificação em direção à modernidade da época, apesar das suas limitações plásticas.



Figura 116 - Filme 18_715/1936.

⁵¹⁸ RAMOS, Jorge. "Buenos Aires Déco: A outra Modernidade". In: **Art Déco na América Latina- I** **Seminário Internacional**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Urbanismo/Centro de Arquitetura e Urbanismo; PUCRJ, 1997, p. 65.

⁵¹⁹ Filme 71 proc. 18715/1936, propriet. Atte Pastro, resp.téc. Jorge Carondomo, rua Álvaro Chaves, 214. (exist.)



Figura 117 - Foto atual (agosto de 2010) da edificação da Álvaro Chaves.
Fonte: Fotografia da autora.

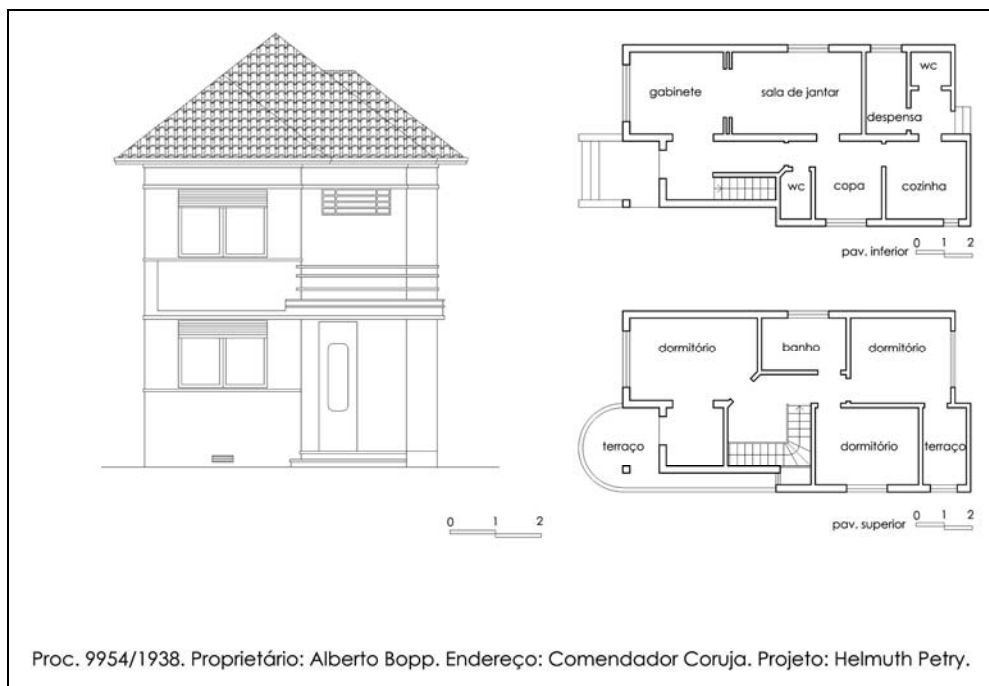


Figura 118 - Proc. 9954/1938.

Assim, igualmente ocorre com o projeto de Helmuth Petry, na Comendador Coruja (Figura 118-proc. 9954/1938),⁵²⁰ onde destaca-se o volume circular do terraço

⁵²⁰ Filme 77 proc 9954/1938, propr. Alberto Bop, resp. téc Helmuth Petry, rua comendador Coruja.,

frontal, com ferragens de linhas simples e que acompanham o mesmo desenho. Neste caso, a planta das duas residências do sobrado apresenta uma evolução na distribuição dos recintos, já que é efetuada através do hall, permitindo maior independência entre eles. A presença dos dois terraços localizados no pavimento superior evidencia uma época de maior integração da moradia com as áreas externas.

No terceiro, o exemplar projetado por Ernani Hüttzel⁵²¹ (**Figura119**-proc.14672/1939), as tendências modernizantes são mais explícitas, perceptíveis através da utilização de janelas mais largas, ocultamento do telhado em platibanda de linhas curvas, sacada e demais elementos plásticos. Neste caso, ratificam-se as considerações de Unes de que o Art Déco, ao esconder os beirais, os substitui pela introdução de varandas e sacadas, que passaram a compor as volumetrias das edificações.⁵²²

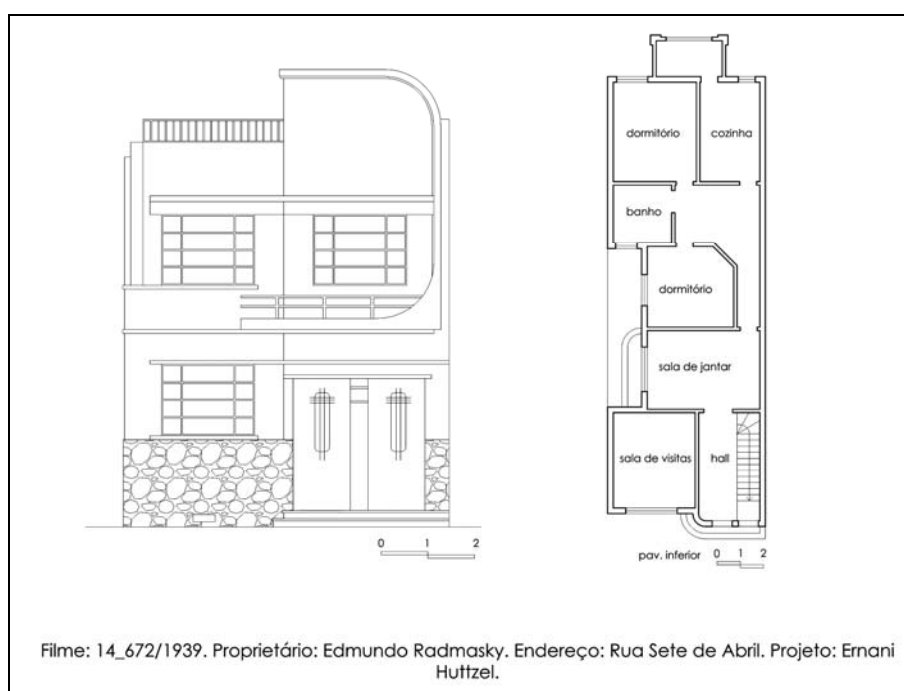


Figura 119 - Filme 14_672/1939.

Em situações distintas das apresentadas acima, a adoção de novas linguagens se manifesta através da utilização de elementos plásticos, que remetem

⁵²¹Filme 82,proc 14672/1939,propriet. Edmundo Radmasky,resp.téc.Ernani Hüttzel,rua Sete de Abril.

⁵²²UNES,op.cit.,2001,p.80.

ao denominado “estilo californiano”, exemplificado na residência construída na década de 1950, de Oscar Barbosa dos Santos ⁵²³(Figura120-proc. 46991/1951). Enquanto em outros bairros da cidade o estilo adotado foi por casas unifamiliares e com programas maiores, neste caso, apesar da aparência de moradia única, o sobrado destinava-se à duas famílias, com organização e configuração que não apresentam novidades. Externamente, aparecem alguns elementos característicos deste tipo de residência: o pórtico de entrada em forma de arco e coberto com pequeno telhado de duas águas, as pedras rústicas usadas como elementos compositivos, os recortes geométricos do terraço do pavimento superior e o lampião.

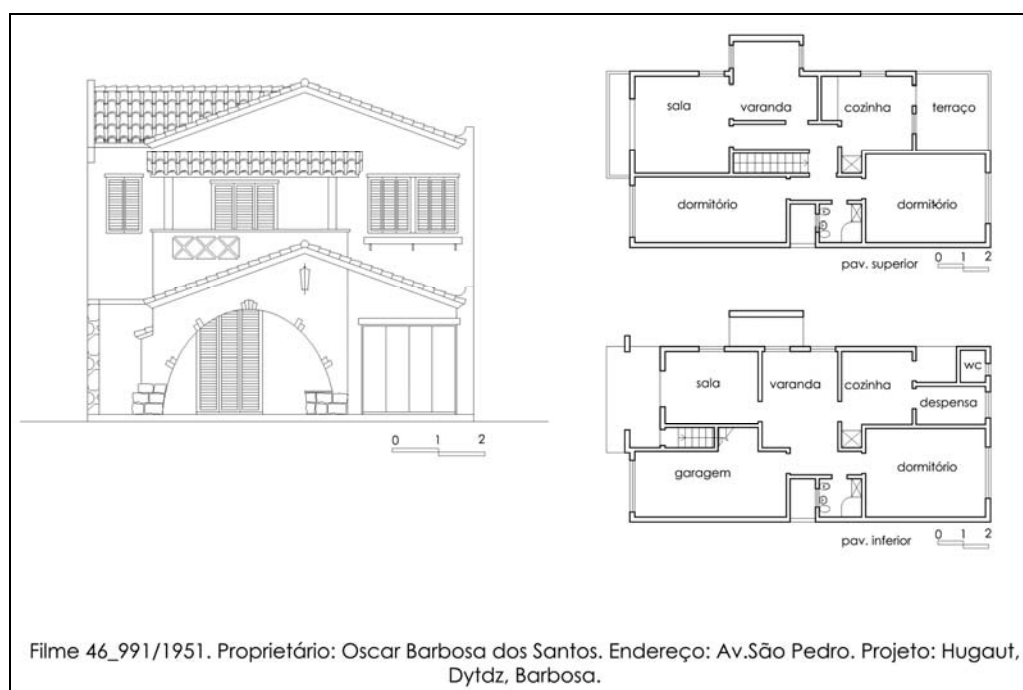


Figura 120 - Filme 46_991/1951.

Weimer salienta que houve, na década de 1930, um “revival” arquitetônico denominado “estilo espanhol”, que conviveu com as demais tendências modernistas da época. Diferente do restante do país, no extremo sul, tal estilo não evoluiu para o neocolonial, inspirado no barroco mineiro. No entanto, abriu caminho para a ampla difusão do “estilo californiano”, uma forma simplificada do estilo espanhol, de vertente argentina, a ponto de tornar-se o estilo dominante das construções de diversos bairros da cidade na década de quarenta. Sendo uma linguagem que teve

⁵²³Filme 229 proc. 46991/1951, propriet. Oscar Barbosa dos Santos, Resp. téc. Hugaut, Dytdz, Barbosa, avenida São Pedro.

grande aceitação popular, estendeu-se até a década de sessenta, quando o movimento moderno já era dominante.⁵²⁴

É importante destacar, já nos anos trinta, a predileção do arquiteto João Antonio Moreira Neto, anteriormente mencionado pelo estilo espanhol, apesar de também projetar residências modernistas. Como demonstra seu texto publicado no Diário de Notícias, na coluna denominada “Para quem quer construir”, Moreira Neto apresenta sugestão de projeto de residência, que certamente auxiliou na divulgação desta vertente.⁵²⁵

Weimer também lembra que a década de trinta foi uma das mais conturbadas do século, em consequência dos seus diversos confrontos sociais, o que também se refletiu na arquitetura através do grande número de experiências contraditórias. Assim, no Brasil se confrontavam as correntes modernista, neocolonial e eclética, sendo que a neocolonial, tão difundida nos estados do centro do país, ao sul teve poucos seguidores. No entanto, a tendência modernista, influenciada pela conjuntura social, apresentava muitas nuances e variadas influências.⁵²⁶



Figura 121 - Proc. 898/1952.

⁵²⁴ GÜNTER, op.cit., 1998, p. 24, 149.

⁵²⁵ Neste sentido ver: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Porto Alegre, 7 de setembro de 1930, p. 13.

⁵²⁶ GÜNTER, op.cit., 1998, p. 147, 148.

Neste sentido, destaca-se o sobrado de influência modernista de Pedro Doliva ⁵²⁷(**Figura121**-proc. 21898/1952) na Ernesto Fontoura, onde, através de programa mais compacto e de uso misto, recorrentes no bairro, evidenciam-se as tendências à simplificação dos elementos arquitetônicos da fachada, que viriam à tona nas décadas seguintes.

Seguindo as mesmas características evolutivas dos sobrados isolados, também evidencia-se, uma série de sobrados geminados, que até a década de 1930 adotavam uma linguagem eclética, mantendo-se alinhados ao passeio e com afastamentos laterais. Estas características foram identificadas em diversos exemplares da área, como o projeto da avenida Pátria, de Fantinel⁵²⁸ proc.1853/1925, bem como nos seguintes: proc. 0058 /1925; proc.2051/1925; proc.9925/1930.⁵²⁹ Theo Wiederspahn é autor dos sobrados geminados, destinados à renda, de propriedade da viúva A. Dillenburg,⁵³⁰ situados na Comendador Coruja (**Figura122**-proc. 11464/1930) ⁵³¹. A família Dillemburg possuía um casarão na Voluntários da Pátria (atual número 1239), cuja fachada, ricamente ornamentada, foi reconstruída pelo mesmo arquiteto em 1919.⁵³²

⁵²⁷ Filme 240, proc.21898/1952, proprietário Pedro Doliva, resp. téc. Eng. Waldemar Cabral, rua Ernesto Fontoura,374.

⁵²⁸ O projeto não faz referência ao primeiro nome. Segundo Weimer os dois irmãos, Alberto e Erich eram construtores. **Alberto Fantinel** era construtor, nascido em Guaíba em 1892. Sua licença lhe permitia construir prédios de até três pavimentos. Desenvolveu suas atividades de 1932-50.Sua obra mais importante foi o Instituto Santa Inês. Era irmão do também construtor Erich Fantinel. **Erich Fantinel** foi construtor, nascido em Guaíba em 1898. Responsabilizou-se pela construção de numerosas obras, destacando-se no período de 1937 a 1948: as igrejas São Geraldo(projeto de V. Zani), Nossa Senhora Medianeira,Nossa Senhora de Czestochowa, Santa Terezinha (Ramiro Barcelos) e os ginásios Nossa Senhora da Glória e Nossa Senhora da Vitória. WEIMER,2004,op.cit. p.58,59.

⁵²⁹ Filme 22,proc. 0058/1925,propriet. Olívio Broetto, resp. téc. D.F. Rocco, Rua Ernesto Alves; Filme 23, proc. 1853/1925,resp. téc. Fantinel , avenida Pátria; Filme 23,proc. 2051/1925, resp. téc. Rudolf Schindler,rua Hoffmann,31; Filme 41,proc.9925/1930,propriet. Roberto Sommer,resp.téc. Luiz Kern, rua Ernesto Alves.

⁵³⁰Neste sentido ver: WEIMER,Günter.**Theo Wiederspahn arquiteto**.Porto Alegre:EDIPUCRS,2009,p. 107. Neste caso, o autor refere-se ao mesmo projeto, entretanto na rua Ernesto Alves e não Comendador Coruja, conforme encontrado na pesquisa dos microfilmes.

⁵³¹Filme 43, proc.11464/1930, propriet. Maria Emília Dillemburg,resp.téc. Theo Wiederspahn,rua Comendador Coruja.

⁵³²Não foi possível localizar o projeto original. Além da intervenção de Wiederspahn de 1919, foi encontrado outro processo, em 1927, quando o mesmo arquiteto foi responsável por um aumento na parte posterior da edificação. Atualmente, a residência está em ruínas. Durante muito tempo, sediou a casa noturna American Boite. (proc. 597/1919) e (proc. 6 636/1927). MATTAR,2001,op.cit.,p.164,165.

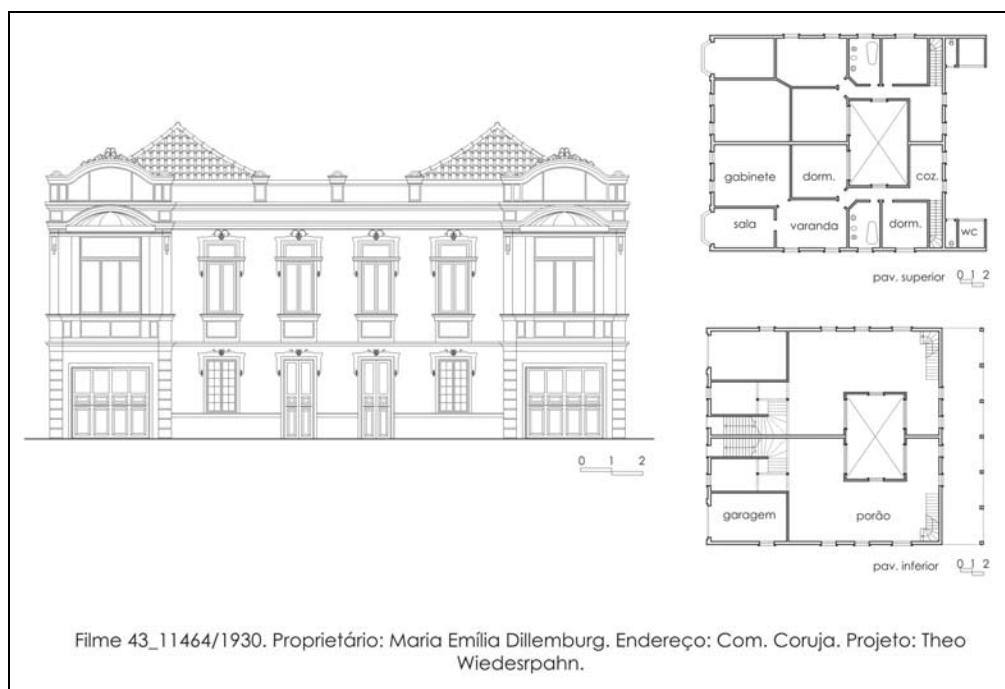


Figura 122 - Filme 43_11464/1930.



Figura 123 - Aquarela do Escritório de Theo Wiederspahn, referente ao projeto dos sobrados geminados de Maria Emília Dillemburg.
Fonte: WEIMER,2009,op.cit.,p.107.



Figura 124 - Foto atual (agosto de 2010) dos sobrados geminados da avenida Pátria, visivelmente alterados no pavimento inferior.

Fonte: Fotografia da autora.

Percebe-se que nos dois últimos sobrados, cujos processos foram encaminhados em 1930, há a previsão de garagem no pavimento térreo. A mesma tendência aparece no final da mesma década, nos sobrados geminados da Álvaro Chaves, (proc. 10301/1938)⁵³³, construídos por João Luiz Pufal,⁵³⁴ só que com inovações no que tange a eliminação dos elementos decorativos, presentes nos exemplares anteriormente citados. Estas residências, provavelmente destinadas para renda, pertencem a Travi & Cia., também proprietário de sobrado na mesma rua,⁵³⁵ já mencionado anteriormente, e da serraria na Voluntários da Pátria. Este e outros exemplos evidenciam, não somente, a relação de proximidade entre moradia e trabalho, então existente, mas, também, entre categorias espaciais e sociais diferentes.

⁵³³ Filme 77, proc. 10301/1938, propriet. Travi & Cia., resp. téc. J.L. Pufal, rua Álvaro Chaves.

⁵³⁴ **João Luiz Pufal** nasceu em Alfredo Chaves em 1892. Intitulava-se arquiteto-construtor, porém sua licença era de construtor de prédios de quatro pavimentos e vãos de 10 metros. Construiu o cinema Orfeu, a fábrica de móveis de Walter Gerdau (1924) na esquina da av. Brasil com Voluntários, a fábrica da Companhia Fabril Porto Alegre -FIATECI, o já demolido edifício da Companhia Predial e Agrícola, os armazéns de Azevedo Bento e Cia. na Voluntários. Em 1918, construiu a Sociedade Gondoleiros, na antiga avenida Eduardo. Ao que tudo indica, os projetos destas obras foram desenvolvidos por seu irmão Eduardo, pois sua atuação provavelmente tenha se restringido à construções. Pela sua condição de estrangeiro, foi prejudicado pelo CREA no tocante a titulação profissional, que o converteu em "construtor licenciado". WEIMER, 2004, op.cit. p.139,140.

⁵³⁵ Filme 15, proc. 456/1917, Casa Fortunati Travi.



Figura 125 - Foto atual (agosto de 2010) dos sobrados geminados da rua Álvaro Chaves.
Fonte: Fotografia da autora.

5.5 EDIFÍCIOS



Figura 126 - Conjunto de edifícios da avenida Farrapos (janeiro de 2009).
Fonte:Foto da autora.

Ao longo da década de 1940, intensificou-se a construção de outras tipologias na área em estudo, como a de edifícios, evidenciando-se a assimilação de novos valores e inovações quanto ao uso dos espaços e a própria forma de morar em apartamentos.

Guerrand, ao analisar os modos de residir da nova sociedade parisiense do século XIX, relata as principais características dos imóveis de aluguel deste período, dividindo-os em categorias, conforme sua destinação. Nos de primeira categoria, destinados aos mais afortunados, os apartamentos tinham dupla orientação, uma para o pátio e outra para a rua, e aquecimento por caldeira. Possuíam quatro pavimentos, sendo o último destinado às famílias menos abastadas. Nos imóveis de aluguel de segunda categoria havia um pavimento a mais, sendo que os dois primeiros eram ocupados por lojas. Para as camadas inferiores, os cinco pavimentos do imóvel de terceira categoria eram servidos por uma única escada de madeira,

sendo que o pátio era ausente e eventualmente substituído por uma espécie de poço.⁵³⁶

Também em Paris, Auguste Perret inovou com a construção, em 1903, do prédio de número 25 da rua Franklin, onde “pela primeira vez a ossatura de concreto armado é adotada de modo a envolver a aparência exterior”. Neste caso, optou por um partido em forma de “U”, na parte central, e projetou todos os cinco cômodos das habitações de cada andar, voltados para a rua, já que o terreno possuía pouca profundidade.⁵³⁷

Nos Estados Unidos, a explosão de novas construções, por ocasião da reconstrução da cidade de Chicago após o incêndio de 1871, propiciou uma série de audazes experimentos e novos sistemas construtivos, protagonizados pela denominada “Escola de Chicago”. Assim, esta cidade tornou-se o berço da construção de edifícios para escritórios de grande altura, depois disseminados neste país através de técnicas desenvolvidas com a utilização da estrutura em esqueleto de aço.⁵³⁸

A evolução dos apartamentos no Brasil também se relaciona com os processos de verticalização das grandes cidades. Lemos resume sua história em três etapas: a pioneira, de 1925 até a Segunda Guerra Mundial, depois a situada entre aproximadamente 1945 até os anos 70 e, por fim, desta época até os nossos dias.⁵³⁹

Ao discorrer sobre a fase heróica, o autor chama a atenção para o fato de que a penetração do apartamento na vida brasileira, primeiramente deu-se através da aceitação da classe média urbana e, posteriormente, da alta. Dificuldades de comunicação, transportes coletivos, infra-estrutura e o elevado preço dos terrenos fora das zonas centrais, foram incentivos para a construção de edifícios em altura. Inicialmente, surgiram os de escritórios, depois os mistos e, no final da década, os de vários andares, na maioria destinados a aluguel e viáveis, graças aos elevadores importados (Otis). Característica peculiar dos edifícios brasileiros foi a segregação,

⁵³⁶ GUERRAND, 1995, op. cit., p.330.

⁵³⁷ BENEVOLO, 1976, op. cit., p.328.

⁵³⁸ Ibid, p.234. Neste sentido, ver também: FRAMPTON, 1997, op.cit.

⁵³⁹ LEMOS, 1996, op.cit., p.77.

em áreas de circulação distintas das dos patrões, das empregadas domésticas e fornecedores.⁵⁴⁰

Segundo pesquisa de Vaz no Rio de Janeiro, foi nos anos de 1920 que surgiu o apartamento, como uma nova forma de habitação coletiva e, somente em 1940, se consolidou a expressão “edifício de apartamentos” em substituição a outras terminologias. Durante algum tempo, o termo edifício significou prédios de escritórios.⁵⁴¹

Para Lemos, a aceleração da verticalização deu-se efetivamente por volta de 1948, com a popularização da idéia de condomínio. Nesta época de boom imobiliário, surgiram os apartamentos mínimos (sala-quarto, banheiro e kitchenete) cujo programa reproduzia a idéia de um quarto de hotel. A terceira etapa é marcada principalmente pelos prédios isolados, cercados de verdes por todos os lados.⁵⁴²

O processo de verticalização das construções, como é sabido, só foi possível graças aos avanços tecnológicos alcançados com o advento do concreto armado, o que possibilitou a adoção de maiores vãos e alturas, bem como a introdução de inovações formais, cujos traços desta herança acabaram permanecendo na arquitetura da cidade. As primeiras soluções ainda mantinham-se vinculadas às experiências dos sobrados com características historicistas. Os diversos exemplares da rua Voluntários da Pátria, no seu trecho mais central, demonstram que sobrados com diversas moradias, provavelmente destinados para aluguel, constituíram-se em antecipações dos prédios de apartamentos, que surgiriam posteriormente, com o advento dos edifícios mais altos.⁵⁴³

Machado compartilha da idéia de que, em nosso país, o hábito de morar em apartamentos é recente, se comparado a outros lugares, já que esse processo ainda caminhava lentamente nas primeiras décadas do século XX. Constatou que em Porto Alegre, no final dos anos 20 e sobretudo nos anos 30, manifesta-se uma

⁵⁴⁰ Ibid, p. 78, 79.

⁵⁴¹ VAZ, 2002, op. cit., p. 66, 68.

A autora cita outras expressões utilizadas anteriormente: casa de apartamentos, prédio de apartamentos, casa de habitação coletiva, casa (prédio) para renda, etc.

⁵⁴² LEMOS, 1996, op. cit., p. 80, 81.

⁵⁴³ Neste sentido ver: MATTAR, 2001, op. cit., p. 167.

tendência de mudança na sua paisagem horizontal, principalmente na região central, em direção a uma crescente verticalização, sendo que, os prédios altos constituíam-se em atributo especial da capital do estado, verdadeiros símbolos de uma modernidade almejada.⁵⁴⁴

Desde o início dos anos 20, a cidade vinha encontrando, nas gestões de Otávio Rocha e Alberto Bins, sonhos progressistas e anseios de torná-la uma capital moderna, pretendendo, também, incrementar o comércio, a indústria e outros ramos de atividades. Estabeleceu-se, como diz Monteiro, “uma corrente dinâmica de investimentos”, constituída de bancos nacionais e estrangeiros, e grandes casas comerciais e industriais. Uma maior geração de capitais, bem como a possibilidade de intercâmbio com outras cidades, acarretaram uma série de transformações no modo de vida da população, que então passou a procurar modelos em Paris, Londres e Nova Iorque.⁵⁴⁵

Mais tarde, a partir dos anos 40, Lima salienta a grande penetração dos referenciais norte-americanos em Porto Alegre, em grande parte através das propagandas nos meios de comunicação, estabelecendo, assim, uma conexão entre o consumo do apartamento e os novos produtos. A autora estudou os edifícios de apartamentos da radial Independência / Vinte e Quatro de Outubro, que, por suas características, foram a expressão dos novos modos de morar de uma parcela da sociedade de Porto Alegre.⁵⁴⁶

Estas mudanças acarretaram uma verdadeira revolução habitacional inaugurada a partir dos anos 30. Claudio Lima considera que este novo estilo de vida também sofreu a influência de imagens do cinema:

Com cenários de sua ação desenrolando-se em ambientes que nada lembram a atmosfera das residências, mas sim lares, escritórios garçonnières que estão sempre situados em andares de edifícios altos, onde relações inter-pessoais começam a processar-se em linhas tão novas.

e de livros:

⁵⁴⁴ MACHADO, 1998, op. cit., p. 67, 246.

⁵⁴⁵ MONTEIRO, 1995, op. cit., p. 137.

⁵⁴⁶ LIMA, Raquel R. **Edifícios de apartamentos: um tempo de modernidade no espaço privado. Estudo da radial Independência/24 de outubro-P.A. nos anos 50.** Porto Alegre, 2005. Tese de Doutorado em História, PUCRS, p. 173, 180.

(...) romances urbanos que não falam mais de vivendas ladeadas por carramanchão, nem de palacetes isolados, ou de casas de porta e janela, mas de apartamentos em edifícios altos, onde vizinhos não se conhecem, enquanto olha lá em baixo, pela vidraça, o formigueiro humano do centro urbano.⁵⁴⁷

Assim, como aconteceu em diversas cidades brasileiras, nem os subúrbios estiveram a salvo da “mania do apartamento”, já que esse gênero era capaz de impor elegância, distinção e modernidade.⁵⁴⁸

No 4º. Distrito, conforme projetos pesquisados, as construções de pequenos edifícios, indícios deste tipo de imagem de modernidade, novos referenciais e padrões estéticos, efetivamente, começam a surgir, a partir da década de 1940, e localizaram-se, em maior número, nas vias principais. Habitar em edifícios de apartamentos evidencia mudanças de comportamentos, facilidades nos trabalhos domésticos e inovações nos hábitos alimentares, que contrapõem-se radicalmente à maneira, até então, mais usual de viver dos habitantes desta área, cujos programas residenciais predominantes e costumes referenciavam-se a tipos de vivências característicos de casas térreas ou de sobrados, descritos anteriormente.

Por outro lado, desde as décadas de 20 e 30, houve um grande incentivo dos governos locais para a construção de novas edificações e, conseqüentemente, o desenvolvimento de outros repertórios arquitetônicos. Na gestão de Loureiro da Silva foram erigidos modernos equipamentos urbanos como: Pronto Socorro(1940-43), Centro de Saúde Modelo(1940-43), Mercado Livre(1939-43)⁵⁴⁹, Cemitério São João(1935) entre outros. Também, como é conhecido, foi prioridade do governo a descentralização da cidade através de ligações adequadas até a periferia.⁵⁵⁰ Neste intuito, foi aberta a avenida Farrapos, considerada na época, uma das mais importantes radiais da capital, já que serviria para conectar o centro urbano em direção ao Norte, outrora feita pela rua Voluntários da Pátria. Inaugurada em 1940, tornou-se viável através de uma grande cirurgia urbana que cortou grande parte do tecido já consolidado da área em estudo.

⁵⁴⁷ LIMA, Claudio de Araujo. **Imperialismo e Angústia**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960, p.23,24.

⁵⁴⁸ Neste sentido ver: VAZ, 2002, op.cit., p.81. Ver também: MACHADO, 1998, op.cit. e LIMA, 2005, op.cit.

⁵⁴⁹ A seção de obras da cidade era chefiada por Christiano de la Paix Gelbert, que desenvolveu estes projetos ao gosto déco. Neste sentido ver: SEGAWA, 2002, op.cit., p.69.

⁵⁵⁰ Neste sentido ver: DE GRANDI, Celito. **Loureiro da Silva: O Charrua**. Porto Alegre: Literalis, 2002.



Figura 127 - Demolições para a implantação da avenida Farrapos, nos trechos entre Ernesto Alves e Garibaldi.
Fonte: PESAVENTO, 1999,op.cit.p.119.

Ruschel, baseada nas informações de planta baixa do projeto de traçado desta avenida, chama a atenção para a predominância das edificações em madeira, principalmente na área da antiga avenida Minas Gerais, concluindo que a abertura da Farrapos tenha contribuído para alterações nos padrões das edificações da área.⁵⁵¹

Nesta avenida, a tipologia dominante é a que apresenta quatro a cinco pavimentos, sendo o térreo voltado à atividade comercial e os pavimentos superiores para habitação. Neste caso, a verticalidade, uma das imagens marcantes da modernidade, comparece de forma muito tímida, assim como os elevadores, que dificilmente aparecem nas edificações analisadas pela autora. Conclui que, provavelmente, estas tenham sido definições do proprietário/construtor, baseadas em fatores econômicos, já que os empreendimentos destinavam-se a uma classe social menos favorecida economicamente. Outras características que acabaram por originar conjuntos com certa homogeneidade, são as construções nos limites frontal

⁵⁵¹ RUSCHEL,2004, op. cit.,p. 83.

e lateral dos lotes, gerando fachadas contínuas, configuração padrão de rua-corredor e uniformidade do conjunto arquitetônico.⁵⁵²

À imagem progressista e cosmopolita desta via correspondem linguagens modernizantes, no que toca aos elementos compositivos das edificações. Mahfuz, ao abordar algumas influências do Art Déco na arquitetura gaúcha, chama a atenção para o grande número de edifícios existentes na avenida Farrapos, cuja arquitetura deriva desta afiliação: formas simplificadas, simetria bilateral, alguns volumes semicirculares presentes nas fachadas e marcações de esquina. Segundo o autor, a abrangência do Art Déco pode ser balizada por dois extremos, de um lado o que pode ser chamado de tardo-historicismo e, de outro, o purismo do movimento moderno. Praticamente tudo o que está compreendido entre este período acaba sendo rotulado de Art Déco.⁵⁵³

É pertinente lembrar que as primeiras décadas do século XX foram assinaladas por uma grande crise política e econômica, que culminou com a Segunda Guerra Mundial. Apesar disto, o panorama artístico e cultural dos anos entre guerras, e mais especificamente da arquitetura, foi marcado pela convivência de diversos estilos e influências.

Na Europa, o período de transição entre o Art Nouveau⁵⁵⁴ e o modernismo foi rico em inovadoras experiências arquitetônicas, precursoras de novas linguagens arquitetônicas, racionalidade construtiva, e emprego de novos materiais e tecnologias. Alguns autores, como De Fusco, denominam de “Proto-Racionalismo”, obras de arquitetos como Peter Behrens, Henry Van de Velde, Hoffmann e Adolf Loss, para designar uma arquitetura de transição “ainda não Racionalista, mas já liberta da hipertrofia decorativa do Jugendstil”.⁵⁵⁵

No Brasil, estes também foram tempos de muita significação para o desenvolvimento da cultura e das artes. Período de grande vitalidade e

⁵⁵² Ibid,p.97,99,146.

⁵⁵³ MAHFUZ, 1997, op. cit., p.156.

⁵⁵⁴ Seguindo a terminologia de Benévolo, que lhe dá um significado mais amplo, que inclui diversos movimentos de vanguarda europeus, como o Jugendstil, modern style,Liberty. BENEVOLO,1976,op.cit.,p.273.

⁵⁵⁵ DE FUSCO, RENATO. **A idéia de Arquitetura**.São Paulo:Martins Fontes,1984,p.60.

contradições, foi decisivo no incremento da modernização do país. Como se sabe, a chegada dos anos 30 representou o fim da República Velha e o advento do período Getulista (1930-1945) , caracterizando-se, de um lado, por iniciativas que mesclavam reformas de cunho social e, por outro, uma política centralizadora e autoritária.

A partir de 1925, tendo como evento propagador a Exposição de Artes Decorativas de Paris, até aproximadamente os anos 40, configurou-se o lançamento de um conjunto de manifestações artísticas que desempenharam um importante papel na transição de uma arquitetura de tradição mais historicista para o Movimento Moderno. Muitos autores utilizam a denominação de Art Déco para identificar e sintetizar o espírito desse momento da cultura ocidental, que se caracterizou não somente pelo desenvolvimento de diversas formas artísticas e uma estética própria no desenho dos objetos, mobiliário e artes gráficas, mas também na incorporação de novas atitudes e modos de vida refinados. Uma das manifestações culturais mais importantes deste tempo foi o cinema, sendo que o jazz, a dança em público, o disco e o rádio foram instrumentos decisivos na difusão dos novos sons, com vertiginosa velocidade e movimento. Também as máquinas da sociedade industrial, o automóvel, o avião e o transatlântico, contribuíram na propagação de novas imagens. Os elementos que uniram essas diversas tendências firmaram o conceito de Art Déco em homenagem à Exposição de Artes Decorativas de Paris de 1925. De abrangência limitada, conviveu com diversas correntes contemporâneas, combinando características internacionais e cosmopolita. O termo Art Déco nasceu em 1966, em uma mostra retrospectiva desta exposição, “Lês Anées 25”.⁵⁵⁶

Diversos pesquisadores consideram o evento da Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha, importante ponto de referência na propagação de novas tendências arquitetônicas em Porto Alegre.⁵⁵⁷ Realizado em 1935, no parque de mesmo nome, reuniu uma série de pavilhões temáticos, de

⁵⁵⁶ Neste sentido ver: CONDE & ALMADA, op.cit., 1996; UNES, 2001, op.cit.; SEGAWA, 2002, op.cit.

⁵⁵⁷ Também sobre a importância do evento, Machado considera que: “tal era a importância dada pelo governo aos objetivos maiores almejados com o evento, qual seja, demonstrar à nação a grandiosidade do estado, de seu povo e de seus governantes, que não bastava que o recinto da festa os traduzisse. Estes deveriam ultrapassar o âmbito físico do certame, atingindo a cidade anfitriã como um todo”. MACHADO, 1990, op.cit., p.114.

caráter efêmero, onde “o despojamento ou arrojo ornamental subordinava-se ao sistema construtivo empregado, e o Déco confluía para a solução formal menos rebuscada”.⁵⁵⁸

Este evento tem despertado o interesse de alguns estudiosos que abordaram a sua influência na propagação de novas formas e nas práticas arquitetônicas da cidade, apesar da existência de diversas manifestações neste sentido, anteriores a esta data.⁵⁵⁹No contexto regional, Frota considera que a exposição “revela-se como a primeira tentativa de produzir um conjunto de edificações baseado em vocabulário arquitetônico de estética nitidamente modernizante.”⁵⁶⁰

A leitura que muitos autores fazem da produção arquitetônica do período 1920-40 é a de que as influências “modernizantes” caracterizaram-se por uma busca reducionista aliada à coexistência de diversas vertentes arquitetônicas. Raposo Andrade diz tratar-se de uma “arquitetura híbrida, que combina influência da tradição clássica e de diversas tendências correntes do Movimento Moderno”.⁵⁶¹Segawa chama de modernidade pragmática, a modernidade dos anos 1920/40, fora dos manuais,⁵⁶² e Conde, denominou de “Protomodernismo” às “arquiteturas marginais ou desviantes”, ausente dos livros, mas, há muito, apropriada pela população.⁵⁶³ Estas práticas ficam evidentes em cidades e bairros construídos nesses anos, que, como diz Segawa, são “verdadeiras concentrações de arquitetura popular de gosto Déco, nas mais variadas interpretações possíveis e imagináveis”.⁵⁶⁴

Neste sentido, a maior parte da produção dos nossos bairros, nesta época, se enquadra numa produção média, onde exemplares anônimos e desconhecidos dos manuais de arquitetura marcaram presença naquele cotidiano. Este é o caso

⁵⁵⁸ SEGAWA,2002,op.cit.,p.62.

⁵⁵⁹ Neste sentido ver:

BRUGALLI, 2003, op. cit. ; CALLEGARO, 2002, op. cit.; CANEZ, 1998, op. cit.; ESQUINAZI, 1995, op.cit.; MACHADO,1990, op.cit.; SEGAWA, 2002, op. cit.; FROTA,2000,op.cit.; FROTA, José Artur D 'Aló.**Arquitetura comemorativa da Exposição do Centenário Farroupilha, 1935**. Porto Alegre: Corag,1999.Catálogo;

⁵⁶⁰ FROTA,2000,op.cit.,p.15.

⁵⁶¹ ANDRADE,Paulo Raposo. “Uma Outra Cultura da Modernidade”.**Revista AU**,São Paulo,Nº.51,1993/94,p.73.

⁵⁶² SEGAWA,op.cit 1995, p.73.

⁵⁶³ CONDE, 1987,op.cit.,p.68-75.

⁵⁶⁴SEGAWA,2002,op.cit.p.72.

da abordagem de Oliveira e Dias que, como já referido anteriormente, chamam a atenção para a “assimilação” da tendência Art Déco nas edificações dos subúrbios cariocas. Nestes lugares, houve diversos exemplos de “apropriação popular do Déco, uma estilização simples, construída com o objetivo de adequar as casas humildes à arquitetura da época”.⁵⁶⁵

Retornando ao caso da avenida Farrapos, percebe-se que algumas peculiaridades urbanas predominantes na configuração da sua imagem: alturas moderadas (4 e 5 pavimentos), uso frequente de composições formais tradicionais, onde permanecem as simetrias, geometrização das formas, volumetrias monolíticas, construções sobre os alinhamentos e divisas laterais, morfologia característica da rua-corredor⁵⁶⁶ e diálogo harmônico entre elas, também são presentes em outras ruas da área em estudo. Seja no centro ou em bairros como Navegantes, São Geraldo, São João, Floresta e outros, evidencia-se que a linguagem e composição destes exemplares constituem a maior expressão do contexto da cidade nesta época, associados à produção de espaços urbanos qualificados.

Em países vizinhos como a Argentina, Diez reconhece a capacidade deste período em gerar qualidade urbana através de uma visão de conjunto, onde os habitantes podem desenvolver melhor um sentimento de comunidade e pertencimento, em contrapartida à excessiva valorização de uma arquitetura baseada em talentos individuais.⁵⁶⁷

Entre as obras pesquisadas foram primeiramente selecionados alguns exemplares característicos das manifestações arquitetônicas, onde há esta “busca - consciente ou não - de uma síntese entre a tradição e as experiências das vanguardas modernistas”.⁵⁶⁸ Além da qualificada avenida Farrapos, percebe-se que diversas habitações multifamiliares com características semelhantes surgiram nas proximidades desta via que foi a grande protagonista de importante momento do processo de urbanização da cidade.

⁵⁶⁵ OLIVEIRA & Ramos, 1997, p. cit., p. 184,185.

⁵⁶⁶ Referindo-se a homogeneidade do conjunto arquitetônico na rua, resultante de uma forma de implantação no lote onde permanecem ausentes os recuos frontais e afastamentos laterais.

⁵⁶⁷ DIEZ, 1996/97, op.cit.,p.90-93,1996/97.

⁵⁶⁸ ANDRADE, 1994,op.cit.p.75.

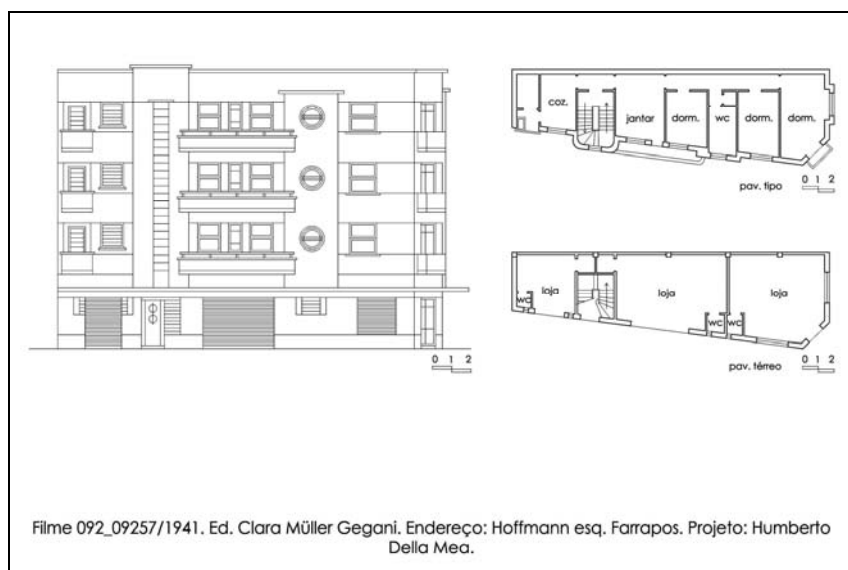


Figura 128 - Filme 092_09257/1941.

Desta forma, o edifício Clara (**Figura128**-proc.9257/1941),⁵⁶⁹ na esquina da Hoffmann com Farrapos, construído por Humberto della Mea⁵⁷⁰, identifica-se com diversas edificações construídas nas primeiras décadas após a abertura da avenida Farrapos e com suas principais características, já referidas: alturas moderadas, uso de simetrias, acessos centralizados e composição tripartida, dividida em base, corpo e coroamento. Assim como outros exemplares da avenida, o prédio destina o pavimento térreo para uso comercial (três lojas) e os três pavimentos superiores a residências. Devido a pouca profundidade do terreno, foram projetados somente um apartamento de três dormitórios, por andar. O lançamento da edificação no terreno acompanha seus limites, sendo que a esquina é chanfrada e com a presença de sacadas. Nela ficam evidentes as tendências à simplificação no tratamento da fachada, através da substituição de elementos decorativos sobrepostos em troca de maior investimento nos próprios elementos construtivos,⁵⁷¹ aqui representados pela composição volumétrica das sacadas salientes. Algumas esquadrias têm tratamento diferenciado, como a abertura verticalizada da escada e as do tipo escotilha, utilizadas nos banheiros. Estas edificações ficaram popularmente conhecidas como

⁵⁶⁹ Filme 92, processo 9257/1941, propriet. Müller Gegani, resp. téc. Humberto Della Mea, rua Hoffmann esquina Farrapos.

⁵⁷⁰ Segundo Weimer, **Humberto della Mea**, responsabilizou-se por 17 obras, entre 1936-45, dos mais variados conteúdos, loteamentos, reformas, construções. WEIMER, 2004, op.cit.p. 117.

⁵⁷¹ Neste sentido ver: CONDE & ALMADA, 2000, op.cit, p.14

prédios de mica, por empregarem externamente o revestimento a base de pó de pedra e mica.

Cabe salientar que os edifícios da avenida Farrapos, na sua maioria de uso misto, destinavam o pavimento térreo para atividades terciárias. Seguindo uma tendência que revela mudança nos meios de transporte da cidade, estes espaços foram predominantemente ocupados por lojas que comercializavam auto-peças. Nas décadas posteriores, também os serviços ligados a transportes seriam incrementados nas suas proximidades.

Verificou-se que fora da avenida, na mesma época, também foram construídos alguns exemplares que seguiram tais características, mas com destinação totalmente residencial. São conjuntos de edifícios com programas modestos, que atestam a utilização de alguns elementos do Art Déco em bairros populares. Este é o caso do edifício Tamoio, na Moura Azevedo, atualmente denominado Marajoara (**Figura 129**-proc.11209/1941)⁵⁷², construído por Pedro Sedano.⁵⁷³ Neste caso, a estratégia de aproveitamento da área de cada pavimento para inserção de cinco apartamentos, gerou uma longa circulação de acesso às unidades, e a ausência de recuos laterais obrigou a criação de pátios internos para ventilação dos recintos. Externamente há uma valorização do acesso através de volume de linhas curvas, que estabelecem um contraponto com a horizontalidade das sacadas. Uma característica que chama a atenção nesta edificação é o tratamento escalonado da platibanda, muito propagado em diversas edificações da área estudada.

⁵⁷² Filme 92, processo 11209/1941, proprietário Elimann Américo Schwitz, resp. téc. Pedro Sedano, rua Moura Azevedo.

⁵⁷³ Pedro Sedano era construtor, nascido em Porto Alegre. Sua licença permitia-lhe construir até quatro pavimentos. Construiu várias residências na periferia. No entanto extrapolou estas atribuições, construindo edifícios de maior porte. WEIMER, 2004, op. cit. p. 163.

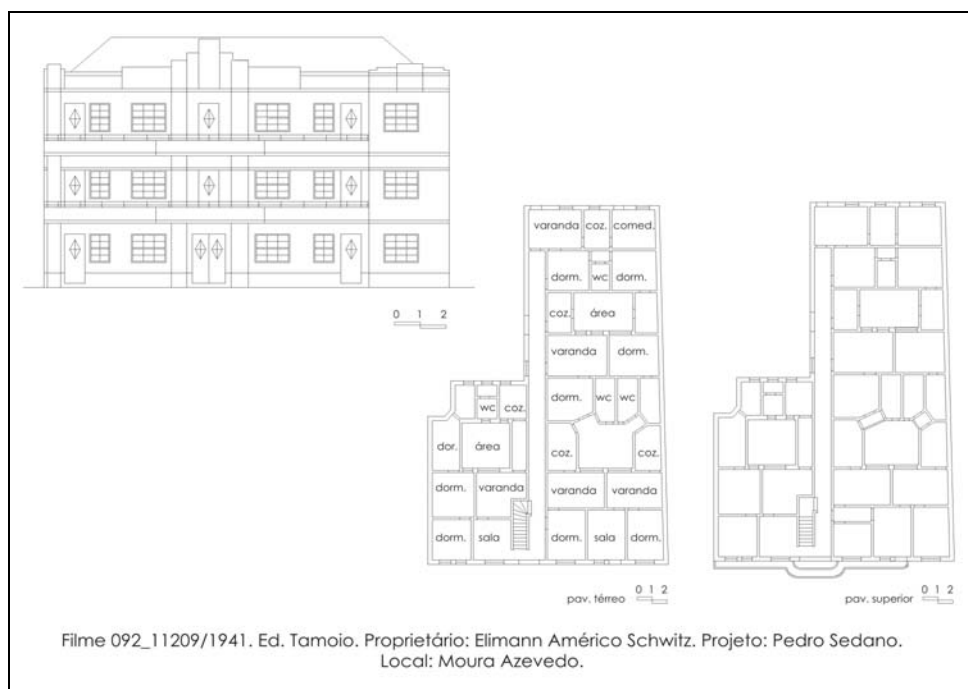


Figura 129 - Filme 092_11209/1941.



Figura 130 - Foto atual (agosto de 2010) do edifício Tamoio, atualmente Marajoara. Percebem-se diversas alterações, inclusive o acréscimo de um pavimento.
Fonte: Fotografia da autora.

Conde & Almada, na sua abordagem sobre o Art Déco, classificam esta linha estilística, que abusa da geometrização e se aproxima do racionalismo modernista, de zigue-zague ou escalonada. Uma outra tendência muito utilizada na América Latina é a de linhas sinuosas e aerodinâmicas, com inspiração no desenho industrial das grandes máquinas, denominada Streamline⁵⁷⁴. O Edifício De Conto (**Figura131-proc.46004/1952**)⁵⁷⁵, depois transformado em hotel, conforme projeto microfilmado de 1952, possui algumas características que se enquadram nesta linha, como a ênfase no jogo de volume e a dominância das linhas horizontais e curvas, principalmente na platibanda de coroamento. Merece atenção a estilização dos volumes superiores, através da utilização de elementos de referências náuticas.



Figura 131 - Filme 250_46004/1952.

⁵⁷⁴ Conde & Almada, 1996, op.cit., p.12.

⁵⁷⁵ Filme 250, resp. téc. Almiro Barichello, João Inácio esq. Farrapos.



Figura 132 - Foto atual (agosto de 2010) do edifício De Conto.
Fonte: Fotografia da autora.

O edifício Samuel Barros (**Figura133**-proc. 33894/1951),⁵⁷⁶ construído por Toigo & Cia.⁵⁷⁷, já mostra algumas alterações em relação aos exemplares anteriores. A edificação de esquina, construída no início da década de 1950, apresenta volumes mais simplificados, articulados através de sacadas e superfícies semi-embutidas. A esquina é chanfrada somente nos pavimentos inferiores e nos demais são mantidas as arestas, fazendo a sua marcação através das sacadas de canto. No tratamento externo, ainda há predominância dos cheios sobre os vazios e a permanência da

⁵⁷⁶ Filme 223,proc. 33894/1951, edif. Samuel Barros,resp. téc. Toigo e Cia., Maranhão esquina com Farrapos.

⁵⁷⁷ Firma construtora de **Sylvio Toigo**, natural de Beluno, Itália, onde nasceu em 1889. Já no Brasil, sua solicitação de registro como arquiteto-construtor, foi transformada em projetista-construtor licenciado, apesar de ter apresentado um vasto currículo de grandes obras realizadas em Caxias. Foi um dos fundadores do Partido Facista, e como tal, foi enviado para Caxias. Nesta cidade, sua atividade como arquiteto dos empresários locais, encobria sua militância política, que contava com o apoio do consulado Italiano. Provavelmente em decorrência dos desfechos da Segunda Guerra, transferiu-se para Porto Alegre, onde dedicou-se à uma próspera firma construtora. WEIMER,2004,p.179.

divisão tripartida. Entretanto, percebe-se uma diminuição dos elementos decorativos, que se restringem a utilização de acesso com porta emoldurada, frisos horizontais e verticais, um pequeno escalonamento na platibanda e a aplicação de alguns elementos geométricos.

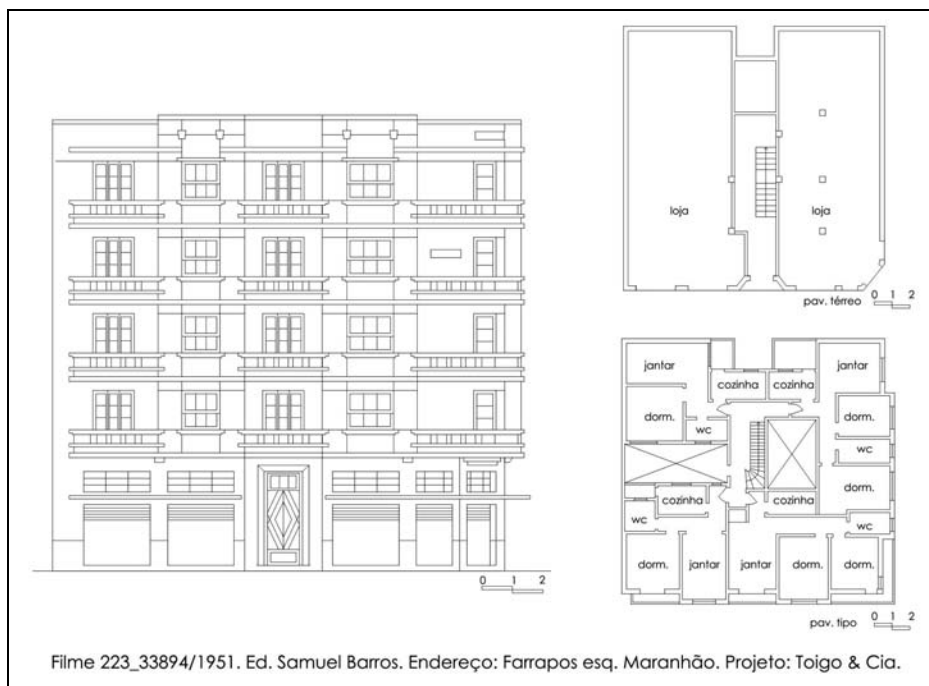


Figura 133 - Filme 223_33894/1951.



Figura 134 - Foto atual (agosto de 2010) da edificação da esquina da Maranhão com Farrapos.

Fonte: Foto da autora.

É importante dizer que, nesses exemplares implantados nos limites do lote, sem previsões de afastamentos, exigia-se a criação de pátios internos destinados à iluminação e ventilação de diversos recintos. Com o advento dos anos 50, persistiram alguns agenciamentos, mas com evidentes características modernas, mesmo em edificações singelas como o edifício Samuel Scudarovski,(proc. 30125/1952)⁵⁷⁸. Apesar do tratamento axial e simétrico, as janelas adquirem vãos bem maiores com predominância dos vazios e ausência de ornamentações.

Outros três projetos de 1952, exemplificam a assimilação das novas tendências na área em estudo, com edificações de maior altura(tendência à verticalização), linhas mais despojadas e geometrias muito próximos da arquitetura moderna: o edifício do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, na esquina da rua São Pedro com a Presidente Roosevelt, de Macchiavello & Gamero⁵⁷⁹ (**Figura135**-proc.22674/1952)⁵⁸⁰, bem como os processos(proc.23 002/1952)⁵⁸¹ e (proc. 43976/1952)⁵⁸², referentes à edificações que se localizavam na avenida Farrapos ou adjacências. Também são notórias as alterações nas plantas baixas, através de soluções mais elaboradas e o melhor atendimento das questões de iluminação e ventilação dos ambientes.

⁵⁷⁸ Filme 250,proc.30125/1925,edif. Samuel Scudarovski,resp.téc.crea 7415, av. Presid. Roosevelt.

⁵⁷⁹ **Saul Macchiavello** nasceu em Uruguai em 1896. Estudou arquitetura na Faculdade de Montevideu, onde conheceu seu primeiro sócio Antonio Rubio, com quem fundou a firma Macchiavello & Rubio. Pouco depois da Segunda Guerra desfez esta sociedade e criou a Macchiavello & Gamero. Desta época é o edifício São Salvador, na esquina da Borges de Medeiros com Duque de Caxias. Macchiavello foi casado com Heloisa Chaves Barcelos, o que foi decisivo para seu sucesso profissional, não só nos projetos de diversos palacetes, mas também prédios religiosos. Em 1933 projetou o Hotel Carraro, construído por Chaves Barcelos na Praça Otávio Rocha. Além de diversas residências na capital, foi autor do projeto para o Cassino Palace Hotel de Canela. Antes da Segunda Guerra, projetou três filiais para o Banco do Estado do RGS, as instalações da rádio Difusora(1936) e Farroupilha(1938), os edifícios Irmão Jamardo na Andradas com Dr. Flores(1931), o Chaves Barcelos na Marechal Floriano(1935, o), Alcaraz, na esquina da Borges com Riachuelo(1938) e o Luiz Biscot na Andradas (1944). WEIMER,2004,op.cit.p.111,112.

⁵⁸⁰ Filme 240,proc.22674/1952,Banco do Estado do Rio Grande do Sul, Resp.téc. Macchiavello & Gamero, rua São Pedro esq. Roosevelt.

⁵⁸¹ Filme 240,proc. 23 002/1952, ed. Pandolti, resp.téc. Toigo e& Cia., Farrapos esq.Fábrica.

⁵⁸² Filme 249,proc.43976/1952,jornal e ed. De apartamentos,resp.téc. crea 7057,rua São Pedro,Buarque de Macedo ,Pernambuco e Farrapos.

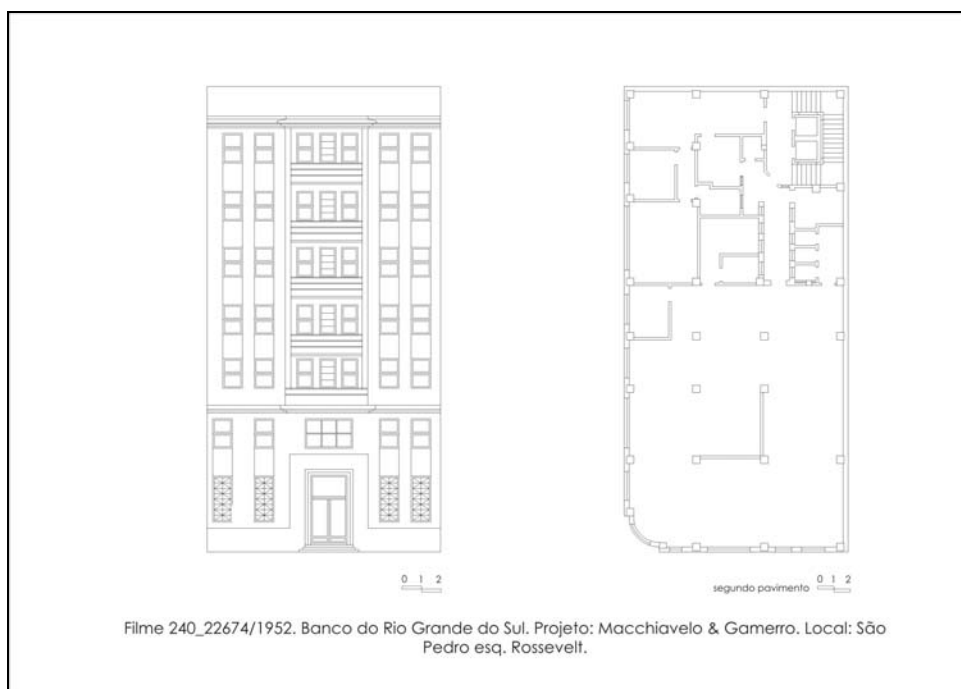


Figura 135 - Filme 240_22674/1952.

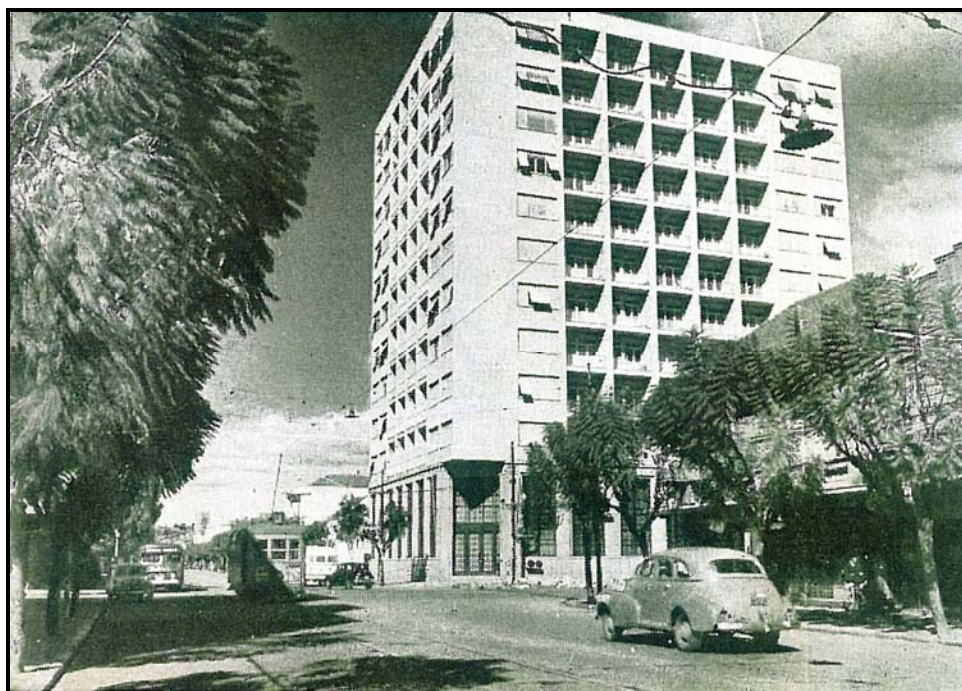


Figura 136 - Foto da avenida Presidente Roosevelt, onde aparece o edifício do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, no final da década de 1950.
Fonte: VERÍSSIMO, 1960, op. cit, p.45.

Nos projetos pesquisados, não foram evidenciados prédios para renda, do tipo que se vinculava aos sobrados tradicionais, porém mais altos, como aconteceu

na rua Voluntários da Pátria nas proximidades do centro.⁵⁸³ Característicos do início dos anos 30, situavam-se, assim como os sobrados, na testada do lote, ocupando toda a sua largura, e constituídos de diversas moradias, com plantas que obedeciam à organização tradicional das residências. Nesses anos, essas edificações de transição foram experiências representativas das sucessivas transformação da habitação. O fato de que, na área em estudo, os edifícios surgiram após a década de 40, pode ser uma explicação para essa ausência.



Figura 137 - Fotografia aérea mostrando as edificações mais altas na avenida Farrapos e Presidente Roosevelt, na década de 1960.

Fonte: Foto do acervo da Associação dos Amigos do 4º. Distrito.

⁵⁸³ MATTAR, 2001, op.cit., p.167.



Figura 138 - Fotografia aérea da década de 1960.
 Fonte: Foto do acervo da Associação dos Amigos do 4º. Distrito.

No entanto, gradativamente foram desaparecendo as características de uma arquitetura de conciliação, baseada em referenciais de matrizes clássicas, volumetrias contínuas e articuladas, dando lugar aos edifícios isolados. Como diz Montaner:

No século XX, ocorreu uma mudança drástica na maneira de afrontar a forma arquitetônica. Dissolveu-se um sistema estético e compositivo (o clássico, que apesar das suas variedades e evolução, possuía alguns critérios unitários e intemporais baseados na ordem, na simetria, na harmonia, na hierarquia e na representação e entrou-se em uma nova época na qual desapareceram as leis compositivas universais.⁵⁸⁴

Igualmente, o já referido, Fernando Diez reflete sobre a qualificada arquitetura produzida no período pré 2ª. Guerra Mundial, onde os edifícios procuravam somar-se a fim de formar conjuntos coerentes entre si, integrados a um projeto mais geral. Neste caso, variava seu caráter, mantendo uma relativa estabilidade da volumetria geral, solidária ao projeto urbano. Nas décadas seguintes, o caminho que acabou sendo dominante foi o de eliminar a decoração, como algo ilícito, dando lugar ao que Diez denomina “princípio dos edifícios abstratos”, onde:

(...)as formas dos edifícios já não perseguem a funcionalidade ou a beleza, mas tão somente o poder de chamar a atenção, provocar uma identidade na

⁵⁸⁴ MONTANER, Josep Maria. **As formas do século XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002, p.8.

desordem, onde a originalidade de cada edifício está inevitavelmente esterilizada pela variedade extrema dos demais. Pois, onde tudo é distinto, finalmente tudo é igual.⁵⁸⁵

Sob outro olhar, Sennett alerta para um dos problemas originados na contemporaneidade, a privação sensorial advinda dos projetos arquitetônicos de edifícios modernos, que por perderem a conexão com o corpo humano, condenam os indivíduos a espaços de monotonia e ao cerceamento tátil que aflige os ambientes urbanos. Evidencia-se uma crescente carência de contacto físico, estimulada pela dispersão geográfica das cidades modernas e um visível prejuízo na plenitude dos sentidos e atividades do corpo advindos dos avanços tecnológicos.⁵⁸⁶

Concluindo, ainda cabe retomar algumas idéias acerca da heterogeneidade e mescla, que permearam a evolução das diversas tipologias arquitetônicas expostas até aqui, refletindo novamente sobre a adoção, pelos setores populares urbanos, de determinadas linguagens e elementos arquitetônicos singulares expressos nas diversas formas de habitação, e seus significados.

Certas considerações teóricas e metodológicas baseadas nos estudos de Aby Warburg e outros autores, procuram demonstrar as potencialidades e complexidades da imagem, como portadora de memórias distintas e de diversos tempos, o que leva à revisões de determinadas normativas da historiografia da arte que tratam da representação visual e da história cronológica.⁵⁸⁷

Borucúa, enfatizando a importância e o privilégio da imagem na construção historiográfica, reporta-se ao método de investigação Warburgiano e também, ao interesse deste autor, pela ontologia cultural e práticas das sociedades arcaicas da sua época, assim como, ao contraste e disparidade exercidos através da aproximação entre humanidade primitiva e civilização mais avançada. Warburg(1866-1929) buscou na arte do Renascimento e na antiguidade clássica a expressão de novos significados, mesclas e a magia das representações e transformações culturais, que, através da confrontação e conciliação de mundos

⁵⁸⁵ DIEZ, 1996/97, op.cit., p.92.

⁵⁸⁶ SENNETT, 1997, op. cit., p.15,19.

⁵⁸⁷ KERN, Maria Lúcia. "Historiografia da arte face às mudanças de paradigmas: Memória e tempo."

In: **Anais do XXIX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, ago.2009, p.96,97.

distintos- o pagão antigo e o cristianismo medieval- ,originou um amálgama cultural repleto de tensões e capaz de inaugurar, na Europa, a experiência moderna.⁵⁸⁸

Sob estes olhares, e de modo semelhante à idéia de “circularidade” de Ginzburg, referida anteriormente, culturas populares e dominantes da cidade também se articulam e se completam. Assim, a realidade heterogênea e misturada do subúrbio é capaz de evocar relações de múltiplas temporalidades e memórias, de proximidade de horizontes e experiências distintas, que, neste caso, constituem a produção arquitetônica destes bairros e sua própria história.

Por fim, aliados a esta atmosfera mesclada, encontram-se outros tipos de edificações e usos, como os relativos ao comércio, serviços e lazer, bem como alguns referenciais importantes da comunidade como templos religiosos e associações, especialmente evidenciados e concentrados em algumas vias, como a Presidente Roosevelt, que serão abordados a seguir.

⁵⁸⁸ BURUCÚA, José Emílio. **História,Arte,Cultura.De Aby Warburg a Carlo Ginzburg**.Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica,2003,p. 13,14,22.

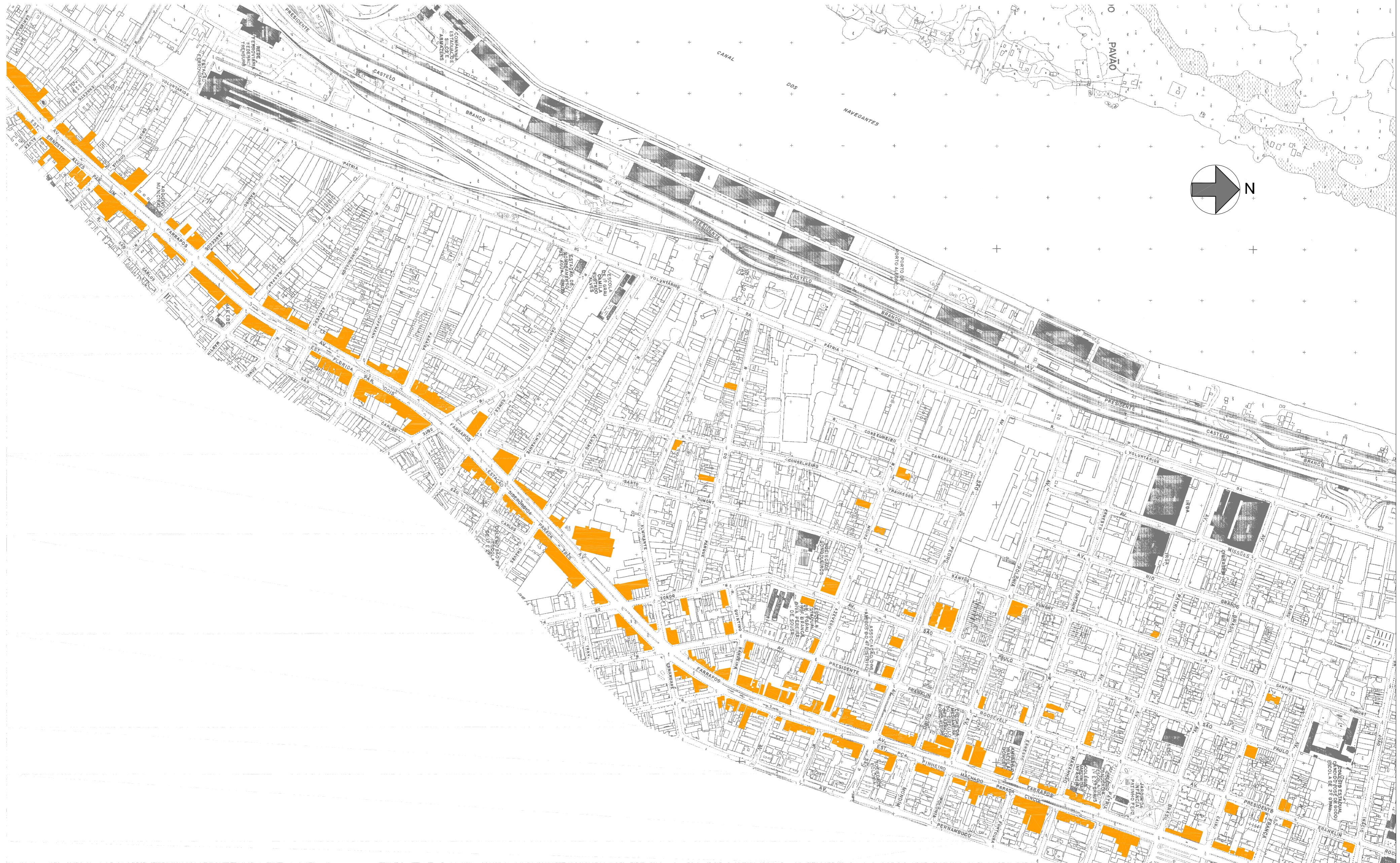


Fig.139- Amostragem da inserção de alguns edifícios, na área em estudo, baseada na Planta da cidade de Porto Alegre de 1987. Fonte:Mapoteca da Prefeitura Municipal de Porto Alegre(SMOV),Redesenho elaborado por Carla Witt.

6 SINGULAR

6.1 INTRODUÇÃO

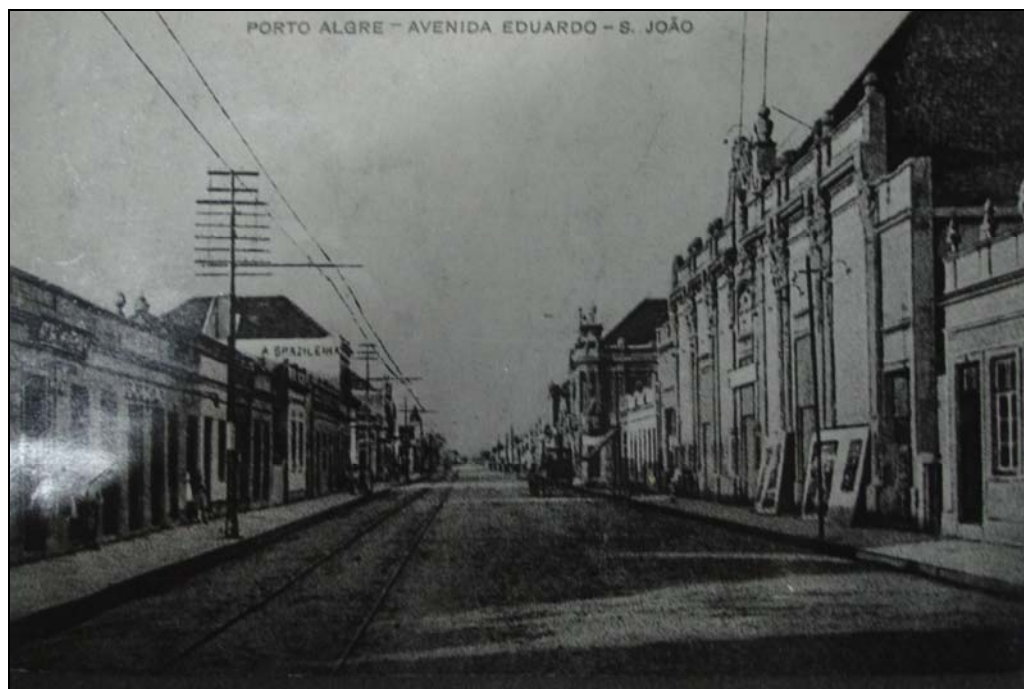


Figura 140 - Antiga avenida Eduardo nas primeiras décadas do século XX.
Fonte: Museu Moises Velinho.

No processo de identificação entre um lugar e seus habitantes, por vezes, relações indissociáveis são estabelecidas, revelando que, assim como um humano, “a cidade possui uma identidade que faz com que os indivíduos a reconheçam e se reconheçam nela como individualidade”.⁵⁸⁹ Neste caso, a urbe, ou mesmo uma parte dela, pode ser vista além dos seus elementos reais, perceptíveis fisicamente, mas, também, possuidora de outras construções, como aquelas ligadas às significações sociais enquanto representações.

No decorrer da sua formação e transformação, a área do distrito industrial da cidade adquiriu uma marca, uma espécie de caráter próprio muito ligado às funções

⁵⁸⁹PESAVENTO, Sandra. “A cidade maldita.” In: SOUZA, Célia de; PESAVENTO, Sandra. **Imagens Urbanas**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1997, p.25.

ali exercidas que, como tal, lhe imprimiram uma identidade peculiar no contexto da cidade. Neste viés, José Lemos faz uma reflexão sobre os diferentes imaginários⁵⁹⁰ urbanos de Porto Alegre nas décadas de 1930/40, especialmente do centro e de “Navegantes e São João”. Desta forma, em contraposição à “eloquência” e ao luxo do centro, estariam esses ambientes cujo cotidiano produzia os elementos essenciais para a vida da cidade. Eram zonas de trabalho baseadas na chegada de materiais em estado bruto ou parcialmente beneficiados, locais de ruídos de máquinas, animais de carga, trapiches, armazenamento, distribuição de mercadorias e de comércio atacadista. Sua existência seria fundamental na manutenção do “imaginário moderno do centro”, ligado aos produtos com grifes, as vitrines com mercadorias importadas e às principais representações do espetáculo da modernidade da época, vivenciadas nas grandes capitais mundiais.⁵⁹¹

Quanto aos moradores destes lugares, De Certau diz que ser operário não é tanto ligar-se à idéia de sujeição a uma tarefa específica, mas, fundamentalmente, participar de uma cultura popular urbana, com predomínio de valores de identidade e práticas de solidariedade. Esse “enraizamento” transparece de maneira impressionante na topografia do sistema relacional, “de forma a criar uma continuidade entre a pertença social e o espaço urbano.” Assim, pertencer a um bairro, quando apoiado no fato de pertencer àquele meio social específico, torna-se uma marca que reforça o processo de identidade de um determinado grupo.⁵⁹²

Os habitantes do distrito industrial da cidade, em grande parte constituídos por pessoas que estavam muito longe do seu domicílio de origem e que baseavam sua vida nas relações que ligavam lugar de moradia a lugar de trabalho, ali foram impelidos a estabelecer vínculos baseados nas relações de amizade, companheirismo e de vizinhança, capazes de se refletir naquele “pedaço” de território.

⁵⁹⁰ Imaginário segundo Teixeira Coelho, quase nunca é definido com rigor. Privilegiando o sentido derivado das proposições de Gilbert Durand, imaginário é: “o conjunto de imagens e relações de imagens produzidas pelo homem a partir, de um lado de formas tanto quanto possíveis universais e invariantes -e que derivam de sua inserção física, comportamental no mundo –e, de outro, de formas geradas em contexto particulares historicamente determináveis”. COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de política cultural: cultura e imaginário**. São Paulo: Iluminuras, 1997, p.212,213.

⁵⁹¹ LEMOS, 1998, op.cit., p.3.

⁵⁹² De Certau, 1998, op.cit., v.2, p.81,82,84.

Este pequeno fragmento da cidade, o bairro, constitui-se em espaço público passível de ser progressivamente privatizado por um grupo, diz De Certau. Um bairro é um “objeto de consumo” que pode ser apropriado e privatizado pelo usuário através de suas práticas e, assim, tornar-se lugar de um reconhecimento, que passa a ter “assinatura que atesta uma origem” e que se inscreve na história do sujeito “como a marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública.”⁵⁹³

Neste sentido, Tostes também faz algumas reflexões sobre os vínculos que se estabelecem entre habitante e lugar:

As ruas, meu caro amigo, são pessoas da família. Fazem parte da nossa vida e vivem na nossa saudade, como as lembranças dessas velhas tias que pertenceram à nossa infância. Cada pedaço do nosso passado, mora numa rua diferente. Há a rua da primeira escola, a rua da primeira namorada, a rua do primeiro cigarro, a rua do primeiro amor inconfessável.
594

Acerca da área em estudo, é importante lembrar que suas práticas tiveram como substrato as diversas residências que, misturadas a outras funções, constituíam-se em fator de animação dos espaços e do cotidiano daquela coletividade. Característica de um modo de vida suburbano e produto da sabedoria popular, a rua com edificações alinhadas junto ao passeio- rua corredor- constituía-se em local da mistura, do variado, da animação e de uma vida mais comunitária.⁵⁹⁵

A expressão das transformações decorrentes das mudanças nos costumes e dos novos paradigmas de uma sociedade emergente, mesclavam-se a modos de vida e de convivência baseados em tradições de cunho popular. Ao lado do dinamismo, das tecnologias e do novo, estavam as diversas manifestações do espontâneo, do popular e do não erudito.

⁵⁹³ Ibid, p.44.

⁵⁹⁴ TOSTES, 1989, op. cit., p.96.

⁵⁹⁵ Em contrapartida a essas vivências, alguns autores como Roncayollo consideram que, o urbanismo moderno teria interferido demasiadamente nos costumes sociais, ao propor um estilo de vida coletivo fruto de uma sociedade imaginária. RONCAYOLLO, Marcel. **La ciudad**. Barcelona: Pardós, 1988, 126.

Desta forma, também Porto Alegre, no transcorrer das décadas de 1930 e 1940, apresentava um quadro cultural e social heterogêneo. De um lado, uma população que, influenciada pelos novos ritmos da metrópole, incorporava padrões e identidades culturais específicas. De outro, um universo popular e provinciano que resistia às mudanças da cidade cosmopolita, mantendo hábitos e valores de um passado não tão remoto.

Neste sentido, Mondin relembra certas figuras e acontecimentos que faziam parte de um modo de viver característico do 4º. Distrito: o serrador, cuja atividade era serrar as lenhas que eram deixadas na frente das casas para serem usadas nos fogões; os cantores de fados portugueses, que ganhavam a vida nas calçadas e faziam a alegria da gurizada; os “ecos perdidos” produzidos pelos diversos sons da ferraria da Ernesto Fontoura; a figura popular do afiador de facas; os cabungueiros, responsáveis pela limpeza pública, quando ainda não haviam esgotos; a caminhada rotineira pela avenida Brasil, das “habilidosas” empalhadeiras de cadeiras da fábrica de móveis Gerdau; as lavadeiras de roupas, à beira do Guaíba e os vendedores de peixes que, após pescá-los “ali” no Guaíba, vendiam aos moradores de casa em casa.⁵⁹⁶

Por outro lado, também fazia parte daquele contexto suburbano, uma arquitetura de viés popular e com afinidades às novas linguagens. A necessidade de utilização espontânea de determinados elementos estilísticos, formas e ornamentações, carregam em si significados simbólicos e representações que podem identificar aspirações sociais, anseios de prestígio ou individualidades.

Em *Aprendiendo de Las Vegas*, os autores evocam o processo de aprendizado de arquitetura, através da observação da paisagem, do saber ver e aceitar algumas lições que podem ser captadas do corriqueiro e do popular.⁵⁹⁷ A busca de identidade mediante o tratamento simbólico da forma da edificação, em muitos casos, tem sido ignorado pelos “arquitetos modernos”:

⁵⁹⁶ Ibid, p.71,73,75,85,93,107,117

⁵⁹⁷ VENTURI, R., IZENOUR, S., SCOTT BROWN, D. **Aprendiendo de Las Vegas**. Barcelona: Gustavo Gili, 1998, p.22,23.

Segundo os autores, a arquitetura pode ser convencional, de duas maneiras: pelo modo de construir ou pelo modo de ver, ou seja, pelo seu processo ou por seu simbolismo. Ibid, p.160.

Esta aversión a la edificación convencional que nos rodea quizá sea una exótica supervivencia del romanticismo del siglo XIX, pero nosotros creemos que se trata simplemente de la capacidad o incapacidad de los arquitectos para discernir el simbolismo presente en las formas de su propio idioma vernáculo.⁵⁹⁸

As diversas referências materiais construídas pela população do 4º. Distrito, também demonstram o grau de sua inserção naquele território; em alguns casos, talvez tentando imprimir um certo "parentesco" com seu lugar de origem, no entanto, incentivando relações, afinidades e aprofundamento de vínculos entre comunidades de laços afins ou em convivência fraterna com outras. Até hoje, são visíveis na sua paisagem, uma série de edificações remanescentes, testemunhas das vivências dessa concentração de culturas e identidades variadas que ali moraram, trabalharam e que certamente contribuíram para a sua inclusão.

6.2 OUTROS USOS E SOCIABILIDADES

No contexto geral de Porto Alegre, a área em estudo ficou reconhecida através de representações ligadas a operários, imigrantes, ao setor industrial e comercial, e aos principais acessos e ligações da cidade. Durante algum tempo, por sua estrutura e condição de auto suficiência no atendimento às necessidades do seus moradores, bem como aos da cidade, ficou conhecida como "bairro cidade". Assim, esta unidade urbana, portadora de personalidade definida e características peculiares, interagiu com uma comunidade que soube construir uma forte noção de identidade, que se refletiu em vínculos dos seus habitantes com este lugar e onde se estabeleceu um sentimento de comunidade e de pertencimento, reconhecidos pelas demais pessoas:

E assim, pois, ingresso humildemente no bairro cidade, para, de lá, falar a você, das maravilhas insondáveis que entretece a alma amiga e generosa dessa grande família que habita a zona norte de Porto Alegre. Essa é uma vasta região da cidade que, verdadeiramente, só se compreende e admira quando mais de perto se ausculta os anseios e sadias palpitações do seu

⁵⁹⁸ Ibid, p.188.

sincero coração. O Quarto Distrito, tem impregnado na operosidade da sua gente, algo que fascina e espanta.⁵⁹⁹

Sanhudo prossegue seu texto enfatizando a presença de uma série de instituições de singular importância, existentes no “bairro cidade”, testemunhas das vivências dos diversos grupos étnicos que habitaram e construíram esta parte da cidade, pertinentemente distinguida por Constantino como “espaço polifônico”.⁶⁰⁰

Alguns depoimentos de antigos moradores dão uma idéia do modo de vida do bairro, baseado em vínculos de solidariedade e amizade, que foram sendo estabelecidos entre os diferentes grupos étnicos: “Nós conhecíamos todos. Aí, vinha alguém lá e a gente olhava com medo. Não sei por que a gente olhava com medo, era estranho, não era do bairro.”⁶⁰¹

Além dos múltiplos estabelecimentos comerciais e de serviços, que respondiam às demandas dos habitantes, foram sendo implantados templos, escolas, cinemas, clubes recreativos, desportivos, de regatas e outras formas associativas. Assim, nesse espaço ao mesmo tempo diverso e heterogêneo, estabeleceram-se uma série de instituições representativas de práticas, que muito contribuíram para atribuir significados àquele lugar e fortalecer a noção de identidade que o caracteriza.

Percebe-se a particular importância assumida pelo componente étnico, na construção, organização e identidade dos diversos estabelecimentos. Fortes destaca que, até a Segunda Guerra Mundial, permaneceu uma certa autonomia cultural naquela comunidade, reproduzida principalmente pela sólida rede de instituições e destacando-se a denominada “colônia alemã”. Desta forma, em um contexto relativamente estruturado, cada nova leva de imigrantes trabalhadores necessitava construir o seu espaço social e cultural. Neste universo de relações inter étnicas, onde a grande maioria das indústrias era de propriedade de teuto-brasileiros, o autor

⁵⁹⁹ SANHUDO, op. cit., 1961, p.248.

⁶⁰⁰ CONSTANTINO, 2002, op. cit., p.227. A autora, em seu texto “A polifonia do bairro: 4º. Distrito (Porto Alegre)-história e memória”, refere-se a “espaço polifônico”, em decorrência da diversidade étnica então existente.

⁶⁰¹ Depoimento de Olita Alzira Schilling Stigger, moradora do 4º. Distrito, no início da década de 1920, para: SCHILLING, Suzana Porcello. “Vivência de uma descendente alemã no 4º. Distrito.” In: **História/Unisinos. Número Especial: II Encontro Regional-Sul de História Oral/ABHO.** São Leopoldo: UNISINOS, 2002, p.257.

destaca a “hegemonia local que associava germanidade a status e poder”.⁶⁰² Baseados na relação contextual de proximidade entre moradia e trabalho, foram estabelecidos e redefinidos os vínculos entre as diferentes experiências culturais.

Assim, já em 1916, verifica-se através da pesquisa nos microfilmes, a denominada Escola Alemã (Figura141-proc.300/1916)⁶⁰³, um projeto de Theo Wiederspahn, de uma pequena edificação, mais parecendo uma residência e contendo somente duas salas de aula.



Figura 141 - Filme 014_300 - 1916.

Mondin comenta das dificuldades do ensino no distrito, onde benevolentes educadores montavam escolas particulares na sua própria residência. Salienta que a frequência à escola constituía “um divisor social” entre as famílias, e que a história dos seus educandários particulares desenvolveu-se à custa de sacrifícios e muita persistência.⁶⁰⁴

A primeira escola polonesa nesta área, também começou a funcionar em casa particular, cedida por um morador, aproximadamente em 1897. Posteriormente, por ocasião da fundação da Sociedade Beneficente Águia Branca, a sede passou a

⁶⁰² FORTES,2004,op.cit.,p.26.

A hegemonia da colônia alemã, teve um grande impacto com o ingresso do Brasil na Segunda Guerra, quando muitas hostilidades foram praticadas contra essa descendência. Ibid,p.85.

⁶⁰³Filme 14,proc.300/1916,Escola Alemã,resp. téc. Theo Wiederspahn, São Carlos/Com.Azevedo/Praça Florida.

⁶⁰⁴ MONDIN,1987,op. cit.,p.143.

Uma das escolas públicas do 4º. Distrito citadas pelo autor pela sua excelente qualificação, é o Souza Lobo, a única escola pública existente nas primeiras décadas do século passado. Localizada na avenida Bahia esquina Guido Mondin, recebeu esta denominação a partir de 1914. Ibid, p. 148.

servir para a escola, além de outras funções.⁶⁰⁵ Assim como o caso da escola da Sociedade Polônia, outros dois estabelecimentos, que tiveram duração efêmera, recebem por Mondin a denominação de “escolas quebra galhos”, os Gondoleiros e a Umberto I.⁶⁰⁶

O posterior surgimento de escolas, bibliotecas, teatros, cinemas e diversos clubes são indiciários de um processo de aprimoramento cultural e sociabilidades daquela população, já que, anteriormente, eram atividades desenvolvidas no âmbito mais privado das residências, das pequenas e temporárias salas e da improvisação. Aos poucos, novos espaços construídos e diversos serviços foram respondendo às exigências de uma comunidade que se modernizava.

Assim, antes da construção da igreja da comunidade Evangélica Luterana, localizada na Sertório, o Pastor Walter Ossent ministrava aulas e educação religiosa para os descendentes germânicos, em uma escola de uma só sala, conhecida como Deutsche Volks Schulle, localizada em prédio alugado na mesma avenida.⁶⁰⁷ Em 1923, foi encaminhado o projeto para a Escola Primária Evangélica (**Figura142**-proc.1119/1923)⁶⁰⁸, contendo somente duas salas, na rua Comendador Tavares. Neste mesmo terreno, mas com frente para a Sertório, em 1927, foi projetada a Igreja Evangélica Navegantes, posteriormente denominada de Igreja da Paz (proc.6637/1927)⁶⁰⁹. Junto a ela foi construído o Colégio da Paz.

⁶⁰⁵ FIGURSKI, Janina. **Crônica da Sociedade Polônia**. Porto Alegre: Sociedade Polônia, 1970/80. Texto Datilografado, p.2.

⁶⁰⁶ MONDIN, 1987, p.149.

Gondoleiros e Umberto eram duas sociedades situadas na antiga avenida Eduardo.

⁶⁰⁷ MONDIN, 1987, op.cit., p.143.

⁶⁰⁸ Filme 20, proc.1119/1923, Escola Primária da Comunidade Evangélica, resp. téc. Carl Hartmann, Comendador Azevedo.

⁶⁰⁹ Filme 029, proc.6637/1927, Igreja Evangélica Navegantes, resp.téc. Alfred Hässler, avenida Sertório.

Conforme Mondin, o primeiro templo da comunidade evangélica, instalou-se na avenida Brasil, quase esquina da rua Conselheiro Travassos. Posteriormente, foi adquirido este terreno, chamado de laranjal da família Sanders, na Sertório quase esquina Santos Pedroso, onde foi construído o templo atual e agregando a ele, o colégio da Paz. MONDIN, 1987, op.cit., p.144.

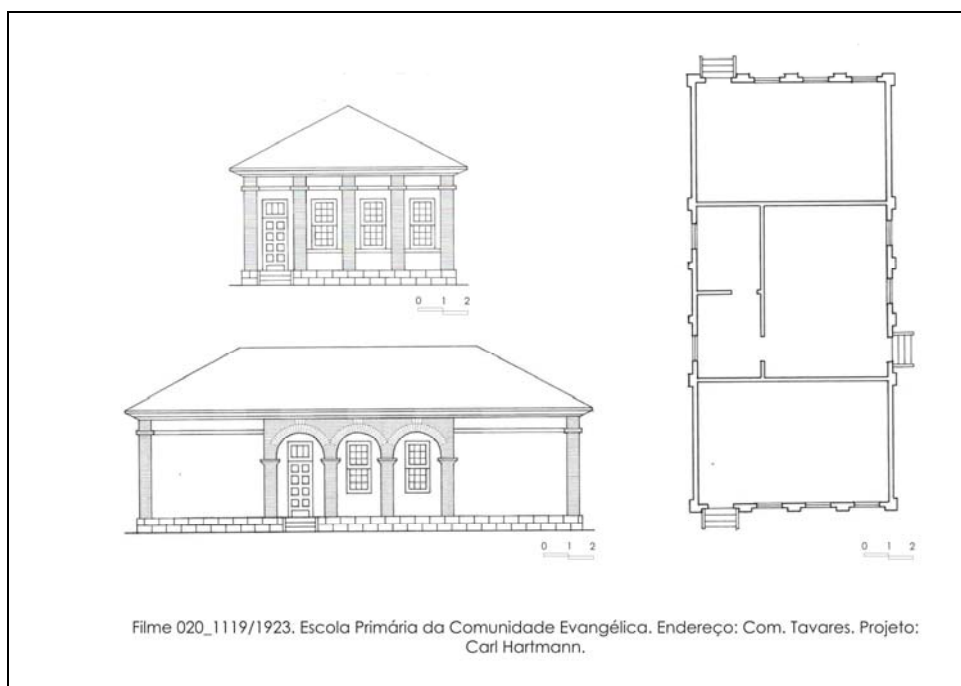


Figura 142 - Filme 020_1119/1923.



Figura 143 - Fotografia atual(agosto de 2010) da Igreja Evangélica Navegantes, hoje Igreja da Paz, situada na avenida Sertório.
Fonte: Foto da autora.

Outra comunidade evangélica, preocupada com o ensino dos seus filhos, foi a Igreja Luterana de Cristo, hoje localizada na avenida Presidente Roosevelt esquina com Pátria. No início do século passado, esta comunidade pediu para o reverendo

Carl Mahler fundar uma escola. Em 1907, uma antiga fundição desativada, na esquina do então Caminho Novo com a avenida Brasil, foi a primeira instalação do educandário, que deu origem ao Colégio Concórdia, mantido pela Evang. Lutherische Gemeinde Zu Porto Alegre. Posteriormente, igreja e escola uniram-se, ampliando suas instalações no quarteirão inteiro, junto à praça Pinheiro Machado.⁶¹⁰ Neste local, foram identificados, através da pesquisa nos microfilmes, dois projetos para o templo, um de 1932 (proc.20613/1932)⁶¹¹ e outro de 1953, correspondendo à edificação atual (proc.5096/1953)⁶¹². Ainda foi localizada uma solicitação de aprovação de um pequeno estabelecimento destinado à Escola Concórdia, em 1929 (Figura144-proc. 14319/1929)⁶¹³.



Figura 144 - Filme 040_14319 - 1929.

⁶¹⁰ Ibid, p. 144.

⁶¹¹ Filme 53, proc. 20613/1932, Igreja, resp. téc. A. Marquard, avenida Eduardo esq. Pátria.

⁶¹² Filme 254, proc. 5096/1953, Nova Igreja Evangélica Luterana de Cristo, resp. téc. Max-Hermann Schlüpmann, av. Pres. Roosevelt esq. Pátria.

⁶¹³ Filme 40, proc. 14319/1929, Escola Concórdia, resp. téc. J.R. Puffal, avenida Eduardo.



Figura 145 - Fotografia atual (agosto de 2010) da Igreja Luterana de Cristo, localizada na avenida Presidente Roosevelt esquina com Pátria.
Fonte: Foto da autora.



Figura 146 - Fotografia atual (agosto de 2010) da Igreja Metodista Institucional, situada na avenida Presidente Roosevelt esquina com Guido Mondin.
Fonte: Foto da autora.

A Igreja Metodista Institucional também instalou-se no bairro, agregando a escola na sua parte posterior. Permaneceram, desde 1911, no mesmo local em que hoje se encontra o templo, na avenida Presidente Roosevelt esquina com Guido Mondin. Anteriormente, localizava-se na rua do Parque,76 , passando em 1906 para a Voluntários da Pátria, 503, na chácara dos herdeiros do Conselheiro Camargo. Outros educandários são lembrados pelo autor, como o colégio Lassalista, conhecido como Colégio dos Padres e dirigido pelos irmãos cristãos da ordem Lassalista. Os primeiros irmãos vieram da Europa por volta de 1915, instalaram-se em um chalé ornamentado com lambrequins, na rua Voluntários da Pátria, em Navegantes, iniciando suas atividades pedagógicas. Mais tarde, transferiram-se para a avenida Polônia, esquina com Minas Gerais, hoje Farrapos, onde adaptaram um correr de casas,que resultaram em quatro amplas salas de aula e um generoso pátio. Atualmente, a sede do educandário Lassalista, encontra-se junto à igreja São João.⁶¹⁴

⁶¹⁴ MONDIN,1987,op.cit.,p.145,146.

O autor ainda faz referência a um outro educandário, o Santa Família, que no início do século passado, surgiu pela inquietação do então vigário da igreja Nossa Senhora dos Navegantes, Padre

A avenida Presidente Roosevelt e suas adjacências, foram as área de concentração destas instituições, assim como um diversificado comércio local, que se misturava às moradias e à ambiência da praça Pinheiro Machado⁶¹⁵, a única deste perímetro além do tradicional sítio da Praça Navegantes. Como veremos, uma série de eventos, festividades e encontros sociais da comunidade passaram a acontecer nesta via, contribuindo para seu dinamismo e vitalidade urbana. Uma outra escola que atesta a importância desta avenida é a Escola Estadual 1º. de Maio, construída no final da década de 30.⁶¹⁶



Figura 147 - Fotografia atual (janeiro de 2009) da Escola 1º. de Maio, localizada na avenida Presidente Roosevelt.
Fonte: Fotografia da autora.

Ao mesmo tempo, fica evidente a profunda religiosidade das diversas comunidades do distrito industrial, tal o número de templos ali encontrados. Em 1927, Theo Wiederspahn projetou, na rua Conde de Porto Alegre, uma sede para a igreja Batista (**Figura 148**-proc. 5738/1927)⁶¹⁷. Uma das ascendências importantes do bairro, a polonesa, se agregou em torno da igreja Nossa Senhora de Monte

Felipe Diel, com a falta de assistência educacional às crianças pobres, filhos dos operários do bairro. Dirigido pelas irmãs franciscanas pertencentes à comunidade do Colégio dos Anjos, as religiosas iniciaram seu trabalho em um prédio precário e alugado. O Santa Família instalou-se na Avenida Bahia e hoje a fachada principal é na avenida Pará. Ainda quando não existia a Igreja São Geraldo, as missas aconteciam na capela das freiras. Ibid, p.147,148.

⁶¹⁵ No loteamento da Cia. Territorial, não houve previsão de praças. Conforme Franco, esta praça foi implantada na gestão de Otávio Rocha(1926/27), vindo a ser a primeira praça ajardinada do bairro. Fica limitada pelas ruas: Presidente Roosevelt, Farrapos, Brasil e Pátria. FRANCO, 1992, op.cit., p. 320.

⁶¹⁶ Segundo levantamento de Strohaecker, o terreno desta escola, foi doado por A. J. Renner. Além desta, outras instituições tiveram terrenos cedidos pelo industrial: na Sertório, a sede do SENAI, (1942) e a Creche Navegantes e na presidente Roosevelt, além do colégio, o centro de Saúde e o Grêmio esportivo Renner. STROHAECKER, 1991, op.cit.p.110.

⁶¹⁷ Filme 29, proc.5738/1927, Igreja Batista, resp.téc.Theo Wiederspahn, rua Conde de Porto Alegre.

Claro(proc.26101/1944)⁶¹⁸, ou igreja Czestochowsky, conforme consta no projeto de 1932.⁶¹⁹ A identificação, nos microfilmes, de um projeto para a Capela Nossa Senhora do Brasil (proc. 12155/1930)⁶²⁰, na rua Missões, também reforça a constatação da grande devoção desses diversos grupos.

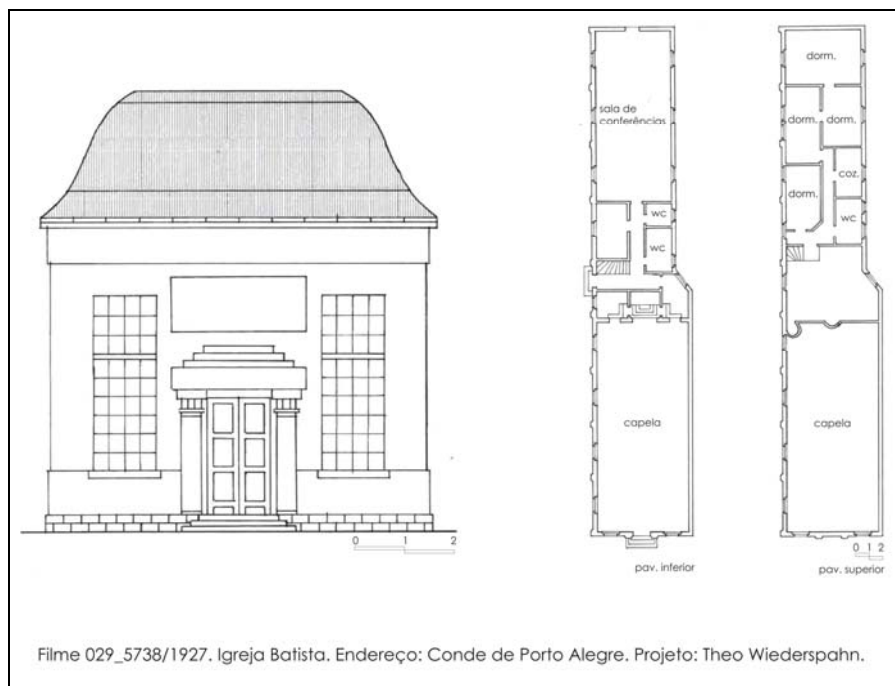


Figura 148 - Filme 029_5738/1927.

⁶¹⁸ Filme 113,proc.26101/1944,Igreja N. S.Monte Claro,resp.téc.Erick Fantinel,avenida Eduardo.

⁶¹⁹ Filme 52,proc.16111/1932,Igreja Czestochowsky,resp.téc.Antonio Mascarelo,avenida Eduardo.
A fachada que corresponde à edificação atual é a de 1944.

⁶²⁰ Filme 43,proc12155/1930,Capela Nossa Senhora do Brasil,resp.téc.José Barbosa,rua Missões.
Este templo não foi encontrado neste logradouro.



Figura 149 - Fotografia atual (janeiro de 2009) da igreja Nossa Senhora de Monte Claro, situada na avenida Presidente Roosevelt.
Fonte: Foto da autora.

Outros dois templos tradicionais do bairro são: a igreja Nossa Senhora dos Navegantes, já comentada anteriormente e a igreja São Geraldo. Sobre esta última, sua primeira sede foi identificada nos microfilmes, então situada na avenida São Pedro (**Figura 151**-proc. 1833/1925)⁶²¹. Posteriormente teve projeto lançado em 1940, por Vitorino Zani (proc. 5415/1940)⁶²², já na avenida Farrapos, onde hoje se encontra. Segundo depoimento de antigos frequentadores, devido ao seu restrito espaço físico, a sede da avenida São Pedro, não comportava tantos fiéis em dias de missa, que acabavam se aglutinando no lado externo, junto ao passeio público.⁶²³ A concepção arquitetônica da nova edificação, em concordância com a modernidade da avenida, adotou uma estética baseada no uso de linhas simples e geometrizadas.

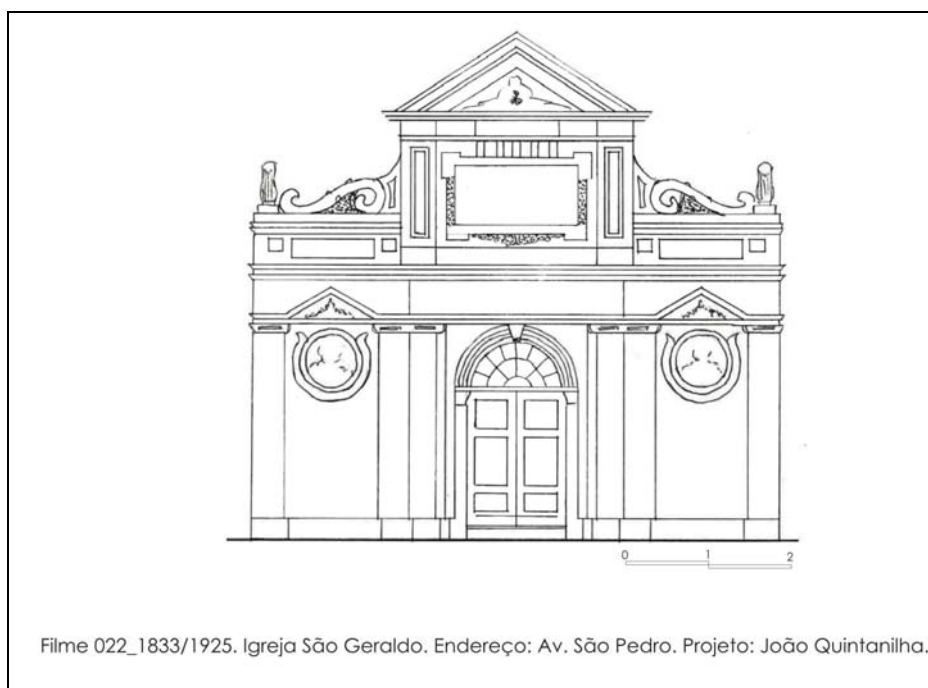
⁶²¹ Filme 23,proc. 1833/1925,Igreja São Geraldo,resp.téc.João Quintanilha,rua São Pedro,69.

⁶²² Filme 86,proc. 5415/1940, Igrja São Geraldo,resp.téc.Vitorino Zani,construtor Erick Fantinel,avenida Farrapos.

⁶²³ Conforme entrevista em janeiro de 2009,com Irineu Thebich , nascido em 1927 e proprietário até hoje da Farmácia Estrela, na avenida São Pedro.



Figura 150 - Fotografia atual (janeiro de 2009) da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, na avenida Sertório.
Fonte: Fotografia da autora.



Filme 022_1833/1925. Igreja São Geraldo. Endereço: Av. São Pedro. Projeto: João Quintanilha.

Figura 151 - Filme 022_1833/1925.



Figura 152 - Fotografia do pátio da antiga Igreja São Geraldo, na avenida São Pedro, na década de 1940.

Fonte: Acervo pessoal do Sr. Irineu Thebich.



Figura 153 - Igreja São Geraldo, situada na avenida Farrapos. Projeto do arquiteto Vitorino Zani e foto atual.

Fonte: PORTO ALEGRE: BIOGRAFIA D'UMA CIDADE, 1940, op.cit., p.491; foto de Silvia Corrêa.

Por outro lado, é importante lembrar que das diversas instituições que atuaram no 4º. Distrito, destacam-se as associações comunitárias.⁶²⁴ Estas congregavam inúmeros associados, promovendo festividades e outras formas de reuniões, no intuito de contribuir para solucionar uma série de demandas e problemas da área. Nesse sentido, em 13 de dezembro de 1945, os jornais da cidade⁶²⁵ noticiaram a criação da Associação dos Amigos do 4º. Distrito, como sendo uma entidade de caráter público, apoiada por diversos comerciantes e industriais do local, entre eles A. J. Renner.⁶²⁶

Cabe destacar a atuação do Círculo Operário Navegantes⁶²⁷ que, em 1939, encaminhou um processo para construção de uma edificação (proc. 1347/1939)⁶²⁸ na avenida Sertório. Adotando um partido em forma de “U”, com galerias cobertas voltadas para um pátio central e tendo no seu eixo uma capela, o projeto era destinado a sediar a Creche Nossa Senhora dos Navegantes, então dedicado aos filhos dos operários das indústrias situadas nas proximidades. Considerando-se uma região mais abrangente, outra instituição voltada ao atendimento dessas crianças, no tocante à saúde pública, foi o Hospital da Criança Santo Antônio.⁶²⁹

⁶²⁴ Entre as diversas associações destacam-se: Associação dos Amigos do Quarto Distrito, Associação dos Amigos da Praça Pinheiro Machado, Associação dos Amigos da Praça Florida, Associação dos Amigos das Sete Ruas.

⁶²⁵ Fundada a Associação dos Amigos do 4º. Distrito. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 13 de dezembro de 1945, p. 7. Fundada a Associação dos Amigos do 4º. Distrito. **Folha da Tarde**. Porto Alegre, 13 de dezembro de 1945, p. 5. Fundada a Associação dos Amigos do 4º. Distrito. **Folha da Noite**. Porto Alegre, 13 de dezembro de 1945, p. 4.

⁶²⁶ O vereador José Aloísio Filho, também teve muita atuação nessa associação, sendo que na época da sua fundação, era o 1º. Secretário. Posteriormente outros políticos participaram da sua diretoria.

⁶²⁷ Conforme Fortes, em função do seu forte posicionamento ideológico vinculado à igreja católica, o círculo operário foi um espaço de sociabilidade frequentado por imigrantes praticantes do Catolicismo, como poloneses e italianos. FORTES, 2004, op. cit., p. 91.

⁶²⁸ Filme 82, proc. 13475/1939, Círculo Operário Navegantes, resp. téc. Antonio Mascarello, avenida Sertório.

⁶²⁹ Suas obras, na avenida Ceará, iniciaram no ano de 1943 e foram concluídas dez anos depois. Com capacidade para 300 doentes, destinava-se, então, a atender os filhos de operários que, exerciam atividades nos estabelecimentos fabris ali existentes.

Neste sentido ver: BARROSO, Vera Lúcia M. “O hospital Santo Antônio e o 4º. Distrito de Porto Alegre. A assistência médica infantil no bairro operário.” In: **História/Unisinos. Número Especial: II Encontro Regional-Sul de História Oral/ABHO**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002, p. 272.



Figura 154 - Fotografia atual (janeiro de 2009) da Creche Nossa Senhora dos Navegantes, situada na avenida Sertório.

Fonte: Foto da autora.

Diversos foram os espaços que abrigaram atividades lúdicas, recreativas, sociais e culturais, que contribuíram para reforçar o espírito de solidariedade da comunidade. Nas primeiras décadas do século XX, as formas mais usuais destas práticas eram as serenatas e as festinhas caseiras. As famílias costumavam sentar à frente das casas, em noites cálidas, para ouvir acordeona e violão. Mondin lembra da época em que haviam diversas áreas disponíveis para armar um circo, como a do mato do Fontoura, com frente para a avenida Eduardo. Assim, instalaram-se os primeiros teatros, improvisados em barracões de lona, que remetem à forma circense, montados em diversos locais do bairro.⁶³⁰

No entanto, uma das grandes diversões dos moradores era o cinema, desde o tempo em que as projeções eram mudas. Um dos “velhos” cinemas foi o Democrata, cuja construção constituía-se de um barracão, na esquina da rua São Pedro com a avenida Eduardo. O outro, era o Hélios, na São Pedro, entre as avenidas Eduardo e São Paulo, e que possuía ampla fachada de “arquitetura apropriada”. Os demais, situados nas proximidades, eram o Navegantes e o Talia.⁶³¹ Curiosamente, conforme depoimento de antiga moradora do bairro, inicialmente o cinema era aberto, na Praça Navegantes, onde todos levavam suas cadeiras para assistir ao filme.⁶³²

⁶³⁰ MONDIN, op.cit., 1987, p. 31, 41.

⁶³¹ Ibid, p. 29,30.

⁶³² Depoimento de Olita Alzira Schilling Stigger, moradora do 4º. Distrito no início da década de 1920, para: SCHILLING, 2002, op. cit., p.253.

Foi Francisco Damasceno Ferreira quem, na década de 1910, abriu cinemas no 4º. Distrito: Democrata(1912), São João e o Força e Luz(1913), na avenida Eduardo. Era também proprietário do Recreio Ideal (1908), a primeira casa com esta destinação específica localizada na Rua da Praia.⁶³³ Assim sendo, evidencia-se que, já nas primeiras décadas do século passado, a população local não necessitava ir ao centro para assistir a filmes.

Na verdade, foi a partir da década de dez que as salas de cinema se multiplicaram na cidade. Além de Damasceno Ferreira, um outro empresário se destacou neste ramo, Eduardo Hirtz, que foi sócio de diversas casas, entre elas: Coliseu, Apollo e Talia.⁶³⁴

Considerando-se a região mais ampla de Navegantes -São João, França destaca que a quantidade de salas existentes transformou esta área no segundo pólo de cinema da cidade. No entanto, diversas casas tiveram pouca duração, com exceção do Cine Navegantes e do Talia, que ultrapassaram a década de 1960.⁶³⁵ Acerca do papel desempenhado pelos cinemas de bairro, o autor evidencia a importância da função de entretenimento como fator positivo no relacionamento social das comunidades que viviam ao seu redor, já que foram pontos importantes de referência e que tiveram seu auge entre as décadas de 1910 e 1970.⁶³⁶

Nos processos pesquisados, foi identificado, no ano de 1921, o projeto do Cine Teatro Navegantes (proc. 507/1921)⁶³⁷, em edificação ainda existente, de traços historicistas, situada na esquina da então avenida Germânia (Cairú) com Rio Grande. Segundo depoimentos coletados por Damiani e D'Ávila, sua calçada

⁶³³ GASTAL, Suzana. **Salas de Cinema: cenários porto-alegrenses**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1999, p.22.

⁶³⁴ Ibid, p.27.

O cinema Apollo, situava-se no início da avenida Independência, nas proximidades da praça Dom Feliciano. O Coliseu, que como o Apollo, também era teatro, localizava-se na Voluntários da Pátria esquina Praça Osvaldo Cruz.

Neste sentido ver: MATTAR, 2001, op.cit.p. 94,274.

⁶³⁵ FRANÇA, Anderson. 2008. Disponível em <http://www.4fapa.com.br/monographia>. Os cinemas de bairro na memória da cidade de Porto Alegre. Acesso em ago.2009, p.246,248,249.

O autor destaca que o primeiro a iniciar as atividades foi o Salão Cosmopolita(1911), e depois o Democrata(1912), Força e Luz(1912), Ponto Chic(1915), Hélios(1916), Talia(1917), 1º. de Maio(1918) e o Navegantes(1922). Ibid, p. 246.

⁶³⁶ Ibid, p.246.

⁶³⁷ Filme 17, proc.507/1921, resp.téc. H.C. Schubert, Av.Germânia (Cairú), esquina Rio Grande.

tornava-se ponto de encontro dos moradores do bairro, já que o cinema era muito frequentado e costumava passar as novidades de Hollywood.⁶³⁸



Figura 155 - Fotografia atual (janeiro de 2009) do prédio do Cine Teatro Navegantes, na avenida Cairú esquina Rio Grande.
Fonte: Fotografia de Silvia Corrêa.

Da mesma forma acontecia no Cine Talia, desde 1917⁶³⁹, quando foi construído, na antiga avenida Eduardo, no mesmo local onde ficava o Ponto Chic. Na pesquisa dos microfilmes, foram encontrados dois processos, um datando de 1930, contendo somente planta baixa (proc. 8952/1930),⁶⁴⁰ e outro, de 1944, ano em que houve um incêndio que destruiu o antigo cinema.

⁶³⁸ DAMIANI, Gisela T.M. & D'AVILA, Naida L.M. **História dos Bairros Floresta, Navegantes e São Geraldo**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Cultura, EPHAC, Dez. 1996. Texto Digitalizado, p.41.

Segundo entrevistas realizadas pelas autoras, por vezes os ingressos vendidos superavam o número de assentos do cinema, que levava o proprietário a pedir cadeiras nas casas da vizinhança, afim de acomodar a todos. Ibid, p.41

⁶³⁹ GASTAL, 1999, op.cit., p.28.

⁶⁴⁰ Filme 40, proc.8952/1930, resp. téc. J.L.Pufal, Avenida Eduardo.



Figura 156 - Fotografia de 1944, a partir da avenida São Pedro, por ocasião do incêndio do cinema Talia.

Fonte: Foto do acervo pessoal do Sr. Irineu Thebich.

Curiosamente, a denominação que consta na documentação refere-se ao Cinema Rivera (**Figura157**-proc.3620/1944)⁶⁴¹, mas, no entanto, permaneceu com o nome tradicional de Talia. Percebe-se, através da leitura dos elementos da fachada, que, neste caso, o arquiteto João Antônio Moreira Neto adota, para o novo empreendimento, uma fachada de linhas essencialmente modernas. Assim como ocorreu em diversas cidades, as salas de cinema assumiram um lugar de destaque na vida da comunidade, e seus prédios, elementos representativos da modernidade urbana.

⁶⁴¹ Filme 107, proc.3620/1944, Cinema Rivera, propriet. Darcy Bitencourt, resp.téc. João Antônio Moreira Neto, avenida Eduardo,1370.

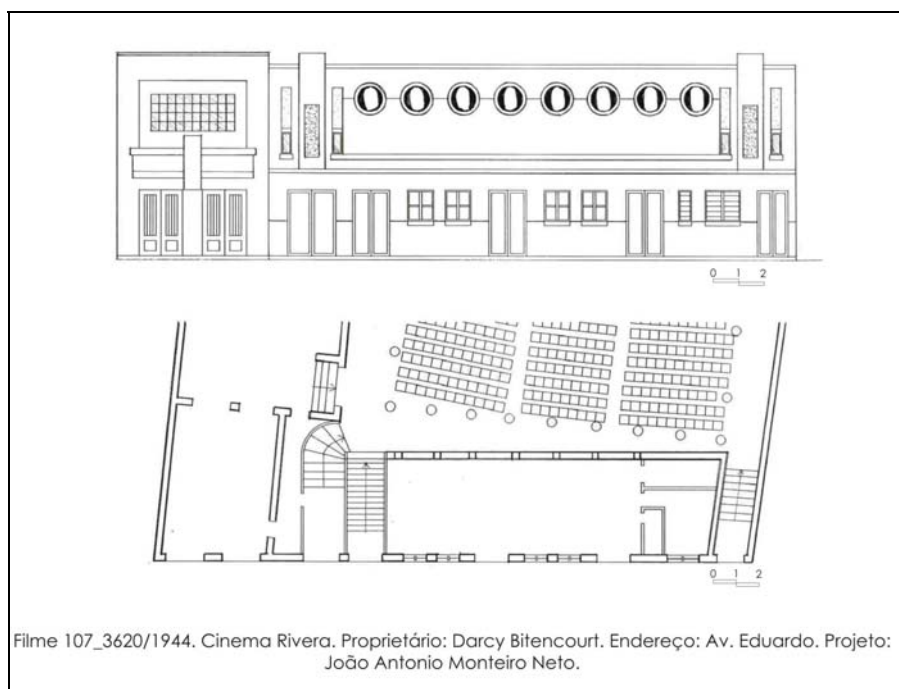


Figura 157 - Filme 107_3620/1944.



Figura 158 - Fotografia da avenida Presidente Roosevelt, mostrando o Cine Tália no final da década de 1940.

Fonte: Fotografia do acervo da Associação dos Amigos do 4º Distrito.

No processo de modernização da cidade de São Paulo, Anelli constata que o cinema foi transformado em um dos seus elementos simbólicos, servindo como referencial de urbanidade para milhares de espectadores. Assim sendo, “ao lado dos

viadutos, das avenidas e do automóvel com suas buzinas, os prédios dos cinemas simbolizavam que a cidade era moderna.”⁶⁴²

Conjuntamente aos cinemas, outras formas de lazer eram exercidas, merecendo especial destaque as sociedades e clubes desportivos, que, como os templos e educandários, refletiam os diversos grupos e identidades existentes na área. Na pesquisa dos projetos microfilmados foi encontrado, no ano de 1924, o processo para “reconstrução com moradia” de uma pequena edificação, provavelmente bem mais antiga, do Bürger Club, refletindo iniciativas sociais pioneiras da comunidade germânica do bairro. (Figura159-proc.901/1924).⁶⁴³



Figura 159 - Filme 021_901/1924.

Assim, foram diversas as associações, testemunhas da presença de estrangeiros no bairro, que congregaram seus moradores oferecendo atividades de lazer como: bolão, bocha, carteados, quermesses, esportes, além dos bailes. Mondin dá um destaque especial para a Sociedade Gondoleiros, principalmente pelos bailes que realizava. Também lembra o Esporte Clube Navegantes, ambos localizados na antiga avenida Eduardo. A outra opção para se dançar era a Sociedade Polônia, na

⁶⁴² ANELLI, Renato. “Arquitetura de Cinemas em São Paulo. O Cinema e a Construção do Moderno”. *Revista Óculum*, Campinas, no. 2, p.35-42, setembro de 1992, p.35.

⁶⁴³ Proc. 901/1924, Bürger Club, resp. téc. Alex Knoll, rua Comendador Azevedo.

rua São Pedro. Na avenida Cairú esquina com Conselheiro Travassos ficava o 8 de Julho. Em todas elas os bailes carnavalescos eram animados pelos cordões. Na avenida Brasil havia o Salão Brasil, que mais tarde transformou-se em Teatro Anchieta, com um palco adaptado e cadeiras soltas na platéia. Renato Viana, além de ator, foi o responsável pela obra e incentivador do ensino da arte dramática ao povo.⁶⁴⁴



Figura 160 - Fotografia da avenida Presidente Roosevelt, mostrando do seu lado direito, a sociedade Gondoleiros, no final da década de 1940.
Fonte: Fotografia do acervo da Associação dos Amigos do 4º Distrito.

⁶⁴⁴ Ibid, p.57,58,153. Mondin lamenta que a Sociedade Umberto, típica associação italiana e uma das mais ativas no bairro, não tenha guardado material histórico. Sua sede de alvenaria em forma de chalet, localizava-se na esquina da Visconde do Rio Branco com a Eduardo. Possuía um teatro, onde apresentaram-se artistas de Companhias Italianas que atuavam no São Pedro. Ibid., p.61.



Figura 161 - Fotografia atual (janeiro de 2009) da sede da Sociedade Gondoleiros, na avenida Presidente Roosevelt.
Fonte: Foto da autora.

No tocante à edificação que sediou a sociedade Gondoleiros, foram encontrados dois processos nos projetos microfilmados, sendo o primeiro elaborado por João Pufal em 1918 (proc.361/1918)⁶⁴⁵ e correspondendo à edificação de dois pavimentos, existente até hoje, na esquina da avenida Presidente Roosevelt com a Moura Azevedo. Sua fachada adota uma linguagem de características historicistas, repleta de adornos e elementos escultóricos de referências temáticas italianas, que se tornou um reconhecido marco desta avenida. Sociedade Carnavalesca Gondoleiros era a denominação que constava neste processo, justificando a grande importância dos festejos de carnaval desta época. Já o segundo processo encontrado (proc. 33118/1952)⁶⁴⁶ corresponde a uma nova sede para a sociedade, no ano de 1952. Tal projeto, de linhas mais despojadas e modernas, refere-se a uma

⁶⁴⁵ Filme 15, proc.361/1918, Sociedade Carnavalesca Gondoleiros, Resp. téc. João Pufal, end. Avenida Eduardo.

⁶⁴⁶ Filme 245, proc. 33118/1952, Nova Sede Sociedade Gondoleiros, resp. téc. Ernesto Pursh, end. P. Roosevelt/Moura Azevedo.

edificação de quatro pavimentos na Moura Azevedo, construída ao lado da antiga sede.

No mesmo ano de 1952, há o projeto para outro tradicional clube, a sede da Sociedade Polônia,(proc.35593/1952)⁶⁴⁷, também com características modernas. Desde 1904 esta instituição funcionava em uma antiga propriedade existente neste mesmo terreno, situado na avenida São Pedro, adaptada às suas necessidades. Os dois projetos da década de 1950 evidenciam a vitalidade destas entidades, até então.



Figura 162 - Fachada principal do projeto original (1952),da Sede da Sociedade Polônia na avenida São Pedro.

Fonte: Museu Moises Velinho.

Uma outra instituição muito atuante na área, foi a Sociedade Ginástica Navegantes - São João, fundada em 1927 por influência germânica, sendo assim, muito frequentada pelos trabalhadores de origem teuto-brasileiros, que a chamavam de “a pequena Alemanha”. O antigo Sport Club Navegantes, foi incorporado a esta sociedade que, primeiramente, por não possuir sede própria, funcionava no salão

⁶⁴⁷ Filme 246,proc.35593/1952,Sede Sociedade Polonia, resp. téc. Freitas & Wierzchowski,avenida São Pedro.

Sobre a trajetória da Sociedade Polônia, ver: FIGURSKI, 1970/80,op.cit.

Ruschel, situado na avenida Brasil, onde eram realizados os bailes.⁶⁴⁸ Conforme projeto de João Petry, de 1936, (proc. 5708/1936)⁶⁴⁹ foi construída a sede atual da avenida Presidente Roosevelt. Segundo Oliveira, a obra contou com a colaboração do empresário A.J.Renner, que doou o terreno e ainda colaborou na sua construção. Na parte do terreno voltado para a avenida Farrapos funcionou, até 1961, o parque esportivo, com quadras esportivas de atletismo, punhobol, basquete e vôlei, destacado-se o clube de futebol A.J.Renner.⁶⁵⁰



Figura 163 - Fotografia atual (janeiro de 2009) da sede da Sociedade Ginástica Navegantes São João, na avenida Presidente Roosevelt.
Fonte: Fotografia da autora.

⁶⁴⁸ OLIVEIRA, Rubem G. **Breve história da Sociedade Ginástica Navegantes São João**. Porto Alegre: S.G. São João, 2004, p. 12, 13, 14.

No texto é destacada o papel relevante para a vida do clube, exercido pelo grupo industrial A.J.Renner, assim como Ernesto Neugebauer. Ibid, p. 13.

⁶⁴⁹ Filme 68, proc. 5708/1936, Sociedade Ginástica Navegantes São João, resp. téc. João Petry, avenida Eduardo.

⁶⁵⁰ OLIVEIRA, 2004, op. cit., p. 20.

O autor destaca que em 1961, em acordo com a diretoria da A.J.Renner, foi oficializada a doação de parte do terreno à Sociedade, porém contendo somente a área onde estava construída a sede social, e, conseqüentemente, perdendo a outra metade, e por conseguinte o seu potencial esportivo. Ibid, p. 21.



Figura 164 - Fotografia aérea mostrando as avenidas Farrapos e Presidente Roosevelt e o parque esportivo da Sociedade Ginástica Navegantes São João, onde ficava o clube de futebol Renner, na década de 1950.

Fonte: Acervo da Associação dos Amigos do 4º. Distrito.

A prática de esportes foi muito intensa no 4º. Distrito, especialmente o futebol, voleibol, basquete, ciclismo, punhobol, tênis e ginástica. Outra atividade importante desenvolvida na área foi o remo. Em 1906, o viajante italiano Buccelli refere-se a “dois elegantes Clubes de regatas”, o Germânia e o Almirante Barroso, possuidores de garagens para uma variedade de embarcações. O visitante, no final do seu percurso, já se encontrava no arraial dos Navegantes, onde numa “verdeante vegetação eterna” avistou, também, o Hipódromo Navegantes.⁶⁵¹ Nesta época, as corridas de cavalo reuniam a população dos subúrbios, aos domingos e feriados. Antes do final do século XIX, as canchas localizadas na Várzea, nas imediações do Colégio Militar, transferiram-se para Navegantes, surgindo o Prado Navegantes. Desde então, esta forma de lazer passou a ser a grande atração do lugar, conhecido na época como “o último vestígio da cidade”, onde aos domingos a

⁶⁵¹ BUCCELLI, 1906, op. cit., p.98.

população se dirigia para ansiosamente assistir às corridas de cavalo. Em 1916, a indústria Renner transferiu seu estabelecimento têxtil do Caí para este local.⁶⁵²

O remo, introduzido na cidade pelos alemães⁶⁵³, tornou-se um dos esportes mais tradicionais do bairro, praticado, nas águas do Guaíba, também por italianos e polacos. Um grande número de alemães, preferiam o clube de regatas Almirante Barroso, enquanto os italianos frequentavam o Duque de Caxias(Canottieri Ducca Degli Abruzzi), fundado por antigos remadores de origem italiana.⁶⁵⁴

Segundo Weimer, os clubes de regatas Almirante Tamandaré e Almirante Barroso foram associações teutas construídas de madeira, por Theo Wiederspahn; a primeira tinha uma fachada de alvenaria que escondia o sobrado de madeira, erigido sobre estacas, nas margens do Guaíba.⁶⁵⁵

⁶⁵²SANHUDO,1961,op.cit.,p.265,266. Neste sentido, ver também:PORTO ALEGRE, Achylles. **História Popular de Porto Alegre**.Porto Alegre:Prefeitura Municipal,1940,p.100.

⁶⁵³ Conforme Sanhudo, em 1888 foi fundado o a beira do Guaíba, o primeiro clube deste tipo no Brasil, o RUDER CLUB PORTO ALEGRE , tendo como um dos seus fundadores o jovem major Alberto Bins. Em 1892 surgiu o segundo, o RUDER-VEREIN GERMANIA.Neste mesmo ano aconteceu a primeira regata no Guaíba. Posteriormente os dois clubes se fundiram, constituindo o CLUB DE REGATAS GUAÍBA. Posteriormente surgiram o C. R. ALMIRANTE TAMANDARÉ(1903), o C.R.ALMIRANTE BARROSO(1905) e o DUCA DEGLI ABRUZZI(1908), entre outros. SANHUDO, 1961, op.cit. , p.268.

⁶⁵⁴ MONDIN,1987,op.cit.,p.115.

⁶⁵⁵ WEIMER,2009,op.cit.,p. 77.



Figura 165 - Clube de Regatas Almirante Tamandaré. Fotografia de 1916, de Theo Wiederspahn, autor do projeto e da construção.
Fonte: WEIMER,2009,op.cit.,p. 77.



Figura 166 - Fotografia de um grupo de amigos, na década de 1940, junto ao Guaíba.
Fonte: Foto do acervo pessoal do Sr. Irineu Tebich.



Figura 167 - Fotografia da Voluntários da Pátria esquina com Sertório, antes da construção da ponte, onde se evidencia diversas embarcações e a relação de proximidade, então existente entre o Guaíba e o bairro.
Fonte: Fotografia do acervo da Associação do Amigos do 4º. Distrito.

Assim, a vida do remo popularizou o lazer, os encontros e os prazeres à beira do Guaíba. Assistir as competições era uma forma de divertimento dos moradores que a proximidade com as suas águas permitia. Além disso, como diz Sanhudo,⁶⁵⁶ as associações, ali presentes, refletiam o espírito esportivo e comunitário do imigrante, principalmente o germânico, e seu intuito em formar grupos recreativos e sociais. Outra atividade que demonstra a forma como os moradores desfrutavam da orla do Guaíba, e que perdurou até aproximadamente a década de 1960, foram os “pic-nic”, onde também as famílias tomavam banho.⁶⁵⁷

Antes do surgimento dos clubes, os esportes como punhobol e futebol eram praticados em terrenos baldios. Nas primeiras décadas do século passado haviam dois clubes de bola: o Municipal, cujo campo situava-se no mato do Guerreiro e, não muito distante, ficava o seu rival, o Concórdia. Nesta época, também surgiu o Renner, com trajetória marcante no bairro. O vôlei, era muito praticado na praça Pinheiro Machado. Já no caso do basquete, os atletas do Basquete Clube São

⁶⁵⁶ SANHUDO, 1961, op.cit.p. 266.

⁶⁵⁷ MONDIN, 1987, op.cit., p.42.

Geraldo, com sede no salão paroquial da antiga igreja, na avenida São Pedro, difundiram esta modalidade esportiva através de inúmeros torneios. No ciclismo, o Clube Ciclista Riograndense organizou diversas competições que interditavam a avenida Eduardo, além do fato das bicicletas servirem de meio de transporte usualmente utilizado no trajeto para o trabalho nas fábricas.⁶⁵⁸

A vida social daquela comunidade era intensa, principalmente entre alemães, italianos e poloneses. Mondin relembra que os italianos costumavam frequentar as “casas de pasto”, lugares mantidos por famílias como os Manganelli, Pegoraro, Trípoli, principalmente situados na avenida Eduardo. Ofereciam culinária típica: macarronada, passarinhada, cuja caça era abundante na periferia do bairro, vinho e muita cantoria. Junto à casa sempre havia uma cancha de bocha. As vendas, também se constituíam em lugares de encontro, já que possuíam uma sala para carteado e para comer salame, pão e vinho. Os alemães gostavam das confeitarias, como a Hamburguesa, especializada em doces finos, bem como os cafés, entre eles o Sport, na antiga avenida Eduardo, próximo à Sociedade Gondoleiros. Mondin ironiza o exibicionismo de certos frequentadores deste café, já que o local logrou fama e status no bairro. Naquele contexto, foi lugar de expressiva popularidade, constituindo-se em espaço de lazer e de convívio social.⁶⁵⁹

Outros eventos congregavam a comunidade do bairro, como os festejos do carnaval “de rua”, ou melhor, da avenida Eduardo. Eram diversos blocos carnavalescos que circulavam e uma “multidão que se comprimia”, iniciando no trecho da avenida que ficava próximo à rua Quintino Bandeira, dobrando na avenida

⁶⁵⁸ MONDIN, 1987, p. 111, 114.

⁶⁵⁹ Ibid, p. 62. O denominado Café e Confeitaria Sport pertenceu primeiramente a Willy Sühr e posteriormente à família Manganelli. Mondin cita diversas firmas que se instalaram nas proximidades, como: o bazar do Düring, as fotos Wolff e Porcello, as oficinas mobiliárias do Sanguinetti e do Jamardo, o restaurante do Pedro Ordovás, a relojoaria do Kappel, a chapelaria do Jacob Ferrantino, a funerária do Aniceto Vercago, o bazar do Antoninho Santoro, as lojas do Celestino Koche e do José Juliano, a ferragem do Hugo Teichmann, a colchoaria do Cauduro, as farmácias dos irmãos Chiká, do Bertholdo Thebisch e do Rolim, a padaria de Berau, Rodrigues & Cia., as tabacarias dos irmãos Moretto e do Hostiano Gomes, os açougues do Oswaldo Gimbitzki e do Paulo Ronca, as fábricas de massa Damiani e do Domingos Liguori, a de vassouras do Schiavon, as alfaiatarias do Both e do Fridman, entre outros tantos estabelecimentos que integraram-se na vida da comunidade do 4º Distrito.

Ibid, p. 97, 98.

Curiosamente, o Jamardo tinha loja no centro da cidade e nos anos 40, utilizava o espaço para exposições de arte.

São Pedro e indo até a Minas Gerais (Farrapos).⁶⁶⁰ Também as sociedades desempenharam importante papel no desenvolvimento destas sociabilidades, destacando-se a S. C. Gondoleiros com seus tradicionais festejos carnavalescos que, a partir dos anos 20, mobilizava a população. Segundo França, também eram usuais a associação das festas de carnaval aos cinemas, através de realização de sessões em homenagem aos blocos.⁶⁶¹

Da mesma forma, as celebrações do Natal eram características e faziam parte das vivências do bairro. Nesta época, ricas decorações natalinas eram usualmente feitas em prédios e lojas, principalmente na antiga avenida Eduardo.⁶⁶²

Em um arrabalde repleto de moinhos, comemorava-se também a festa do trigo. Próximo ao Natal de 1946, o *Correio do Povo*⁶⁶³ noticiava uma missa solene na igreja São Geraldo e “grande programa de divertimentos” em homenagem “ao agricultor”, tendo o patrocínio do Moinhos Germani.

Os festejos da Semana da Pátria no 4º. Distrito, também eram motivo de publicação em jornais.⁶⁶⁴ A programação incluía, entre alguns eventos, recepção ao fogo simbólico, bênção da centelha pelo padre da igreja São Geraldo e percurso de centelhas em diversas ruas do distrito por atletas de seus diversos clubes esportivos. Os desfiles aconteciam na avenida Presidente Roosevelt.

⁶⁶⁰ Ibid,p.127.

⁶⁶¹ FRANÇA, 2008,op.cit.,p.249.

Os carnavais no 4º.Distrito também eram muito comentados em jornais, como: **A Federação**.Porto Alegre,11 de janeiro de 1931,p.13.

⁶⁶² Neste sentido ver:Damiani & DÁvila,1996,op.cit.,p.42.

⁶⁶³ Comemoração do Trigo.**Correio do Povo**.Porto Alegre,5 de dezembro de 1946,p.5.

O jornal publicou que a iniciativa da festa era do Sr. Guido Mondin e das Irmãs Medianeiras.

⁶⁶⁴ Os Festejos da Semana da Pátria no Quarto Distrito.**Folha da Tarde**.Porto Alegre,26 de agosto de 1946,p.9



Figura 168 - Fotografia de um desfile de bandas, na Presidente Roosevelt, na década de 1970.

Fonte: Foto do acervo da Associação dos Amigos do 4º. Distrito.



Figura 169 - Fotografia do desfile da mocidade, na Presidente Roosevelt, na década de 1970.

Fonte: Foto do acervo da Associação dos Amigos do 4º. Distrito.

De todas as festas e comemorações populares do bairro, a mais tradicional sempre foi a Festa dos Navegantes, com a procissão naval do dia 2 de fevereiro, que nas palavras de Mondin: “era precedida de uma expectativa nervosa, o

acontecimento maior do ano, envolvendo tudo e todos”. Conforme o autor, nas primeiras décadas do século passado, poupava-se durante um longo tempo para poder gastar na festa, no vestuário novo, no consumo exagerado de diversos alimentos (melancia, bebidas, galinha e leitão assados, etc.) e na preparação da praça, barracas, iluminação da igreja e ornamentação. Apesar da posterior construção da travessia sobre o Guaíba que acabou transformando o antigo ambiente, o autor pensa que ainda perdura o espírito da festa, porque:

(...)talvez seja ela o maior elo de ligação entre o passado e o presente no 4º. Distrito. Em cada Festa dos Navegantes, embora considerada como um acontecimento da cidade, é o 4º. Distrito que ressurge em sua longa história, seus feitos, suas características, suas peculiaridades, que sempre o distinguiram dos outros bairros.⁶⁶⁵

Assim, esse lugar adquiriu uma espécie de caráter próprio que reforça o sentido dado à noção de singularidade, que o distingue. Associa-se a esses referenciais, uma complexa organização baseada na mistura e na heterogeneidade, características de um ambiente plural.



Figura 170 - Imagem da Festa de Navegantes em 1930, com a tradicional procissão fluvial.
Fonte: PORTO ALEGRE: BIOGRAFIA D'UMA CIDADE. Álvaro Franco (org.). Porto Alegre, Tipografia do Centro, 1940, p.279.

⁶⁶⁵ Ibid, p.155,156.

Sobre festejos de Navegantes ver: MATTAR, 2001, op.cit.

7 PLURAL

7.1 INTRODUÇÃO

O distrito industrial da cidade, enquanto local de residências, comércio diversificado, fábricas, atividades de lazer, encontros e trocas nas ruas, em festas, clubes, cinemas e bares, era um lugar plural. Esta pluralidade garantia sua animação em diversas horas do dia, bem como nos finais de semana, também reunindo uma heterogênea gama de frequentadores: trabalhadores, moradores, viajantes, pessoas que se dirigiam ao comércio, ao lazer ou a outros propósitos.

Retomando algumas idéias de Jacobs e sua tese acerca dos benefícios para as cidades advindos da complexidade e da multiplicidade de usos, a concentração populacional e a sua distribuição em horas diferentes no dia, é vista como fator necessário para dar vitalidade e sustentação econômica aos usos.⁶⁶⁶

Outros autores também avaliam a necessidade de uma complexidade no arranjo das cidades, em contrapartida à síntese simplificadora com que os códigos racionalistas, "exageradamente estruturais e abrangentes"⁶⁶⁷, pensavam dominar todas as suas variáveis :

A clareza, a ordem, a lógica, a liberdade só existiam nas intenções que, com toda a prepotência, negavam as sínteses urbanas preexistentes e pretendiam substituí-las por ordens perfeitas. Como tais ordens careciam de complexidade, nelas não cabia a vida de verdade.⁶⁶⁸

Venturi, também usa o termo "complexidade" para caracterizar uma situação oposta ao racionalismo, no que se refere à aplicação de preceitos como ordem e simplicidade. Considera a doutrina modernista de Mies Van der Rohe⁶⁶⁹ - menos é

⁶⁶⁶ JACOBS, 2000, op.cit., p.223.

Neste sentido ver também: WHYTE, William. **The social life of small urban spaces**. Washington: The Conservation Foundation, 1980.

⁶⁶⁷ SANTOS, 1988, op.cit., p.44.

⁶⁶⁸ Ibid, p.25.

⁶⁶⁹ Uma das importantes obras do arquiteto alemão foi o Pavilhão de Barcelona, de 1929, quando aplicou os princípios da planta livre. Ficou muito conhecido também por seus arranha-céus de vidro.

mais- um paradoxo, pois exclui a complexidade em prol da expressividade e justifica: "somente poderá excluir importantes considerações, correndo o risco de separar a arquitetura da experiência de vida e das necessidades da sociedade".⁶⁷⁰

Desta forma, complexidade e contradição são aceitos por Venturi, ao opor-se à racionalização em prol da simplificação do planejamento urbano modernista, e contra a linguagem moralista da arquitetura moderna ortodoxa :

Gosto mais dos elementos híbridos do que os "puros", mais dos que são fruto de acomodações do que dos "limpos", distorcidos em vez dos "diretos", ambíguos em vez de "articulados", perversos tanto quanto impessoais, enfadonhos tanto quanto "interessantes", mais dos convencionais do que dos "inventados", acomodaticios em vez de excludentes, redundantes em vez de simples, tanto vestigiais quanto inovadores, inconsistentes e equívocos em vez de diretos e claros. Sou mais favorável à vitalidade desordenada do que à unidade óbvia.⁶⁷¹

A excessiva simplificação, criticada por alguns autores, foi consequência da gradativa assimilação de um novo modelo de cidade. Em Porto Alegre, na virada dos anos 20 e 30 do século passado, aprofunda-se o processo de verticalização do centro, com edificações modernas e mais altas, associadas a uma nova forma de beleza, os arranha-céus, despertando um sentimento de ufanismo e identificação com o progresso⁶⁷². Ao mesmo tempo, consolidavam-se áreas residenciais, de classe média e alta, em zonas de expansão da cidade, denunciando outras formas de morar, onde a especialização das funções substituiu gradativamente a proximidade entre moradia e trabalho, determinando um novo modelo de organização espacial. Novos objetivos começaram a ser perseguidos em prol da racionalidade e da disciplina dos espaços urbanos, concebendo-se um outro desenho de cidade e de relações entre edificação e rua. Assim, alterava-se a idéia da tradicional rua corredor, pois segundo Corbusier: "a casa não estará mais unida à rua por sua calçada. A habitação se erguerá em seu meio próprio, onde gozará de ar puro e de silêncio".⁶⁷³

Sobre o arquiteto ver: FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

⁶⁷⁰ VENTURI, 2004, op.cit., p.4,5.

⁶⁷¹ Ibid, p.1,2.

⁶⁷² MACHADO, 1998, op.cit., p.189,190.

⁶⁷³ LE CORBUSIER. **A Carta de Atenas**. São Paulo: EDUSP, 1993, ítem 16.



Figura 171 - Rua do Parque, tradicional via residencial, com significativa variedade de fachadas. A sucessão de construções corridas estabelecem um continuum espacial. (agosto de 2010)

Fonte: Fotografia de Silvia Corrêa.

O novo modo de habitar, que também pressupunha um deslocamento para o trabalho e para a vida social, foi aos poucos sendo incorporado pela cidade, que passou a exibir faces de modernidade. Neste caso, o centro foi se tornando a expressão do progresso e o local somente de negócios. E como diz Max, há uma passagem da segregação vertical, isto é, da moradia e negócio instalados no mesmo local, para a segregação horizontal da cidade moderna, que rompe o elo secular entre habitar X trabalhar. Desta maneira, determina-se uma estratificação conforme cada nível de ganho, onde bairros diferenciados acentuam posições sociais distintas.⁶⁷⁴

Desta maneira, a separação que primeiro ocorreu no âmbito da especialização da própria edificação, posteriormente deu-se no plano urbanístico. Esta especialização, acompanhada de uma segmentação espacial, tornou-se uma tendência visível em várias cidades, através da distribuição de atividades e classes sociais em áreas centrais, residenciais ou industriais. Para Santos, diversos fatores

⁶⁷⁴ MARX, 1999, op.cit., p.212.

de produção e atividades relacionados influenciam na forma como o espaço se organiza e:

A cada movimento social, possibilitado pelo processo da divisão do trabalho, uma nova geografia se estabelece, seja pela criação de novas formas para atender à novas funções, seja pela alteração funcional das formas já existentes.⁶⁷⁵

Este processo em que se evidencia o progressivo rompimento da unidade moradia X trabalho e, conseqüentemente, a segmentação dos espaços urbanos, pode ser sintetizado em quatro fases históricas: a primeira, da dissolução espacial de trabalho e moradia no interior da casa, com a criação de construções separadas para ambas as funções. A segunda, com a “dissolução da identidade espacial entre produção e reprodução na vizinhança”. Na terceira, o local de moradia tornou-se cada vez mais distanciado do trabalho, através do maior desenvolvimento das áreas centrais e dos transportes. E, por fim, a última, a fase metropolitana, quando rompeu-se a identidade político-espacial entre centro e periferia.⁶⁷⁶

Em diversas cidades brasileiras, a “fragmentação” do espaço urbano foi acelerada com a implantação dos transportes coletivos e reformas urbanas, que expulsaram atividades e classes não alinhadas com os novos pressupostos da cidade moderna. No caso do Rio de Janeiro, Vaz chama a atenção para o privilégio e a discriminação conferida às moradias das camadas de maiores recursos através do consumo de edifícios de apartamentos, símbolo do luxo e do morar moderno. Estes, passaram a ser exclusivos daqueles que podiam pagar para usufruir das novas maravilhas advindas da gradativa incorporação de elementos que identificavam as condições de higiene e de conforto, e que conferiam prestígio e distinção, acentuando a superioridade destas habitações.⁶⁷⁷

Em Porto Alegre, a propaganda de utensílios, máquinas e equipamentos domésticos em jornais e revistas nos anos 50, eram prestigiosas inovações utilitárias

⁶⁷⁵ SANTOS, 1979, op. cit. p. 40.

⁶⁷⁶ VAZ, 2002, op. cit., p. 152.

⁶⁷⁷ VAZ, 2002, op. cit., p. 138, 139.

A autora cita entre equipamentos e máquinas importadas: telefone (1926), fogões a gás alemães (1922), louças sanitárias (1928), elevadores Otis (1928), refrigeradores Frigidaire (1928), chuveiros elétricos (1935), tubos de lixo (1935), climatizadores Carrier (1938), além de eletrodomésticos como enceradeiras (1928) bem como os rádios, vitrolas e discos (1928). Ibid, p. 139, 140.

que associaram-se à construção e venda de modernos edifícios de apartamentos na radial Independência-24 de outubro.⁶⁷⁸

Na transição da cidade tradicional para a moderna, foi significativo o papel da habitação como expressão dos processos de transformação. Como visto, o progressivo afastamento entre moradia e trabalho evidencia etapas de crescimento urbano, onde a moradia passou a significar, em diversos casos, forma de aquisição de status e símbolo de ascensão social.

No percurso da história de Porto Alegre, a área - de características miscigenadas - do bairro industrial mostra-se plural, à medida em que formou-se a partir de uma realidade baseada na mistura de atividades e coexistências de tempos e espaços diversos, onde o provinciano e o rural mesclavam-se à urbanidade. Este lugar, também habitado por diversas etnias e estratos sociais, cresceu plurifuncional e heterogêneo, sendo que a relação de proximidade entre residência e trabalho foi preponderante.

Como veremos a seguir, ao longo dos anos o distrito passou por diversas transformações de ordem funcional, econômica e social, que acarretaram mudanças na sua fisionomia. Assim, sua pluralidade foi abalada e os elementos que garantiam sua diversidade tornaram-se insuficientes e incapazes de manter a antiga vitalidade.

⁶⁷⁸ LIMA, 2005, op. cit.

7.2 PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES



Figura 172 - Antiga fábrica Wallig.
Fonte:Foto de Sílvia Corrêa.

Primeiramente, o Caminho Novo e suas adjacências eram lugares de chácaras. Ao longo do século XIX, essa fisionomia pitoresca se alterou, com a chegada dos imigrantes e as instalações das primeiras oficinas. Posteriormente, veio a construção da estrada de ferro, as fábricas e o seu adensamento populacional. Também, foi cenário de intensa comercialização através da navegação fluvial e das instalações portuárias.

Nas décadas de 1930/40, a implementação de melhoramentos na área, como os aterros no cais Navegantes, a abertura da avenida Farrapos, e obras de infra-estrutura, aceleraram seu processo de urbanização e de transformação daqueles espaços. Além das tradicionais atividades industriais, começam a surgir, a partir da década de 40, um comércio varejista especializado em auto-peças, bem como serviços ligados ao setor de transportadoras, principalmente nas radiais como

a Farrapos e a Voluntários da Pátria, enquanto o uso residencial ainda permaneceu nas vias secundárias.⁶⁷⁹

Novos investimentos prosseguiram nos anos 50, como a construção da travessia sobre o Guaíba, concluída em 1958. Torna-se desnecessário falar dos aspectos positivos desta obra, no tocante à solução para os deslocamentos às diversas localidades do sul do estado e país, bem como a complexidade de seu vão levadiço, e seu arrojo técnico e construtivo para a época. Sua representatividade para a modernidade da cidade, valeu-lhe a atribuição de um dos principais cartões postais de Porto Alegre.

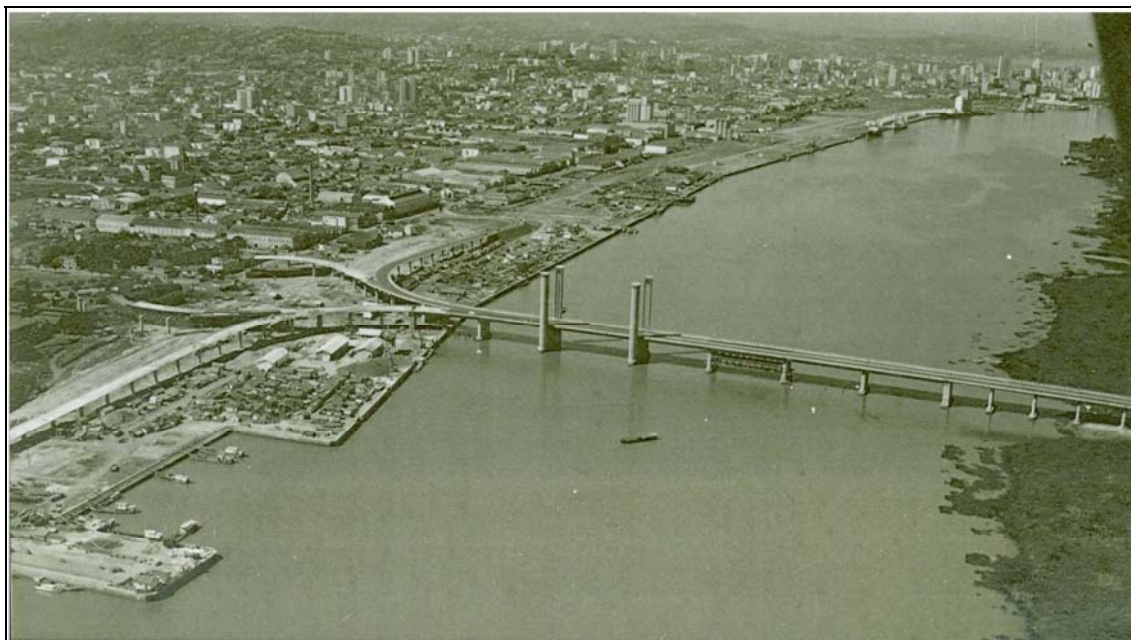


Figura 173 - Vista aérea da Travessia Getúlio Vargas. Através da foto da década de 1960, percebe-se a faixa de aterro a partir da Voluntários da Pátria, onde posteriormente seria definido o dique da avenida Castelo Branco.

Fonte: Cartão postal do acervo pessoal da família Ely.

⁶⁷⁹ Neste sentido ver : STROHAECKER,1991,op.cit.,p. 111, 112.

Segundo a autora, na década de 1950, a maioria das lojas de autopeças existentes na cidade estavam localizadas na avenida Farrapos ou no bairro Azenha.



Figura 174 - Foto atual (janeiro de 2009) da Traversia Getúlio Vargas junto a avenida Sertório e antiga Praça Navegantes.

Fonte: Foto da autora.

No entanto, alguns autores refletem acerca das consequências para o bairro Navegantes, advindas das alterações acarretadas no seu entorno e sistema circulatório como um todo. Na percepção de Kiefer, a travessia integra-se pouco à vida do bairro. Sob o ponto de vista do pedestre, a complexidade de suas pistas e fluxos, acabaram gerando “um verdadeiro não lugar, inseguro e de difícil orientação”, sendo que, suas áreas remanescentes tem pouca ou nenhuma utilização, além da tradicional festa dos Navegantes.⁶⁸⁰ Esta obra, para Lemos, foi um dos pivôs das transformações destes bairros, pois, além de ligar diretamente Porto Alegre aos municípios da margem oeste do Guaíba, a ponte passou a conduzir o tráfego através da avenida Sertório, no sentido leste, (Sertório- Carlos Gomes) e, assim, rompendo-se a ligação “visceral” entre Navegantes -São João e o centro.⁶⁸¹

A partir de 1960, intensificou-se o progressivo deslocamento de diversas indústrias de Navegantes para outras cidades vizinhas, e novos usos surgiram na área. As ligações entre Sertório até Assis Brasil, e também a BR116, foram determinantes para a expansão industrial na direção de Canoas, Cachoeirinha e

⁶⁸⁰ KIEFER, Flávio. “Uma travessia, muitas pontes”. **A Ponte do Guaíba**. São Paulo: M. Carrilho Arquitetos, Ltda, 2007/2008, p.53.

⁶⁸¹ LEMOS, 1998, op.cit., p.8.

Gravataí. Nesta época, a rodovia já era a grande prioridade nacional e, desta forma, o uso industrial procurou localizar-se junto aos acessos de longo curso.⁶⁸²

Ao mesmo tempo, o Primeiro Plano Diretor da cidade (1959) previa um modelo urbanístico baseado no Zoneamento de Usos para toda a sua área, incentivando ou proibindo a localização de certas atividades nos seus diversos setores; para o bairro Navegantes, foi referendado a vocação industrial, em quase toda a sua extensão. Nesta época, já eram evidentes os efeitos do processo de metropolização da capital, com os deslocamentos de algumas indústrias e operários fabris, para cidades vizinhas.⁶⁸³ A década de 1950, foi a de maior crescimento demográfico para a capital, cuja população passou de aproximadamente 380 000 habitantes, no início do período, para 626 000 habitantes em 1960.⁶⁸⁴

Assim, em face a este contexto, já era premente a necessidade de um Plano Diretor formal para Porto Alegre. No entanto, segundo alguns autores, o plano de 1959 mostrou-se conservador no que se refere à regulamentação de situações ou tendências de crescimento existentes. Por outro lado, sinalizava com algumas rupturas, como a visão “anti-industrial”, já que estabelecia limites rígidos para a instalação de atividades produtivas, contribuindo para a sua “desindustrialização”.⁶⁸⁵

Weimer, analisando os diversos “transtornos” promovidos por este zoneamento, aponta seu uso restritivo especialmente aplicado na implantação das fábricas que, não podendo se expandir, foram forçadas a transferir-se para municípios periféricos, onde estariam mais liberadas das exigências do plano, mas com prejuízos para o operariado. Em face do aumento de despesas com transporte, muitos se obrigaram a mudar para junto das fábricas, contribuindo para um

⁶⁸² Neste sentido ver: SECRETARIA DO PLANEJAMENTO MUNICIPAL.Revitalização Urbana o 4º. Distrito em Porto Alegre.Org. Maria Tereza Fortini Albano. Porto Alegre: s/ed., novembro de 2001,p.17.

Segundo levantamento de Strohaecker, a partir de 1965 aumenta o número de indústrias que se deslocam para outras áreas periféricas de Porto Alegre, e Navegantes perde a condição de bairro industrial, cedendo lugar para outros usos ligados ao setor terciário. No período de 1945-65, Navegantes exerce plenamente a função de bairro industrial da capital. STROHAECKER,1991,p. 119,122.

⁶⁸³ Souza e Müller estabelecem o ano de 1945, como o início do processo da metropolização da cidade. SOUZA, & MÜLLER,1997, op. cit.,p. 105.

⁶⁸⁴Ibid,p.105. Sobre metropolização ver também: ABREU,2006,op.cit.,p.221 e STROHAECKER, 1991, op.cit.p.121.

⁶⁸⁵ ABREU,2006,op.cit.,p.254.

desordenado crescimento das cidades satélites, além da conseqüente diminuição de impostos acarretados à municipalidade.⁶⁸⁶

Desta forma, aproximadamente após os anos 60, o uso residencial ⁶⁸⁷ entrou em processo de estagnação e descaracterização, modificando-se o conteúdo social da área, que, com a introdução de outras atividades, acabou sofrendo grandes transformações físicas, como o exemplo das transportadoras, que prejudicaram o sistema circulatório daquelas ruas. Posteriormente, com a criação do Porto Seco(1980), há um decréscimo destes estabelecimentos, já que muitos se transferiram da área. Assim, a sua vocação industrial, crescente na década de 1930, dinamizada na de 40 com os benefícios acarretados pelas obras de aterros do cais do porto e da abertura da avenida Farrapos, e prosseguindo nos anos 50, com a travessia sobre o Guaíba(1959), inicia nos anos 60, um processo de progressiva decadência, com o deslocamento das indústrias, ali estabelecidas, para outras áreas. ⁶⁸⁸



Figura 175 - Trecho atual da rua Almirante Barroso. Antiga fábrica Wallig, encontra-se em ruínas. (janeiro de 2009)
Fonte: Foto da autora.

⁶⁸⁶ WEIMER, Günter. **Origem e evolução das cidades rio-grandenses**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004, p.202.

⁶⁸⁷ A análise do senso demográfico do bairro Navegantes, indica uma diminuição crescente de população, desde o levantamento de 1970 em diante. Ver: STROHAECKER, 1991, op.cit.p.125.

⁶⁸⁸ Neste sentido ver: SECRETARIA DO PLANEJAMENTO MUNICIPAL. Revitalização Urbana o 4º. Distrito em Porto Alegre, op.cit., 2001, p.17.



Figura 176 - Fotografia atual (janeiro de 2009) de casas de operários vazias e em ruínas na rua Rio Grande.
Fonte: Foto da autora.

Além dos aterros, outra intervenção na área, anterior à implantação do trem suburbano, foi a construção da avenida Castelo Branco, que situada sobre um dique de proteção contra enchentes, assumiu uma posição mais alta em relação ao seu entorno. Foi inevitável o gradual e definitivo afastamento dos antigos referenciais destes bairros com o Guaíba, no passado, parte integrante da vida e das funções ali exercidas. Uma combinação de atividades tradicionais do lugar, mantinham essa estreita relação, e eram a expressão desta adjacência. Uma extensa faixa passou a isolar esses bairros do Guaíba e essencialmente o espaço da rua Voluntários da Pátria, que prescindia de um encanto ao olhar aquele panorama, assim como, a partir do outro lado, vislumbrava-se sua paisagem repleta de trapiches.



Figura 177 - Vista aérea da área aterrada, a partir da rua Voluntários da Pátria, na década de 1950.

Fonte: Acervo fotográfico da Associação dos Amigos do 4º. Distrito.

Ficam também evidentes, através das obras citadas, a mudança de atitude em relação à nova política de transportes, os rodoviários, em contraposição à decadência de dois ícones importantes das atividades da área: a navegação fluvial e os transportes ferroviários.

Franco cita a construção do Superporto de Rio Grande(décadas de 1960-70) e os novos rumos da tecnologia, como fator importante que modificou os rumos do comércio da capital e sua antiga função de entreposto da navegação fluvial, já que esta cidade passou a propiciar melhores condições para escoamento das safras agrícolas. O advento dos supermercados, também, contribuiu para o desaparecimento de numerosos pequenos varejistas, armazéns e outras casas atacadistas, e a consequente desocupação de diversas edificações existentes no antigo 4º. Distrito. A expressão destas alterações foram visíveis no esvaziamento do Porto e no abandono da Rede Ferroviária.⁶⁸⁹

⁶⁸⁹ FRANCO,1893,Op. cit.,p.181,185,189.

O autor lembra que a Viação Férrea adquiriu certa prosperidade nos anos 30, o que não impediu o crescimento dos transportes rodoviários, principalmente na década de 1940. Devido às enchentes, a



Figura 178 - Trecho atual(janeiro de 2009) da Voluntários da Pátria, nas proximidades da Estação Rodoviária, onde antigas edificações residenciais, de armazéns e depósitos hoje estão decadentes. Fonte: Foto da autora.

Assim, as diversas transformações nos usos dessas áreas e o gradativo afastamento das atividades industriais e de comércio atacadista, produziram uma diversidade de linguagens causadas pela superposição de funções, representações e memória, e um lócus degradado em grande parte do seu território. Usos tais como garagens, transportadoras, oficinas, depósitos de papéis velhos e mesmo a ausência de ocupação, que passaram a ser predominantes, não contribuem para criar animação nem propiciar atrativos para uma maior movimentação de pessoas. Neste sentido, Jacobs denomina de “usos prejudiciais”, isto é, aqueles que não auxiliam para atrair ou concentrar pessoas. Localizados em lugares malsucedidos, onde os pedestres pouco transitam, são as “áreas cinzentas” e decadentes, onde “é baixa a chama da diversidade e da vitalidade”.⁶⁹⁰

navegação fluvial encontrou dificuldades, sendo que o Plano Rodoviário Federal de 1944, acelerou o advento da era rodoviária, em detrimento das ferrovias, hidrovias e portos. Ibid, p. 178,180.

⁶⁹⁰ JACOBS, 2000, op.cit., p.254.



Figura 179 - Área decadente da rua Conselheiro Travassos.(janeiro de 2009)
Fonte: Foto da autora.



Figura 180 - Fotografia de antiga prédio fabril na Ernesto Fontoura esquina com São Paulo.(janeiro de 2009)
Fonte: Foto da autora.

Reforça esses quadro, a expulsão gradativa do uso residencial,⁶⁹¹ juntamente com suas antigas formas de sociabilidade. Os diversos fatores citados, acabaram influenciando na quebra da unidade, outrora existente, entre moradia e trabalho. A desarticulação, ocasionada pelo afastamento das habitações e a substituição dos antigos espaços definiram outras configurações ao local e contribuíram para a degradação da sua paisagem construída e o empobrecimento advindo da redução da antiga atividade econômica, evidenciados nas últimas décadas.



Figura 181 - Trecho atual (janeiro de 2009) da rua do Parque. Antigas residências encontram-se vazias ou em ruínas.
Fonte: Foto da autora.

Tendências semelhantes, típicas dos grandes centros urbanos onde houve um processo de desindustrialização, são estudadas por alguns autores⁶⁹². Corrêa, analisando o caso de algumas cidades brasileiras, caracteriza esses espaços como: zonas periféricas às áreas centrais e que, até a segunda metade do século passado, ligavam-se à atividades de comércio atacadista, armazenagem e indústrias. Uma outra recorrência desses lugares é que as atividades industriais ocupam prédios

⁶⁹¹ Segundo Albano, coincidindo com a implantação do Plano Diretor de 1979, que previa uma zona exclusivamente industrial para a área, houve nestes bairros, um forte declínio de população entre os anos 70 e 90. SECRETARIA DO PLANEJAMENTO MUNICIPAL. Revitalização Urbana o 4º. Distrito em Porto Alegre, 2001, op.cit., p. 58.

⁶⁹² Neste sentido ver: BURGESS, Ernest W. e BOGUE, Donald. **Contribution to Urban Sociology**. Chicago: University Press, 1964.

baixos e amplitude horizontal. Por outro lado, sua estagnação se explica, entre outros fatores, pelo fato de que diversas empresas abandonam a área em busca de terrenos de maior amplitude e de menor custo, o que origina nestes locais, muitos terrenos abandonados e transformados, em diversos casos, em áreas de estacionamentos. Alguns, apresentam setor residencial de baixo status social, formado por moradias populares e de baixa classe média, muitas delas deterioradas. Por fim, são focos de transporte inter-regionais, localização de terminais ferroviários e rodoviários, depósitos, garagens e hotéis baratos. Em cidades portuárias, aí se localizam extensa zona de cais, armazéns e atividades conexas. Associa-se a isto, um setor de diversões mal-afamado.⁶⁹³

Analogamente à descrição de Corrêa, diversos espaços destes bairros se enquadram nessas condições ora existentes, onde são comuns os casos de decadência, degradação e constantes mudanças de usos. Esta situação, que evidencia obsolescências na paisagem construída, origina, com frequência, uma incapacidade de manter a mesma comunicação simbólica anterior.

Magalhães reflete acerca da necessidade de restabelecer a capacidade semântica de alguns lugares e diz que, o que se passa nestas áreas:

(...)onde os sistemas de símbolos existentes foram destruídos por alterações intrusivas de inversão de escala ou pela destruição de referências importantes, é que os elementos suscetíveis de transmitir algum significado foram isolados, perdendo sua capacidade semântica (...). É deste modo que um sistema construído deixa de representar uma referência global para os seus utentes, perdendo o espírito do lugar e passando a constituir uma amálgama de espaços sem coerência.⁶⁹⁴

Em face do analisado, e considerando as complexas causas que envolvem a sua problemática atual, esta abordagem pretendeu somente sinalizar alguns elementos que poderiam ter influenciado suas transformações. Assim, voltaremos ao tema principal e ao propósito deste trabalho, que são as questões que abordam a construção da sua modernidade.

⁶⁹³ CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989, p.42,43.

⁶⁹⁴ MAGALHÃES, Manuela Raposo. **A Arquitetura Paisagista**. Lisboa: Editorial Estampa, 2001, p. 42.

8 CONCLUSÃO- A CONSTRUÇÃO DE UMA MODERNIDADE PERIFÉRICA⁶⁹⁵

Figura 182 - Vista do bairro fabril.
Fonte: Museu Moisés Velinho.

Nas primeiras décadas do século passado, tendo em vista o alto custo dos impostos e exigências de ordem legal, a população proveniente das classes menos favorecidas foi obrigada a sair da região central da cidade para subúrbios adjacentes, em busca de custos de moradias mais acessíveis. Em áreas ainda constituídas de chácaras foram empreendidos loteamentos populares, como o da Companhia Territorial Porto-alegrense, na zona norte da capital, nos quais era possível a construção de casas de diversos padrões, inclusive “chalés” de madeira, cuja tipologia sofria restrições em outras áreas urbanas.

Muitas eram as habitações que se destinavam a aluguel, procedimento tradicional desde os tempos de Colônia e que, conforme Lemos, se perpetuou, sem alterações, até os anos da Segunda Guerra, ou seja, até a promulgação da Lei do Inquilinato(1942). Desde então, os ricos faziam casas para alugar e:

⁶⁹⁵ O termo modernidade periférica refere-se a abordagem de Beatriz Sarlo, que contrapõe o provincianismo dos arrabaldes de Buenos Aires, nos anos 1920-30, ao ritmo frenético da urbe. SARLO, 1988,op.cit.

A riqueza das pessoas era medida pelo número de casas que tivesse alugadas, mesmo se elas fossem abastados fazendeiros ou capitalistas donos de ações de estrada de ferro. A classe média sempre foi inquilina por excelência, e às classes remediadas ou pobres jamais vingaria a idéia da casa própria.⁶⁹⁶

Nesta época, produziu-se uma série de habitações para renda, nas proximidades das fábricas do distrito industrial da cidade, contando com a participação de investidores de distintas possibilidades financeiras, e assim, originando tipologias e programas muito variados. Por vezes, uma mesma solução era utilizada em edificações destinadas a diferentes segmentos sociais e custos, através de alterações nos seus programas e áreas, mas que não necessariamente refletiam em mudanças significativas nas fachadas.

A leitura dos projetos da área em estudo, no final do século XIX e início do século XX, encaminhados para aprovação na municipalidade, mostram as primeiras edificações, ainda esparsas, que foram construídas nos terrenos do loteamento. Este exemplos são de casas de madeira(chalés) e moradias muito singelas, considerando o programa e o tratamento das fachadas, restrito a alguns elementos decorativos, como frisos. Eram, em grande parte, edificações constituídas de quatro recintos - sala, dormitório, varanda e cozinha - com ausência de banheiros e outros compartimentos de serviços, bem como a presença de dormitórios com alcovas. Foram encontradas, algumas com alvenaria somente na parte externa, sendo subdivididas internamente com painéis leves, provavelmente de madeira. Observa-se que são casas do tipo porta e janela, ou porta e duas janelas, construídas no alinhamento da rua, mas com afastamento em pelo menos uma das laterais, solução de implantação que persistiu na área, nas décadas seguintes. Por fim, uma das primeiras manifestações comunitárias encontradas é a Escola Alemã Florida (1916), já referida anteriormente.

Nos exemplares da segunda década, 1910-1920, ampliam-se as soluções, com fachadas mais elaboradas e a presença de alguns sobrados de influência neoclássica. Verifica-se a implantação de algumas lojas e outros estabelecimentos comerciais, coabitando com moradias, situadas na parte posterior, ou em sobrados

⁶⁹⁶ LEMOS, Carlos. "Prefácio". IN: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral(org.). **A promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964**. São Carlos: RiMa, 2002, p.6.

de esquina, com residências no segundo pavimento. No entanto, há uma dominante presença das edificações de um único pavimento, alinhadas à rua, mas com afastamento em um dos lados, e de programas singelos, constituídos de sala-dormitório-varanda - cozinha, ainda com ausência de banheiros, contrapondo-se à fachadas adornadas. O projeto da sede da tradicional Sociedade Gondoleiros(1918) evidencia uma tendência à construção de outras edificações de caráter comunitário, na década seguinte.

Com exceção das moradias destinadas a trabalhadores mais pobres, constata-se uma grande diversidade de soluções de nível médio, bem como projetos intermediários, de difícil segmentação, que se misturam às duas categorias, destinados à uma clientela menos exigente e formada, em grande parte, por trabalhadores, onde a necessidade de redução de custos conduzia para a eliminação de elementos considerados “supérfluos”, no tocante a sua dimensão programática e formal.

A existência de uma variada gama de formas ressalta a diversidade estrutural da área e identificam tipos de convivência baseada em conteúdos sociais diversos. Estes, não se referem somente ao plano econômico, mas, também, à preferências que os remetem às questões de identidade étnica e religiosa daquela população.

A partir do exame do conjunto de casas, pode-se evidenciar algumas características de ordem geral. Percebe-se que a grande maioria apresenta tendências de filiação aos modelos da arquitetura tradicional brasileira, no tocante ao agenciamento dos espaços internos. Conforme a tradição herdada do período colonial, a organização dos compartimentos mantinha vínculo à planta alongada e seguia a sequência: sala na frente, dormitórios no centro e, por último, a varanda, cozinha e serviços.

A despreocupação com os aspectos funcionais, principalmente nas edificações das primeiras décadas do século XX, demonstram a importância conferida às questões do trabalho e, em menor escala, à privacidade, pertinente à atividade residencial. Isto se reflete na falta de independência entre os compartimentos e na superposição de funções. Morava-se perto do trabalho ou

mesmo junto a ele. São os casos das diversas edificações de uso misto, que abrigam as duas funções no mesmo pavimento.

A arquitetura que ocupou o bairro apresenta uma diversidade de tipologias e lotes, que deram origem a uma variedade de projetos de edificações de diversas vertentes arquitetônicas. Portanto, contribuíram na definição das feições da sua paisagem, a mescla conjugada à variedade de usos, que efetivaram sua ocupação.

Trata-se, também, de uma arquitetura que frequentemente incorporava, em casas de melhor status social, elementos do ecletismo com expressivos destaques ornamentais, mas que, a partir da década de 1920, vão cedendo lugar a novos padrões. Misturavam-se, por vezes, as que recuperavam alguns elementos de casas rurais, como os alpendres, os bangalôs e a simplicidade dos chalés. Particularizavam-se especificidades culturais genéricas. Percebe-se um gradativo aprimoramento nos padrões residenciais e a incorporação de novidades nas linguagens plásticas, no recorte temporal estudado.

Ao processo de urbanização e modernização da área, seguiram-se gradativas alterações nos espaços das moradias. Assim, constatam-se diversas mudanças ocorridas na área, na 3ª. e 4ª. décadas do século passado. No primeiro período(1920-1930), os exemplares analisados mostram casas que se afastam em ambos os lados dos terrenos, com programas maiores, contendo dois e três dormitórios, e a presença de porões baixos. São edificações com telhados visíveis, com beirais, calhas, condutores, e telhas francesas, demonstrando avanços nas técnicas construtivas. Mesclam-se a estas, casas geminadas de fachadas adornadas, residências em fita ou as que utilizavam a mesma tipologia, mas com pequenas moradias destinadas a operários. Convivem neste mesmo contexto, exemplares de uso misto e algumas edificações com fachadas caprichosamente elaboradas, no entanto, com programas compactos.

Nesta década, evidencia-se a presença e organização de diversos segmentos étnicos na área, através da implementação de uma série de edificações de caráter comunitário, como: Cine Teatro Navegantes(1920), Escola Evangélica (1923),Bürger Club-(1923),Igreja Evangélica São Paulo (1924 e 1930), da Comunidade Evangélica Luterana São Paulo, Igreja São Geraldo-(1925), da av. São

Pedro, Igreja Batista(1927), Igreja Evangélica Navegantes (1927) e Escola Concórdia(1929), entre outras.

Na quarta década(1930-1940) observa-se a recorrência de casas soltas no terreno, com telhados aparentes de telhas francesas. Neste período foram construídos alguns conjuntos bem estruturados de moradias em sobrados em fita, de dois ou três dormitórios, como o exemplo, já mencionado, da rua Paraíba, para os Aposentados e Pensionistas da Viação Férrea Estadual(1933). Destacam-se, em avenidas principais, prédios exclusivamente comerciais e destinados à lojas, bem como alguns projetos de postos de gasolina, principalmente nas proximidades da avenida Farrapos. Várias edificações residenciais apresentam estilo mais despojado e a emergência de novas linguagens, como as de influência déco, e a introdução de elementos como platibandas, sacadas e terraços.

Diversas são, também, as edificações de caráter social e comunitário, construídas neste período: Capela Nossa Senhora do Brasil(1930), sede do Cine Tália de 1930,Igreja Czestochowsky (1932), aumento da Igreja Evangélica Luterana de Cristo(1932),Sociedade Ginástica Navegantes -São João(1936), Creche do Círculo Operário Navegantes(1939), Igreja São Geraldo(1940), da avenida Farrapos, entre outras.

Pelo exposto, percebe-se que ao longo do processo de sua formação e desenvolvimento, foram múltiplas as transformações que ocorreram nestas habitações, no que tange aos aspectos de distribuição interna dos espaços, tratamento das fachadas, materiais e técnicas construtivas bem como as relações interior X exterior, evidenciando-se, através da casa, alterações nos modos de vida e padrões daquela comunidade.

Das pequenas habitações esparsas construídas de madeira,vilas e casinhas de porta e janela, das casas de alvenarias, térreas ou assobradadas de uso coletivo ou particular, até os prédios de apartamentos ainda não verticalizados, que principiaram na década de 1940-50, uma diversidade de tipologias habitacionais da classe trabalhadora demonstram a gradativa incorporação de novos elementos. Estes, identificam não somente a assimilação de outros estilos de vida, mas

também, melhorias nas condições de higiene, conforto, prestígio e ascensão social, de uma comunidade que se modernizou gradativamente.

Na tentativa de compreender melhor os diversos sentidos dessa modernidade, é importante analisar as peculiaridades das moradias do bairro e as alterações nas funções ali exercidas, com a progressiva especialização do trabalho. Verificou-se que, nos primórdios deste lugar, muitas atividades eram efetuadas no interior da própria casa. As dificuldades no tocante ao ensino às crianças, filhos de operários das fábricas, fizeram com que educadores improvisassem escolas particulares em espaços da sua própria residência. Antes do surgimento de bibliotecas, clubes, teatros e cinemas, as atividades culturais - encontros e sociabilidades da comunidade, serenatas e festinhas caseiras - eram desenvolvidos no âmbito mais privado das residências, das pequenas salas e das próprias calçadas. Igualmente, antes do advento de certas comodidades e de uma série de novos utensílios domésticos, também se processavam nos interiores e pátios das moradias, a produção de um grande percentual da alimentação consumida e de uma extensa gama de trabalhos domésticos.

No tocante às questões de morar e trabalhar sob o mesmo teto, percebe-se a tendência gradativa de construções especializadas para cada função, e que tornaram a casa o local exclusivo de morar. Neste caso, a sala, ambiente que, em alguns casos, até ausentava-se nos projetos, passou a ser mais valorizada como espaço destinado à vida social da moradia. Dois outros ambientes revelam condições de maior prestígio: a introdução do escritório e do espaço para garagem.

Desta forma, um sinal de qualificação, melhoria de padrão e de modernidade das habitações analisadas, deu-se à medida em que estas passaram a ter um número maior de cômodos, que, como visto, em edificações compactas, restringia-se à sala, um quarto, varanda e cozinha. Assim, os espaços utilizados para múltiplos usos coletivos tornaram-se especializados, passando-se do processo de sobreposição de funções para o de especialização dos recintos.

Outros avanços efetuaram-se nas questões de privacidade, com a introdução das circulações e alterando-se a disposição dos ambientes que se comunicavam entre si, seguindo a antiga maneira de passar através deles; sem falar

na substituição das alcovas e a adoção de novas soluções de iluminação e ventilação para os espaços situados nos interiores da moradia. Neste sentido, contribuíram as residências afastadas, dos limites do terreno, originando melhores condições de habitabilidade. Outras inovações, referentes aos aspectos circulatórios, foram as relativas à independência e comodidade na subdivisão dos setores da casa e de uma segregação conforme suas funções, graças à introdução dos vestíbulos.

No tocante aos compartimentos de serviço, até o início do século XX, permanecem ausentes, na maior parte dos projetos analisados. Gradativamente foram sendo incorporados ao interior da unidade, em contrapartida ao referido distanciamento que a carência de infraestrutura adequada os submetia. O seu maior número, assim como suas dimensões e equipamentos, caracterizam avanços tecnológicos, bem como a própria valorização dos aspectos referente a conforto.

Estes processos que alteraram as antigas funções da casa, não foram tão evidente em moradias exíguas, devido ao reduzido número de recintos. De qualquer forma, diversas foram as mudanças ocorridas e substituições de algumas atividades, outrora exercidas no âmbito doméstico, que gradualmente foram transferidas para a esfera do bairro. No entanto, durante um certo tempo, manteve-se sua principal característica: a de um modo de morar junto às múltiplas atividades produtivas, culturais e sociais.

No tocante à disposição das edificações nos terrenos, percebe-se que um forte condicionamento foi gerador de unidades contínuas, dispostas nos alinhamentos das ruas e submetidas às dimensões de lotes estreitos. No entanto, diversas casas soltas nos terrenos e de aspectos mais pitorescos, evidenciam proximidade às chácaras da região, bem como variações nas tipologias, lotes e soluções de fachadas, apesar das relativas alternativas de agenciamentos internos. Distante de uma monotonia, e fugindo às padronizações que caracterizaram os grandes conjuntos habitacionais operários, casas despretensiosas remetem a um gosto popular e à preservação da individualidade dos seus moradores.

Assim, ao longo desta trajetória, a arquitetura residencial do lugar mostra variações através da incorporação de novos elementos, dentro de cada universo

tipológico. À singeleza e precariedade de alguns exemplares, sucederam-se novas e mais elaboradas soluções, enriquecidas com a introdução de inovações nos componentes, como esquadrias, soluções de telhados e materiais, evidenciando-se, em alguns casos, uma integração entre tradição e inovação. A arquitetura de tipos continuava sendo basicamente a mesma, variando-se certas tendências estilísticas.

A análise de projetos da década de 1940-50, mostra a influência da implantação de serviços e infraestruturas modernas nesta área. Instauraram-se novas construções de edifícios com elementos do Déco e, depois de 1950, edificações mais altas, utilizando linguagem arquitetônica modernista. Nas residências, foram introduzidas outras linguagens, como o já referido exemplo do “estilo californiano”. No tocante às edificações de uso comunitário, são deste período, novos projetos de algumas entidades já existentes na área, como o Cine Rivera (Talia) de 1944, a nova sede da Sociedade Gondoleiros(1952) e da Sociedade Polônia (1952).

Ainda é importante reforçar que alguns edifícios existentes no perímetro analisado processaram-se aos moldes das tipologias de alturas medianas(4 a 5 pavimentos), que foram implementados com o advento da abertura da avenida Farrapos, principalmente nas suas adjacências e na avenida Eduardo. Alguns exemplares mais verticalizados, e de tendências contemporâneas, destacam-se naquela paisagem de alturas relativamente uniformes, caracterizada essencialmente por um tecido urbano que alterna principalmente residências e fábricas, peculiar da sua base fundiária tradicional.

Desta maneira, alguns subúrbios foram protagonistas de manifestações expressivas de um tipo de modernidade distinta, desvinculada daquela mais frequentemente atribuída ao plano das vanguardas, mas, exemplar quanto às possibilidades de experimentações de diversas formas de assimilação cultural e capacidade de gerar e refletir alternativas. Desde as edificações provenientes de diferentes épocas, tamanhos e implantação nos lotes, até os prédios de apartamentos, comerciais, oficinas e fábricas, percebe-se esta modernidade plural, expressa na perspectiva variada das soluções, no aproveitamento máximo dos lotes e na exigência de rigor no trato das questões de economia e de custos,

interpretadas desta maneira pelos construtores e responsáveis técnicos da época, com seus talentos e limitações.

Este universo da modernidade torna-se singular na cidade, à medida em que as fábricas representam os elementos que deram o “tom” ao contexto, bem como, um trato diferente das questões estéticas, de qualidade arquitetônica e econômica, que auxiliaram a consolidar esta paisagem urbana, que fez de si mesmo, sua própria história e, como não, também da capital. Neste fragmento urbano, a existência de uma diversidade habitacional que convive com o local de trabalho, também se articula com um importante espaço destinado à vida social. Estes atributos identificam os principais elementos que operaram a organização do conjunto. O lugar estava situado nos limites da cidade e portanto, ligado a referenciais de uma cultura das periferias, habitada por uma comunidade miscigenada e multicultural, da qual se extrai a base do seu material e a expressão das soluções arquitetônicas.

Portanto, este contexto foi importante na condução das vivências desta comunidade que habitou este fragmento urbano, conhecido como “bairro cidade”. Sua estrutura espacial, marcada pela plurifuncionalidade, gerava poucos deslocamentos entre moradia e local de trabalho, ao mesmo tempo em que agregaram-se a estas duas esferas da vida urbana, as atividades de lazer e de socialização. Estes fatores foram essenciais para que se concretizasse um sentimento muito forte de identidade e pertencimento de seus moradores, caracterizados por Mondin como “classe média proletária”.⁶⁹⁷

Para concluir, a presente tese pretendeu demonstrar que, um núcleo miscigenado, heterogêneo e plurifuncional concentrou-se nas adjacências da rua Voluntários da Pátria, sede das primeiras instalações fabris da cidade e via especialmente responsável pelo caráter do lugar. Inicialmente estruturada na forte relação entre moradia e trabalho, a área passou por diversos processos de transformação e modernização, evidenciados através do aprimoramento dos seus padrões construtivos, incorporação de novos elementos e por uma crescente tendência à especialização funcional da moradia, que, condicionaram mudanças em seus modos de vida, traduzidos nos espaços da casa. A pesquisa também evidencia

⁶⁹⁷ MONDIN, 1987, op. cit., p.43,62.

que, ao longo do recorte temporal estudado e, principalmente, nos anos subsequentes, o lugar sofreu diversas transformações, que alteraram a antiga realidade heterogênea e diversa, prejudicando sua vitalidade, produtividade e desenvolvimento.

Por fim, o mais instigante nesta trajetória, de todo inconclusa, foi a possibilidade de contribuir para que, através do entendimento da história, dos processos de formação e de transformação deste espaço tão importante e, ao mesmo tempo, tão complexo, sua imagem atual possa ser alterada, a fim de que, novamente, adquira um sentido para a cidade.

REFERÊNCIAS

Bibliografia Geral

ABREU, Silvio Belmonte de. **Porto Alegre como cidade ideal**: planos e projetos urbanos para Porto Alegre. Tese de Doutorado - PROPAR/FAU, UFRGS, Porto Alegre.

ANDRADE, Paulo Raposo. Uma Outra Cultura da Modernidade. **Revista AU**, São Paulo, n. 51, p. 73-77, 1993/94.

ANELLI, Renato. Arquitetura de Cinemas em São Paulo: o cinema e a construção do moderno. **Revista Oculum**, Campinas, n. 2, p. 35-42, 1992.

ARANA, Mariano; GARABELLI, Lorenzo. **Arquitectura Renovadora em Montevideo 1915-1940**: reflexiones sobre um período fecundo de la arquitectura en el Uruguay. Montevideu: Fundación de Cultura Universitaria, 1995.

_____. **Guia Art Déco**: Montevideo. Montevideo: Editorial dos Puntos, 1999.

ARANTES, Otília. **Urbanismo em fim de Linha**. São Paulo: EDUSP, 1998.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ARIÈS, Philippe. "Por uma história da vida privada". In: ARIÈS Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. v. 3.

Art Déco na América Latina - 1º Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Urbanismo/Centro de Arquitetura e Urbanismo; PUC-RJ, 1997.

ASPECTOS GERAIS DE PORTO ALEGRE. Fortunato Pimentel (org.). Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1945, v.1

ASSIS, Célia de (org.). **Chama empreendedora. A história e a cultura do Grupo Gerdau. 1901-2001.** São Paulo: Prêmio, 2001.

AUGÉ, Marc. **Os não lugares.** Lisboa: Bertrand, 1994.

AYMONINO, Carlo. **O significado das cidades.** Lisboa: Editorial Presença, 1984.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BAKOS, Margaret Marchiori. **A continuidade administrativa no governo municipal de Porto Alegre. 1897-1937.** Tese de Doutorado em História, USP, São Paulo, 1986.

BAKOS, Margaret. "Decorando a sala de visitas do século XIX." In: MAUCH, Claudia(org.). Porto Alegre na virada do século XIX. Porto Alegre, Canoas, S.Leopoldo: Ed.Univ., Ed.Ulbra, Ed.Unisinos, 1994.

BANHAM, Reyner. **Teoria y diseño em la primera era de la máquina.** Barcelona: Ediciones Piados, 1985.

BARROSO, Vera Lúcia M. "O hospital Santo Antônio e o 4º. Distrito de Porto Alegre. A assistência médica infantil no bairro operário." In: **História/Unisinos. Número Especial: II Encontro Regional-Sul de História Oral/ABHO.** São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

BAUDRILLARD, Jean. **A ilusão do fim.** Lisboa: Terramar, 1992.

BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BAYER, Patrícia. **Art Deco Architecture.** London: Tames & Hudson, 1992.

BELLO, Helton Estivalet. **O Ecletismo e a imagem da cidade:** caso Porto Alegre. Dissertação de Mestrado, PROPUR, UFRGS, Porto Alegre, 1997.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **As Origens da Urbanística Moderna**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

BITTENCOURT, Doris M. M. **Casas residenciais em Porto Alegre em fins do século XIX e início do século XX**. Tese de Doutorado em Arquitetura, USP, São Paulo, 1996.

BLANCATO, Vicente. **As forças econômicas do estado RGS no 1º. Centenário da independência do Brasil: 1822-1922**. Porto Alegre: Oficinas gráficas da livraria do Globo-Barcellos, Bertaso e cia., 1922.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social do Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

BORGES, Jorge Luis. **Fervor de Buenos Aires**. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005.

BOZA, Cristián. **El barrio: punto de partida para reurbanizar la ciudad latinoamericana: el caso de Santiago de Chile**. Santiago: Cristian Boza & Asociados Arquitectos, 1987. Texto Digitado.

BROWNE, Enrique. **Otra Arquitectura en América Latina**. México: Gustavo Gili, 1988.

BRUAN, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BRUGALLI, Ana Paola. **Art Déco e as manifestações na arquitetura de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado, PROPARG, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

BUCCELLI, Vittorio. **Un Viaggio a Rio Grande del Sud**. Milão: Pallestrini, 1906.

BURGESS, Ernest W.; BOGUE, Donald. **Contribution to Urban Sociology**. Chicago: University Press, 1964.

CABRAL, Claudia P. **Tipologias Comerciais em Porto Alegre: da rua comercial ao shopping center**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre, 1996.

CABRAL, Gilberto Flores. **Distribuição espacial dos usos residenciais do solo-o caso de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado, PROPUR, UFRGS, Porto Alegre, 1982.

CALLEGARO, Adriana. **Uma Outra Modernidade em Porto Alegre**: um estudo sobre a evolução de padrões tipológicos a partir da arquitetura da Exposição Farroupilha. Dissertação de Mestrado, PROPUR, UFRGS, Porto Alegre, 2002.

CANEZ, Anna Paula. **Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre/Secretaria Municipal da Cultura/Unidade Editorial; Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 1998.

_____. et al. **Acervos Azevedo Moura Gertum e João Alberto**: Imagem e construção da modernidade em Porto Alegre. Porto Alegre: UNIRITTER Ed., 2004.

CARLOS, Ana Fani. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CASTELLO, Lineu (org.). **Análise Ambiental dos Navegantes**. Porto Alegre, 1988. Relatório de Pesquisa, PROPUR/UFRGS-Projeto MAB II/UNESCO.

_____. **A percepção de Lugar repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo**. Porto Alegre: PROPUR-UFRGS, 2007.

_____. “Distritos comerciais ou distritos tecnológicos: alternativas par “brownfields” industriais”. In: Seminário Internacional sobre vazios urbanos: novos desafios e oportunidades. **Anais**. Rio de Janeiro, 1999. p. 1-8.

CERWINSKE, Laura. **Tropical Deco**: The Architecture and Design of Old Miami Beach. 2. ed. New York: Rizzoli, 2003. 95 p.

CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia** - A história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.

_____. **A história Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de política cultural: cultura e imaginário**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COLQUHOUN, Alan. **Modernidade e tradição clássica**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

COLLINS, Peter. **Los ideales de La arquitectura moderna;su evolución (1750-1950)**. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

CONDE, Luiz Paulo Fernandez; ALMADA, M. "Introdução". In: CZAJKOWSKI, Jorge(org.) **Prefeitura Municipal.Guia da Arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Urbanismo, 1996.

CONDE, LUIZ Paulo Fernadez. "Protomodernismo em Copacabana." **Revista Au**, São Paulo, n. 16,p. 68-75 ,1987.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. "A polifonia do bairro: 4º. Distrito (Porto Alegre) - história/memória". **História/Unisinos. Número Especial: II Encontro Regional-Sul de História Oral/ABHO**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

_____. "Espaço urbano e imigrantes:Porto Alegre na virada do século". **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: PUCRS, v. 24,n. 1, jun. 1998.

CORONA,Fernando. "50 anos de formas plásticas e seus autores". In: BECKER,Klaus(org.). **Enciclopédia rio-grandense**. Canoas: Regional, 1957, v.3, p.217, 270.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: Plano e cotidiano Operário do Sertão.** Campinas: Papirus, 1998.

COSTA, Alfredo R. **O Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1922. v. 1.

CZAJKOWSKI, Jorge(org.).**Guia da Arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Urbanismo, 1996.

DAMASIO, Claudia. **Porto Alegre na década de 30:uma cidade idealizada, uma cidade real.** Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 1996.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DAMIANI, Gisela T. M.; D`AVILA, Naida L. M. **História dos Bairros Floresta, Navegantes e São Geraldo.** Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Cultura, EPHAC, dez. 1996. Texto Digitalizado.

DARDO, Arbide. "Una Arquitectura de los Márgenes: reconsideración de la obra de Francisco Salomone". **Revista Summa**, Buenos Aires, n. 63, p.104-109, 2004.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Confronto, 1997.

De CERTAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_____. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar.** Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DE FUSCO, Renato. **Historia de la Arquitectura Contemporânea.** Madri: Celeste Ediciones, 1992.

_____. **A idéia de Arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

DEGANI, José Lourenço. **Tradição e Modernidade no ciclo dos IAPs: o conjunto residencial do Passo D'areia e os projetos modernistas no contexto da habitação popular dos anos 40 e 50 no Brasil.** Dissertação de Mestrado, PROPARG/UNIRITTER, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

DE GRANDI, Celito. **Loureiro da Silva: O Charrua**. Porto Alegre: Literalis, 2002.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA. Vida e alma de uma cidade- retrato de corpo inteiro do quarto distrito. Porto Alegre, jun. 1959.

DIEZ, Fernando. "Urbanismo: Abstracción y delito". **Revista Summa**, Buenos Aires, n. 21, p. 90-93, 1996/97.

DIOS, Jorge Ramos de. El sistema Del Art Déco: centro y periferia, um caso de apropiación em la Arquitectura Latinoamericana. **Cuadernos Escala**, Bogotá, n.18, ago. 1991.

DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990.

DUMONT, Marie-Jeanne. **Le Logement Social à Paris.1850-1930**. Les habitations a Bon Marche. Liège: Mardaga Éditeur, 1991.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de Corte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

ESCOSTEGUY, Luiz Felipe. **Produção e uso dos espaços centrais à beira rio (1809-1860)**. Dissertação de Mestrado em História, PUCRS, Porto Alegre, 1993.

ESQUINAZI, Davit. **Arquitetura e Tipologia na Exposição Comemorativa do Centenário Farroupilha**. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, PROPARG, 1995. Texto Digitado.

ESQUINAZI, Davit; FROTA, José Artur D 'Aló. **Arquitetura comemorativa da Exposição do Centenário Farroupilha, 1935**. Porto Alegre: Corag, 1999. Catálogo.

Estatística Estadual. **Revista Egatea**, Porto Alegre, v. IV, 1917-18, p.141-144.

FIGURSKI, Janina. **Crônica da Sociedade Polônia**. Porto Alegre: Sociedade Polônia, 1970/80. Texto Datilografado.

FIGLI, Renato H. **Arquitetura moderna e o ensino da arquitetura: os cursos em Porto Alegre de 1945 a 1951**. Dissertação de Mestrado em História do Brasil, PUCRS, Porto Alegre, 1992.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas**. Caxias do Sul: Educs; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FORTINI, Archymedes. **Porto Alegre através dos tempos**. Porto Alegre: Divisão de Cultura, 1962.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1992.

_____. **Porto Alegre e seu comércio**. Porto Alegre: Associação Comercial de Porto Alegre, 1983.

_____. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FROTA, José Artur D'Aló. "A permanência do transitório." **Arqtexto**, Porto Alegre, v.1, n.zero, p. 13-21, 2000.

_____. **El vuelo del fénix la aventura de una idea -el Movimiento Moderno en tierras brasileñas**. Barcelona 1997, Programa de Doctorat, ETSAB.

GASTAL, Suzana. **Salas de Cinema: cenários porto-alegrenses**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1999.

GÉA, Lúcia S. **O espaço da casa: arquitetura residencial da elite Porto-alegrense (1893-1918)**. Dissertação de Mestrado em História, PUCRS, Porto Alegre, 1995.

GERRAND, Roger-Henri. "Espaços Privados". In: PERROT, Michelle(org.). **História da Vida Privada. Da Revolução à Primeira Guerra**. São Paulo: Cia das Letras, 1995. v. 4.

GERTZ, René. **Memórias de um imigrante anarquista**. Porto Alegre: EST, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1976.

GRAU, Cristina. **Borges y la arquitectura.** Madrid: Ediciones Cátedra, 1999.

GREGOTTI, Vlttorio. **Território da arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

GUTIÉRREZ, Ramón. "Andes Kálnay(1893-1982).Una Modernidad Distinta." **Revista Summa**, Buenos Aires, n.59, p.94-100, 2004.

GUTIÉRREZ, Ramon. "História, Memória e Comunidade. O direito ao patrimônio construído." In: **O direito à memória.** São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura - Depart. Patrimônio Histórico, 1992.

HABERMAS, Juergen. "Arquitetura moderna e pós-moderna." **Novos estudos CEBRAP**, n. 18, p.115-124, set.1987.

HILIER, Bevis; ESCRITT, Stephen. **Art Deco Style.** London: Phaidon, 2000.

HOFFMANN, Benno. "Notas sobre o arruamento das cidades". **Revista Egatea**, Porto Alegre, vol. X, jan/fev 1925.

HOMEM, Maria Cecília. **O Palacete Paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira: 1867-1918.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HOOGENSTRAATEN, Chétien. "Projeto de construção Econômica". **Revista Egatea**, Porto Alegre, v. 6, 1920-1921.

_____. "Projecto de um Bungalow". **Revista Egatea**. Porto Alegre, v.XII, n. 4, jul. e ago., 1927.

_____. "Esboço de um Bungalow". **Revista Egatea**, Porto Alegre, v. XIII, n. 1, jan. e fev., 1928.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades - Jardins de Amanhã.** São Paulo: HUSITEC Ltda, 1996.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ISABELLE, Arsène. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades americanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KERN, Maria Lúcia B. "Modernidade: significados na História." In: BRITES, Blanca et alii. **Modernidade**. Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Arte, UFRGS, 1991.

_____. "Historiografia da arte face às mudanças de paradigmas: Memória e tempo." In: **Anais do XXIX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, ago. 2009.

_____. KERN, Maria Lúcia B. "Modernidade argentina: diálogos entre Xul Solar e Jorge Luiz Borges". In: **Anais do XXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Rio de Janeiro: CDROM, 2008.

KIEFER, Flávio. "Uma travessia, muitas pontes". **A Ponte do Guaíba**. São Paulo: M. Carrilho Arquitetos Ltda., 2007/2008.

KLIEMANN, Luiza H.S. **A ferrovia gaúcha e as diretrizes de ordem e progresso 1905-1920**. Dissertação de Mestrado em História, PUCRS, Porto Alegre, 1977.

KRAFTA, Rômulo; AGUIAR, Douglas de. "Projeto de Reabilitação Urbana da Avenida Voluntários da Pátria, Porto Alegre". **Cadernos Brasileiros de Arquitetura-Desenho Urbano II**, São Paulo, 1984, v. 13.

LAMAS, José M.R.G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian-Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.

LAPOLLI, André. **Como destruir um patrimônio cultural urbano: a Vila do IAPI**, "crônica de uma morte anunciada". Dissertação de Mestrado, PROPUR/UFRGS, Porto Alegre, 2006.

LE CORBUSIER. **A Carta de Atenas**. São Paulo: EDUSP, 1993.

LE GOFF, Jaques. **Por amor à cidades**. São Paulo: Fundação Ed. Da UNESP, 1998.

_____. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1994.

LEMME, Arie Van de. **Guia de Arte Deco**. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

LEMOS, Carlos. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996.

_____. **Alvenaria Burguesa**. São Paulo: Nobel, 1989.

_____. "Prefácio". In: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de(org.). **A Promoção Privada da Habitação Econômica e a arquitetura Moderna.1930-1964**. São Carlos: Rima, 2002.

LEMOS, José Carlos Freitas. **O imaginário porto-alegrense dos anos 1930/40 segundo os bairros Navegantes e São João**. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Texto digitado.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: EDUSP, 2001.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. Lisboa: Edições 70, 1986.

LIMA, Claudio de Araujo. **Imperialismo e Angústia**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.

LIMA, Raquel R. **Edifícios de apartamentos: um tempo de modernidade no espaço privado**. Estudo da radial Independência/24 de outubro-P.A. nos anos 50. Tese de Doutorado em História, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

LIRA, José Tavares Correia de. "Modernidade e Economia do Morar no Recife". In: SAMPAIO, Maria Ruth A. de(org.). **A Promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna**. São Carlos: Rima, 2002.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. "Arquitetura moderna em Porto Alegre: uma história recente". **Arqtexto**, Porto Alegre, v.1, n. zero, p.22-30, 2000.

LUZ, Luis Fernando da. "Parque Farroupilha- o lago e os eixos como elementos da composição. **Arqtexto**, Porto Alegre, v.1, n. zero, p.85-93, 2000.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre, origem e crescimentos**. Porto Alegre: Sulina, 1968.

_____. Arquitetura luso-brasileira. In: WEIMAR, Günter(org.). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

MACHADO, Nara Helena Naumann. **A exposição do centenário farroupilha: ideologia e arquitetura**. Dissertação de Mestrado em História, PUCRS, Porto Alegre, 1990.

_____. **Modernidade, arquitetura e urbanismo: O centro de Porto Alegre (1928-1945)**. Tese de Doutorado em História, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

MAGALHÃES, Manuela Raposo. **A Arquitetura Paisagista**. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "Quando o campo é a cidade. Fazendo antropologia na metrópole". In: MAGNANI, J.G.& TORRES, L. (org.). **Na Metrópole**. São Paulo: EDUSP, 1996.

MAHFUZ, Edson. "Influências do Art Déco na Arquitetura Gaúcha". In: **Art Déco na América Latina- Iº Seminário Internacional**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Urbanismo/Centro de Arquitetura e Urbanismo; PUCRJ, 1997, 233 p.

MANSO, Celina Fernandes Almeida(org.). **Goiânia art déco: acervo arquitetônico e urbanístico**. Goiânia, 2004. Dossiê de tombamento, SEPLAN, v.1, 2, 3.

MARGENAT, Juan Pedro. **Arquitectura Art Déco em Montevideo (1925-1950): cuando no todas las catedrales eran blancas**. Montevideo: Editorial Dardo Sanzberro, 2000.

MARGENAT, Juan Pedro. **Barcos de Ladrillo. Arquitectura de Referentes Náuticos em Uruguay (1930-1950)** Montevideo: Editorial Dardo Sanzberro, 2001.

MARX, Murilo. **Cidade no Brasil em que termos?** São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MATTAR, Leila Nesralla. **Porto Alegre: Voluntários da Pátria e a experiência da rua plurifuncional (1900-1930)**. Dissertação de Mestrado em História, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

MELLO, João Fagundes de. "A Edificação no Rio Grande do Sul e a sua Regulamentação". **Revista Egatea**, Porto Alegre, n. 5, set. , vol. IV, 1918, p.258-262.

MENEGOTTO, Renato Gama. **Cidade baixa:pela manutenção dos cenários de um bairro tradicional de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado em História, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

MIRANDA, Adriana Eckert. **A evolução do edifício industrial em Porto Alegre 1870 a 1950**. Dissertação de mestrado, PROPAR/UFRGS, Porto Alegre, 2003.

MONDIN, Guido. **Burgo sem água(reminiscências do 4º. Distrito)**. Porto Alegre: Feplam, 1987.

MONEO, Rafael. **Inquietação teórica e estratégia projetual**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MONTANER, Josep Maria. **As formas do século XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

_____. **Depués Del Movimento Moderno -arquitectura de la segunda mitad del siglo XX**. Barcelona: Gustavo Gili,s/d.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade.A construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

_____. **Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Metrópole em Sinfonia: história,cultura e música popular na São Paulo dos anos 30**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

MOURA, Rosa Maia G.R. **Habitação Popular em Pelotas(1880-1950).Entre políticas públicas e investimentos privados.** Tese de Doutorado em História,PUCRS, Porto Alegre, 2006.

_____ & SCHLLE, A.R. **100 imagens da arquitetura pelotense.** Pelotas: Palloti, 1998.

MÜLLER, Dóris(coord.).**Anatomia de Bairro:Navegantes para a Prefeitura Municipal de Porto Alegre.** Porto Alegre, 1969. Relatório de Pesquisa, Gabinete de Planejamento Urbano e Regional/ UFRGS.

NOAL Filho, Valter Antônio; FRANCO,Sérgio da Costa. **Os viajantes olham Porto Alegre:1890-1941.** Santa Maria: Anatterra, 2004.

NORBERG-SCHULZ, Christian. "O fenômeno do lugar". In: NESBITT,Kate(org.). **Uma nova agenda para a arquitetura.** São Paulo: COSACNAIFY, 2006.

NORRO,Julio A. G. **Protomoderno ou Portomoderno?** Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, PROPAR, 1991.Texto Digitado.

OLIVEIRA, Ana Rosa; LUZ,Luis Fernando da. **Espaços de lazer e cidadania: o parque Farroupilha,Porto Alegre-RS.** Porto Alegre: out.2000. Texto digitado.

OLIVEIRA, Clovis S. de. **Porto Alegre. A cidade e sua formação.** Porto Alegre: Norma, 1985.

OLIVEIRA, Luciana de Lima;DIAS,Paulo Renato Ramos."A presença do Art Déco na Arquitetura do Subúrbio Carioca." In: **Art Déco na América Latina- I °Seminário Internacional.** Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Urbanismo/Centro de Arquitetura e Urbanismo; PUCRJ, 1997, 233 p.

OLIVEIRA, Rubem G. **Breve história da Sociedade Ginástica Navegantes São João.** Porto Alegre: S.G.São João, 2004.

PAIVA, Edvaldo Pereira; SILVA, José Loureiro da. **Um Plano de Urbanização.** Porto Alegre: Livraria do Globo, 1943.

PAIVA, Edvaldo P. e FARIAS, Ubatuba de. **Expediente Urbano de Porto Alegre.** Porto Alegre: Prefeitura Municipal/Diretoria Geral de Obras e Viação, 1942.

PANERAI, Phillippe. **Projectar la ciudada**. Madrid: Celeste, 2002.

PAULITSCH, Vivian S. **Rheingantz: Uma Vila Operária em Rio Grande**. Rio Grande: Editora da FURG, 2008.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PEHNT, Wolfgang. **La Arquitectura Expressionista**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.

PELLANDA, Ernesto. **A.J.Renner. Um capitão da indústria**. Porto Alegre: Globo, 1944.

PERROT, Michelle. "Maneiras de Morar". In: PERROT, Michelle(org.). **História da Vida Privada. Da Revolução à Primeira Guerra**. São Paulo:Cia das Letras, 1995, v.4.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS-PMPA, 1999.

_____. **História da indústria sul-rio-grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

_____. **A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho(RS:1889-1930)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

_____. **O espetáculo da rua**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1996.

_____. "A cidade maldita." In: SOUZA,Célia de;PESAVENTO, Sandra. **Imagens Urbanas**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1997.

PEVSNER, Nicolaus.**Origem da Arquitetura Moderna e do Design**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PEVSNER, Nicolaus. **Panorama da Arquitetura Ocidental**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PORTO ALEGRE, Achylles. **História Popular de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940.

PORTO ALEGRE: BIOGRAFIA D'UMA CIDADE. Álvaro Franco(org.). Porto Alegre, Tipografia do centro, 1940.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1997.

RAMOS, Jorge. "Buenos Aires Déco: a outra modernidade". In: **Art Déco na América Latina- Iº Seminário Internacional**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Urbanismo? Centro de Arquitetura e Urbanismo; PUCRJ, 1997, 233 p.

REICHEL, Heloisa j. **A indústria têxtil no RGS.1910-1930**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1978.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

ROCHE, Jean. **A colonização Alemã e o RGS**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.

ROGERS, Richard. **Cidades para um pequeno planeta**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.

RONCAYOLLO, Marcel. **La ciudad**. Barcelona: Pardós, 1988.

ROSSI, Aldo. **A Arquitectura da cidade**. Lisboa: Edições Cosmos, 1977.

_____. "Uma arquitetura analógica". In: NESBITT, Kate(org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: COSACNAIFY, 2006.

ROWE, Colin & KOETTER, Fred. **Ciudad Collage**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1998.

RUSCHEL, Simone. **A Modernidade na Av. Farrapos**. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado, PROAR/FAU-UFRGS.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: Pequena História de uma Idéia.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

SANHUDO, Ary Veiga. **Pôrto Alegre. Crônicas da minha cidade.** Porto Alegre: Ed. Sulina 1961.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade: ensaios.** Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Husitec, 1982.

SANTOS, Nelson F. dos. **A cidade como um jogo de cartas.** São Paulo: Projeto Editores, 1988.

SANTOS, Paulo. **Quatro séculos de arquitetura.** Rio de Janeiro: IAB-DN, 1981.

SARLO, Beatriz. **Borges, um escritor en las Orillas.** Buenos Aires: Seix Barral, 2003.

_____. **Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930.** Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1988.

SCHILLING, Suzana Porcello. "Vivência de uma descendente alemã no 4º. Distrito." In: **História/Unisinos. Número Especial: II Encontro Regional-Sul de História Oral/ABHO.** São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

SEBBEN, Maria da Graça. **Revitalização de Áreas Urbanas Um Estudo de Caso: A rua Voluntários da Pátria.** Dissertação de Mestrado, PROPUR/UFRGS, Porto Alegre, 1998.

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO MUNICIPAL. **Revitalização Urbana o 4º. Distrito em Porto Alegre.** Org. Maria Tereza Fortini Albano. Porto Alegre: s/ed., Novembro de 2001. Texto Digitado.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** São Paulo: Edusp, 2002.

_____. "Elisário Bahiana e a arquitetura art deco". **Revista AU**, São Paulo, n. 67, p. 14-22, 1984.

_____. "Utopia e realidade no panorama de uma arquitetura industrial." **Revista Projeto**, São Paulo, n. 101, ul 1987.

_____. "Modernidade pragmática: uma arquitetura dos anos 1920/40 fora dos manuais." **Revista Projeto**, São Paulo, n. 191, p.73-84, nov. 1995.

_____. **Prelúdio da Metrópole**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

SEGRE, Roberto. **América Latina, fim de milênio**: raízes e perspectivas de sua arquitetura. São Paulo: Studio Nobel, 1991.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Nacional,1977.

SOSTES, Ana Regina de Moraes. **Porto Alegre**: a cidade se reconfigura com as transformações dos bairros. Dissertação de Mestrado em História, PUCRS, Porto Alegre,2001.

SOUZA, Célia Ferraz de;MÜLLER,Dóris M. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Ed. da Univ./UFRGS, 1997.

_____. **Um resgate de cidade jardim**: a vila do IAPI. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 1994. Texto digitado.

_____. **O Plano Geral de melhoramentos de Porto Alegre**: da concepção às permanências. Tese de doutorado, FAU-USP, São Paulo, 2004.

STROHAECKER, Tânia M. **Navegantes**: evolução e tendências de um bairro de Porto Alegre. Relatório de pesquisa, FAU/UFRGS,GEDURB, Porto Alegre, 1991.

_____. **O mercado de terras de Porto Alegre(1900-1925)**: o caso da Companhia Predial e Agrícola. Belo Horizonte,1993. Trabalho apresentado em sessão temática do Encontro Nacional da ANPUR.

_____. **Atuação das Companhias de Loteamento em Porto Alegre no final do século XIX.** Publicações GEDAB, PROPUR/UFRGS, Porto Alegre, 1992.

SUBIRATS, Eduardo. **A flor e o cristal. Ensaio sobre arte e arquitetura modernas.** São Paulo: Nobel, 1988.

TEIXEIRA, Palmira P. **A fábrica do sonho. A trajetória do industrial Jorge Street.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

TOSTES, Theodomiro. **Nosso Bairro: Memórias de Theodomiro Tostes.** Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

UBATUBA DE FARIA, Luiz Arthur; PAIVA, Edvaldo Pereira. **Contribuição ao Estudo da urbanização de Porto Alegre.** Porto Alegre: mimeografado (s/Ed.), 1938.

UNES, Wolney. **Identidade Art Déco de Goiânia.** Goiânia: Ateliê Editorial, 2001.

VAZ, Lilian Fessler. **Moradia e Modernidade-habitação coletiva no Rio de Janeiro séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

VARGAS, Júlio Celso Borello. "Utopias, Ideologias e Urbanismo: as propostas de Edvaldo Pereira Paiva e Ubatuba de Faria para Porto Alegre. In: Kiefer, Flávio et alii. **Crítica na Arquitetura v Encontro de Teoria e História da Arquitetura.** Porto Alegre: Editora UniRitter, 2005.

VENTURI, Robert. **Complexidade e Contradição em Arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VENTURI, R., IZENOUR, S., SCOTT BROWN, D. **Aprendendo de Las Vegas.** Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

VERISSIMO, Erico. **Caminhos Cruzados.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Lembrança de Porto Alegre.** Porto Alegre: Ed. Globo, 1960.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador e BITTAR, William Seba Mallmann. **500 Anos da Casa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VIDA E ALMA DE UMA CIDADE: retrato de corpo inteiro do Quarto Distrito. Departamento Estadual de Estatística. Porto Alegre, jun.1959.

VILLAÇA, Flávio. "Uma contribuição para a historia do planejamento no Brasil".IN: DEÁK,Csaba & RAMOS,Sueli (org.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1999.

VOGEL, Arno et Alii. **Quando a rua vira casa**. Rio de Janeiro: FINEP/IBAM, 1982.

WEIMER, Günter.**Arquitetura Modernista em Porto Alegre entre 1930 e 1945**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre/Secretaria Municipal da Cultura/Unidade Editorial, 1998.

_____. **Levantamento de projetos arquitetônicos:Porto Alegre 1892 a 1957**.Porto Alegre:PMPA/Procempa,1998.

_____. "A Arquitetura dos anos trinta".**Revista Porto & Vírgula**,Porto Alegre,n^o 22,p.30-31,1995.

_____. "O "estilo"art déco." **Revista Projeto**, São Paulo, n.151, p.71-73, abril 1992.

_____. **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. O Plano Diretor de Porto Alegre e Arnaldo Gladosch,in: WEIMER, Günter(org.). **Textos Escolhidos da Arquitetura Gaúha**, Estudos Tecnológicos, vol.X. São Leopoldo: Gráfica Unisinos, 1997.

_____. **Origem e evolução das cidades rio-grandenses**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004.

_____. **A Arquitetura**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1992.

_____. **A arquitetura erudita da imigração alemã no RGS.** Tese de Doutorado em Arquitetura, FAUUSP, São Paulo: 1989.

_____. **Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul.1892/1945.**Santa Maria:editora UFSM,2004.

_____. **Theo Wiederspahn arquiteto.**Porto Alegre:EDIPUCRS,2009.

WHYTE,William. **The social life of small urban sapaces.** Washington: The Conservation Foundation, 1980.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. **Jardim América.** São Paulo: EDUSP, 2001.

WRIGHT, Arnold. **Impressões do Brazil no Século Vinte. Sua história,seu povo,commercio,industria e recursos.** Lioyd´s Greater Britain Publishing Company, Ltd., 1913.

XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI,Ivan. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre.** São Paulo:Pini; Porto Alegre:FAU-UFRGS, 1987.

Documentação eletrônica

CAMPOS, Eudes. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142008000100003&script=sci_arttext>. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material - Chalés paulistanos. Acesso em: jun.2009.

FRANÇA, Anderson. Disponível em <<http://www.4fapa.com.br/monographia>>. Os cinemas de bairro na memória da cidade de Porto Alegre.Acesso em ago.2009.

STROHAECKER,Tânia M. Disponível em ><http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-13.htm>>. Scripta Nova.Revista eletrônica de geografia y ciências sociales. Barcelona: 1 de agosto de 2005, v.IX,n. 194(13). Atuação do público e do privado na estruturação do mercado de terras de Porto Alegre (1890-1950). Acesso em: jan.2009.

WAPEDIA. Dispon<http://wapedia.mobi/pt/Geografia_de_PortoAlegre>. Acesso em: jun.2009.

Jornais

CORREIO DA NOITE. Porto Alegre, 13/12/1945; 3/08/1946; 23/08/1946; 16/10/1946; 16/12/1946.

CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 25/12/1945; 12/01/1946; 19/01/1946; 20/01/1946; 27/01/1946; 17/02/1946; 13/03/1946; 14/03/1946; 17/03/1946; 20/03/1946; 24/03/1946; 31/03/1946; 6/04/1946; 14/04/1946; 26/04/1946; 27/04/1946; 30/04/1946; 4/05/1946; 5/05/1946; 12/05/1946; 19/05/1946; 4/06/1946; 13/06/1946; 25/06/1946; 16/07/1946; 28/07/1946; 4/08/1946; 18/08/1946; 22/08/1946; 31/08/1946; 1º./10/1946; 15/10/1946; 24/11/1946; 5/12/1946; 12/12/1946; 16/12/1946; 19/12/1946; 16/02/1947; 13/03/1947; 16/03/1947; 10/04/1947.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Porto Alegre, 2/09/1930; 3/09/1930; 7/09/1930; 14/09/1930; 28/09/1930; 30/09/1930; 6/11/1930; 15 /11/1930; 16/11/1930; 23/11/1930; 30/11/1930; 11/01/1931; 7/01/1931; 11/01/1931; 27/01/1931; 30/01/1931; 1º./02/1931; 3/02/1931; 10/01/1946; 22/01/1946; 27/02/1946; 13/03/1946; 14/03/1946; 23/03/1946; 3/04/1946; 7/04/1946; 14/04/1946; 19/04/1946; 28/04/1946; 1º./05/1946; 7/05/1946; 19/05/1946; 12/06/1946; 14/07/1946; 16/07/1946; 21/07/1946; 28/07/1946; 9/08/1946; 5/08/1946; 29/09/1946; 4/10/1946; 31/12/1946; 3/03/1947; 10/04/1947.

FOLHA DA TARDE. Porto Alegre, 13/12/1945; 10/01/1946; 12/01/1946; 19/01/1946; 25/01/1946; 25/01/1946; 17/02/1946; 12/03/1946; 13/03/1946; 18/03/1946; 16/04/1946; 27/04/1946; 30/04/1946; 11/05/1946; 18/05/1946; 13/07/1946; 15/07/1946; 16/07/1946; 20/07/1946; 27/07/1946; 28/07/1946; 26/08/1946; 5/12/1946; 7/12/1946; 17/12/1946; 15/02/1947.

JORNAL DO DIA. Porto Alegre, 2/03/1947; 18/03/1947.

TRIBUNA GAÚCHA. Porto Alegre, 18/004/1946.

Artigos de jornais

Fundada a Associação dos Amigos do 4º. Distrito. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 13 de dezembro de 1945.

A Cidade. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, 10 de janeiro de 1946, p. 5.

Vilas Operárias. **Folha da Tarde**. Porto Alegre, 12 de janeiro 1946, p. 4.

Problema da Moradia de aluguel. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 27 de janeiro de 1946, p. 7.

A Construção de vilas operárias nos bairros do 4º. Distrito. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, 27 de fevereiro de 1946, p. 2.

Entraves burocráticos dificultam a construção da vila industriaria. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 22 de março de 1946, p. 3.

Os Festejos da Semana da Pátria no Quarto Distrito. **Folha da Tarde**. Porto Alegre, 26 de agosto de 1946, p. 9.

Comemoração do Trigo. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 5 de dezembro de 1946, p. 5.

ANDRÉ, Alberto. São João, sua fundação e desenvolvimento histórico. **Jornal Fala São João**. Porto Alegre, jun.1999, n.6, p.4.

Leis,Decretos e Atos Municipais

Código de Posturas Municipais Sobre Construções. Porto Alegre: A Federação, 1893.

Acto nº. 7, de 1º. de dezembro de 1892. In: **Leis, Decretos, Actos e Resoluções**. Administração do intendente Alfredo Augusto de Azevedo. Porto Alegre: A Federação, 1892.

Regulamento Geral das Construções. Leis, Decretos, Actos e Resoluções. Administração do intendente José Montauray. Porto Alegre: A Federação, 1914.

Decreto no. 115, de 15 de dezembro de 1927. In: **Leis,Decretos,Actos e Resoluções**. Administração do intendente Octavio F. da Rocha. Porto Alegre: A Federação, 1927.

Projeto de Código de Construções. Organizado pela Diretoria Geral de Obras e Viação. Porto Alegre: Globo, 1941.

Projetos

Pesquisas em microfilmes de projetos aprovados no período compreendido entre 1892 até a década de 1950.

Depoimentos Orais

GENTA, Alba. Entrevista à autora. Porto Alegre: 14.mar.2008.

LAMB, Vilma. Entrevista à autora. Porto Alegre: 21. mar.2009.

NOLL, Regis. Entrevista à autora. Porto Alegre: 14.jan.2009.

SANTINI, Albertina. Entrevista à autora. Porto Alegre: 21.jan.2008.

THEBICH, Irineu. Entrevista à autora. Porto Alegre: 20.jan.2009.

Locais de Pesquisa

Acervo Fotográfico do GEDAB-Faculdade de Arquitetura da UFRGS

Arquivo do Correio do Povo

Arquivo da Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural-SMC-PMPA

Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

Arquivo do GEDURB-UFRS

Arquivo Particular Günter Weimer

Arquivo Público da Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Associação dos Amigos do 4º. Distrito

Biblioteca Central da UFRGS

Biblioteca Central da PUCRS

Biblioteca da Câmara Municipal de Porto Alegre

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da UFRS

Biblioteca da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul

Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul

Biblioteca da Secretaria Municipal de Obras e Viação de Porto Alegre

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Mapoteca da Secretaria Municipal de Obras e Viação

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

Sociedade Ginástica Navegantes São João

Sociedade Polônia

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 - Fátima 1 - 3º andar - CEP 90619-900
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3326-3513 - Fax: (51) 3326-3518
E-mail: pppg@pucrs.br
www.pucrs.br